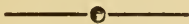
Typ. a vapor da Parceria A. M. Pereira — 70, Rua dos Correeiros, 72

LISBOA

COLLECÇÃO ANTONIO MARIA PEREIRA — 45.º Volume

A Volta do Chiado

COLLECÇÃO ANTÓNIO MARIA PEREIRA

EDUARDO DE BARROS LOBO (BELDEMONIO)

A VOLTA DO CHIADO

LISBOA

Parceria Antonio Maria Pereira

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 50, 52 e 54

1902

CAMARA ELECTIVA

I

Cada anno, o dia 2 de janeiro leva a capital a despezas extraordinarias de representação; nós somos ethnologicamente uns meridionaes incorrigiveis, mau grado todos os esforços do positivismo moderno, e havemos eternamente, pela fatalidade do nosso modo de ser, inclinar-nos com enthusiasmo espontaneo para as exhibições espectaculosas e para o deslumbramento das galas. E' uma questão de sol. Hontem, por exemplo, ninguem diria que o pino do inverno reinava, se acaso a inflexibilidade dos calendarios não marcasse, brutalmente, — «*chuva e sol entre nuvens.*» — O dia tinha madrugado nevoento, ligeiramente frio. Mas cada minuto que passava como que derretia um pouco da bruma, que a espaços se desfazia completamente deixando humedecida a terra. Pelas onze horas, o ar estava limpo e a atmosphera apresentava-se muito profunda. Quiz então brilhar o sol. De facto, elle rompeu a custo os seus envolucros de nevoa e poude illuminar d'arestas d'oiro certas asperezas das alturas, tenuemente; mas dir-se-hia que o pobre astro luminoso,

entorpecido pelo inverno, cabeceava de somno no seu cantinho fofo d'horisonte, e que sem querer se lhe cerravam as palpebras: — pouco a pouco, o oiro fluido de sol que se prendia ás saliencias orientaes das casas sumiu-se, — sumiu-se como um bafo d'Aurora mythologica, — e d'ahi em diante o ceu ficou-se inalteravelmente nublado, sem pestanejar sequer.

Comtudo, a *great attraction* da abertura das camaras subia este anno de ponto com a importancia excepcional que d'antemão se presagiava ao discurso da corôa. Esse documento, que nos outros annos é considerado uma pura formalidade, tomava agora as proporções extraordinarias de gravidade politica que tantos annos vimos attribuir, durante o segundo Imperio, ás mensagens de Napoleão III. Essas mensagens occupavam e preoccupavam a politica de toda a Europa; entre nós, o discurso da corôa nunca occupou nem preoccupou as attenções da politica nacional, ao menos; — e agora, emfim, chegou lhe a vez de dar que pensar aos nossos congressos politicos, mercê das reformas constitucionaes que por tanto tempo ahi foram annunciadas em toda a imprensa militante.

N'outro logar d'este jornal damos o texto completo d'esse documento, cuja importancia, na verdade, só uma flagrante má vontade poderá negar. De resto, os proprios adversarios da situação agitaram a opinião publica em favor d'elle, com as suas phantasias de visionarios politicos. Assim, um telegramma expedido de Lisboa ao *Primeiro de Janeiro* explicava ante hontem, com uma seriedade d'augure em face da galeria, que — «*Houve grandes difficuldades para que os ministros chegassem a accôrdo sobre a elaboração do discurso da corôa*» —. Ninguem ignora que houve grandes difficuldades, — como succede sempre que se tracta d'inimigos. Entretanto, é licito suppor que maiores difficuldades houve quando foi governo o partido que agora dá estas noticias, pois que tomou como lemma es-

sencial da sua bandeira as reformas politicas, e nunca se atreveu a proclamal-as no poder. Essa bandeira era uma bandeira de scena, apenas boa para illusões theatraes; o aderecista era o seu fiel depositario,—contra a realidade e contra os ratos. Ninguem pode rasoavelmente exigir que sejam d'oiro e brilhantes as corôas de papelão das rainhas de theatro; e quando Ruy Blas fulmina os ministros de Castella com o seu terrivel — «*Bon appétit, messieurs!* — seria realmente uma crueldade exigirem os espectadores da plateia que o integro cortezão fizesse condemnar os concussionarios perante os tribunaes civis, — a serio.

Nem por isso a affluencia ás côrtes augmentou; havia mais interesse, mas havia a mesma concorrencia, — o que já não é pouco. Effectivamente, quem conhece Lisboa sabe que as proximidades do dia 2 de janeiro são entrecortadas d'alvoroços, exactamente como se não se tractasse d'um ceremonial sabido e muito sabido, e d'esplendores tão infalliveis no seu apparecimento como as proprias festas fixas : — apparato de forças militares, galopar d'esquadrões, tiros de peça, *toilettes* de côrte, fardas de gala, desfiladas de carruagens, e musicas.

No serviço de policia interna houve uma innovação ainda a estas horas inexplicada, tão absurda e tão incoherente ella foi perante o nosso genio nacional: — não se consentir dentro do edificio senão a gente que n'elle cabia. Os outros annos, havia lá dentro um apertão infernal; nunca os mais casuisticos architectos souberam explicar como a casa não vinha abaixo com tanto pezo; a concorrencia ia muito além de tudo quanto se podia imaginar sobre resistencia d'alicerces. Este anno, o respectivo commissario de policia pensou que seria talvez possivel dispor as coisas de maneira que os curiosos não ficassem lá dentro completamente mortos, e que se podesse caminhar nos corredores sem ser por cima d'um montão de cadaveres. Elle

estava cá fóra, defronte da fachada, com a sua corporatura d'Hercules magnificentemente *drapée* no semi-uniforme official da casaca e de larga banda azul. Rugiam de volta d'elles os pedidos, uns humildes, outros autoritarios: — «*Meu senhor, mas eu tenho bilhete!*» —,— «*Eu tenho bilhete, heide entrar por força!*» —. E elle, esse bom Ferreira das Neves, teve coragem para ser inflexivel como uma rocha. Entretanto, não houve o mais pequeno dissabor. Verdade é que nunca a policia foi tão cortez.

Concebe-se bem que este primeiro artigo de chronica parlamentar seja magro. Apenas houve de notavel o discurso da corôa, cuja leitura recommendamos. Ao fechar da sessão, procuravam-se com avidez os exemplares d'esse documento que os continuos distribuiam na galeria, e commentavam-se os seus termos. Hoje é a primeira sessão preparatoria.

II

Hontem...

Giremos á volta do assumpto, em vez d'entrarmos n'elle. E' necessario ser muito provinciano, muito lisboeta, ou muito *reporter*, para prestar attenção a estas primeiras sessões, conhecidas por serem as mais fastidiosas coisas do mundo. Quando se tracta d'eleger um presidente cujo nome já de ha muito é sabido, e d'eleger commissões para darem pareceres *de omne re scibili,* — tudo isto no meio de uma debandada que só pode comparar-se á que todos os semestres se vê nas casas onde se installam novos inquilinos, — o melhor que ha a fazer — é dormir.

Hontem...

Giremos á volta do assumpto, em vez d'entrarmos n'elle. Dir-se-hia que a curiosidade publica e o alvoroço lisboeta esgotam no dia 2 de janeiro todo o fluido nervoso de que poderiam dispor em quinze dias para as questões parlamentares. Logo apoz a sessão solemne d'abertura das camaras, uma apathia imperturbavel rodeia o palacio das côrtes, triste da sua largueza deserta, mais triste ainda da estatua de José Estevão que gesticula silenciosamente á frente d'uma pobre fila de carruagens, — como se expozesse á representação nacional algumas queixas de donos de trens. Lá dentro,

as galerias desertas fazem uma amplidão maior, muito nua e muito desaconchegada, ao immenso salão em que alguns representantes de boa vontade fingem conversar vivamente e fingem votar enthusiasticamente, cheios de tedio. Os continuos bocejam. Os dois enormes fogões apagados, aos dois lados da presidencia, lançam no ambiente e nos espiritos o frio das suas grelhas desprovidas e do seu feitio de mausoleus. E por cima de tudo, amortece os animos a luz diffusa da sala, — esta luz baça d'inverno, em que o sol não faisca as suas alegres palhetas d'oiro.

Hontem...

Giremos á volta do assumpto, em vez d'entrarmos n'elle. Podiamos dizer que a meza estava constituida pelo sr. juiz José Maria Borges, como presidente, e dos srs. Abilio Lobo e Alberto Pimentel como secretarios. Mas toda a gente sabe que esta meza é provisoria. Preferimos consignar uma surpreza precisamente no sitio em que o sr. Alberto Pimentel, debruçado sobre o hemicyclo, fazia de quarto em quarto d'hora a chamada, sempre a mesma e sempre pelo mesmo caderno, dos senhores deputados que tinham de votar as listas. Eis a surpreza: — uma tribuna nova. Sim, uma tribuna nova, toda de ferro e mogno, enorme, monumental! Quantas passadas hontem a percorreram em todos os sentidos, curiosamente, em viagem d'exploração!. . Cada deputado que entrava julgava-se obrigado a tomar posse d'ella, como d'uma coisa preciosa; e o que então se passava era uniforme, dividido em tempos, como uma manobra militar:

Primeiro tempo. — O deputado abria o reposteiro, entrava dois passos, fazia-se bem evidentemente encontrado com a tribuna, e estacava d'assombro. Aqui, se era do partido governamental, o deputado jubilava por todos os detalhes das suas feições, — pelos olhos que se illuminavam, pelos labios que sorriam; se era da opposição, o depu-

tado tomava uma expressão de desalento perante aquelle desperdicio dos dinheiros publicos, e fazia um gesto indignado. Foi assim que nós podémos ver sentados n'um dos bancos mais altos da camara, conversando, os srs. Elias Garcia e Caetano de Carvalho. Este ultimo tinha uma viveza extraordinaria nos gestos, triumphava á face do seu collega; aquelle, apouquentado, revirava os olhos de cada vez que fitava a tribuna, e os seus olhares pareciam mesmo estar a dizer: — «*O suor do povo!...*» — N'isto, porém, o sr. Fuschini adeantou-se para os dois, fazendo uns grandes gestos joviaes. Da tribuna da imprensa, nós não podiamos ouvil-o, é claro; mas o riscar dos seus gestos e o movimento dos seus labios denunciavam esta phrase cheia de franqueza: — «*Qual suor nem qual carapuça! aquillo é o solio em que ha de triumphar Adriano Machado, se alguma vez elle cá voltar!...*» — Não podia ser outra coisa o que o sr. Fuschini dizia, pois que punha a mão na face ao mesmo tempo que inclinava a cabeça, — com o gesto de quem dorme.

Segundo tempo. — O deputado approximava-se, analisava detidamente a gradaria de ferro com ornatos doirados que assenta sobre uma meia-laranja de misulas de mogno, e inclinava repetidas vezes o busto como uma pessoa que manifesta satisfação. Effectivamente, aquillo era elegante e simples. O vaevem do busto parecia dizer: — «*Sim senhor, sim senhor...*» —

Terceiro tempo. — O deputado subiu os degraus do primeiro corpo da tribuna, — sempre com o pé direito. Chegado ao patamar, dava volta por deante da meza da presidencia, que fica superior, e debruçava-se umas poucas de vezes a apalpar o ferro e o mogno. De cada vez que se endireitava, a sua physionomia denotava um contentamento progressivo.

Quarto tempo. — O deputado subia o segundo lanço da tribuna, altivamente, e achava-se por traz

das cadeiras da meza. Ahi, cumprimentava o presidente com algumas phrases amaveis, emtanto que a voz do sr. Alberto Pimentel, em baixo, continuava a faina de fazer eternamente a eterna chamada dos senhores deputados; e no intervallo d'uma para outra phrase, olhava para o hemicyclo d'um modo particular, assim como quem diz que é bello ser orador, — quando se tem uma tribuna nova.

Mas quem ha de *brûler les planches* d'aquella tribuna, fazel-a vibrar e arder a todo o fogo da eloquencia, n'este final de seculo positivista e utilitario em que o discurso é morto, em que a rhetorica anda corrida a vaias por todas as operas buffas, e em que a grande figura de Demosthenes, apoucada pela caricatura critica d'Alberto Coinchon, nos apparece fazendo esgares de charlatão? Napoleão III dizia: — «*Un parlement qui se tait est un parlement qui travaille*» — ; e, coherente com a sua theoria, mandara empregar a tribuna do corpo legislativo — nos fogões do *Palais Bourbon*. Ha quatro dias que morreu o homem que pela primeira vez occupou uma tribuna em França, depois d'aquella abolição autoritaria; foi quando o vencido de Sédan preludiou a enorme catastrophe do segundo Imperio pela doida utopia do Imperio liberal; e a voz d'aquelle homem, tonante como a d'um Jupiter predestinado, fulminou raios sobre aquella cega confiança que pensara captar sympathias fornecendo um pedestal heroico aos seus inimigos. A guerra de 1870 não foi a morte do segundo Imperio: — foi apenas o seu funeral; e se as salvas d'artilheria cortaram vidas, foi por modo similhante áquelle como os Parthos disparavam flechas, — na fuga.

Emfim, ella lá está, pomposa e ampla como um orgão de cathedral. Justamente, como um orgão! Não sei quem diacho foi que hontem, depois d'estar um quarto d'hora a fazer paralellos entre a nova tribuna e diversos objectos, concluiu por affirmar que sim, que se parecia com um orgão de cathe-

dral, lastimando porém que lhe faltassem os canudos: — «*Se tivesse canudos, a similhança era completa.*» — Finalmente, ás 4 horas da tarde encerrou-se a sessão, depois d'eleita a lista quintupla e de nomeada a grande commissão que hoje será recebida por el-rei. A lista quintupla é composta dos srs. Bivar, Lencastre, Borges e Santos.

III

Nada.

Mas isso não faz ao caso: — em primeiro logar, a sessão tinha previamente sido marcada pelo sr. presidente-decano... — eu não sei se é absolutamente uma inconveniencia o precisar a qualidade do sr. presidente da primeira sessão preparatoria!... —; em segundo logar, mal nos iria se não aproveitassemos estes bellos feriados para ir gizando uns descriptivos da camara, e para ir talhando a traço largo a *silhouette* dos personagens que se presume occuparão a bocca da scena politica durante a epoca parlamentar. O sr. presidente-decano... — eu não sei se é absolutamente, *etc.*, *etc.*, *etc.!*... — não tinha contado com o lindissimo dia que hontem esteve,—um dia esplendido de primavera, cheio de sol, d'ares lavados e profundos, de garridices atmosphericas; e não tinha contado com a demora da grande commissão que havia d'ir participar a el-rei a constituição da camara. — D'estas coisas que transtornam os mais previdentes calculos!...

Nós estamos d'aqui vendo os senhores delegados, á volta do paço da Ajuda, lançando se em plena orgia d'idyllio pelas portinholas das suas carruagens,—precisamente como uns collegiaes em ferias,—com o tepido reflexo d'aquella deliciosa fresta

de primavera nas suas physionomias a que a severa *tenue* diplomatica embalde quizera imprimir um tom solemne, secco, e macambuzio. Deixem lá! Por mais deputado que se seja, um raio de bom sol ha de sempre alisar uma fronte enrugada pelo cuidado dos negocios publicos. Os senhores delegados affrouxaram a sua sollicitude em homenagem á festa da natureza alegre; — que mal ha n'isso? Trabalha se um pouco mais quando o ceu é fusco e chove, e ahi fica resgatada a pequenina falta de hontem.

Entretanto, o sr. presidente-decano... — eu não sei, *etc., etc., etc.!*... — o sr. presidente decano exultou, por certo. A accumulação dos annos e o adorno severo dos cabellos brancos são excellentes coisas, — coisas que formam uma aureola semi-religiosa, — sobretudo quando se tem caminhado por uma estrada honradissima de sciencia e de trabalho, como o sr. dr. Gomes, e sobretudo quando, ainda como elle, se tem representado na terra o principio sagrado da Justiça. Mas não importa: — ha occasiões em que uma amabilidade está mesmo a pedir um protesto indignado. Assim, na camara... — appellâmos para todos que nos ouvem!... — acham-se reunidos cem cavalheiros que não são da mais tenra puericia, e que se acham d'accordo para chamar a outro cavalheiro, muito respeitosamente: — «*V. ex.ª ha de ser o nosso presidente!... v. ex.ª é de todos nós o mais velho, — é o decano!*» — Isto é muito grave. Podem estar senhoras na galeria, — como ante-hontem estavam effectivamente, — e podem ser senhoras novas, senhoras bonitas, — como ante-hontem eram effectivamente. Ora é sabido que as senhoras bonitas usam a cruel *coquetterie* d'amar os cabellos brancos, — como filhas; e ahi está como deve dar vontade de responder a esta amabilidade masculina — «*v. ex.ª é o decano,*» — com esta phrase de protesto: — «*Decano será elle!...*» —

O feriado de hontem, portanto, havia de ser *un*

fameux débarras para o sr. juiz Gomes, que demais a mais teria de ver na sua frente, triumphantes de mocidade, deputados como o sr. Gonçalves de Freitas, por exemplo,—um rapaz que se diria fugido a alguma gravura romantica de 1840, — magro, pallido, com a bocca ensombrada por um buço melancolico, — e poeta, ainda por cima. No hemicyclo passeariam homens de estructura vigorosa e naturalmente jovial, como o sr. Manuel de Assumpção e o sr. Diogo de Macedo. E os degraus das bancadas seriam pizados por homens solidos e plethoricos, como o sr. Pinheiro Chagas e o sr. Emygdio Navarro, com essas passadas que parecem capazes de abalar um mundo. Entretanto, o sr. presidente-decano jazeria amodorrado na sua cadeira d'alto espaldar, esmagado sob as honrarias da sua certidão de baptismo, dolorosamente absorto no pensamento de ser — «*o decano*» —, e de estar pelos annos mais perto ainda da Justiça que pela sua elevada situação de magistrado, — n'esse ponto veneravel em que porventura um alvor das verdades eternas começa a alastrar umas tintas longinquas de madrugada sobre o espirito...

Esteve-se mais d'uma hora á espera da grande commissão, — e nada de commissão. Bôa!... a esse tempo flanava ella pelas immediações da Ajuda, de nariz ao sol e pulmões dilatados pela franqueza viva do ar, observando a folhagem pendente das pimenteiras carregadas de gomos escarlates, a ramaria ampla das acacias em que o sol fazia jogos de luz, e o chão humido em que um esfarellamento de florescencias violaceas, na proximidade dos eloendros, fazia arabescos de tapete phantastico. Na commissão, ainda bem, não ia nenhum poeta lyrico; senão, poderia ter havido confusão produzidas por essas pobres floritas dispersas, a que a imaginação se encarregaria de prestar nomes grandes. O sr. Gonçalves de Freitas... — meu Deus! para alguma coisa se ha de ser poeta, e myope!... —

o sr. Gonçalves de Freitas não teria perdido a occasião de exclamar, enternecido: — «*Olha uma bonina! uma bonina do prado!...*» — ; e de se agachar a apanhar as floritas, com expressões d'uma ternura infantil: — «*Uma bonina!... uma boninasinha!...*» —

Emfim, eram quatro horas e meia, os senhores deputados começaram a debandar. Os continuos fardados tinham melhor cara a abrir as vidraças, para a saida, que a abril-as, para a entrada... Exultavam. Os ultimos a sair foram dois provincianos, dois homens do Alemtejo, — forçosamente dois pertendentes em busca do seu deputado. Isto por hora não assume as graves proporções que são de uso quando as camaras estão em plena effervescencia de discussão, e que enxames de pertendentes atulham as galerias. Os dois de hontem eram da classe dos soffregos. Que esperem, que esperem...

Ao descer a escada, indicam-me uma gralha patusca do *Seculo*, uma *coquille* prodigiosa. Os leitores não sabem o que é uma gralha ou uma *coquille*, em terminologia typographica: — é publicar *utero* em vez de *uretra*, por exemplo, como hontem fez o *Seculo*. O utero d'um tribuno!...

IV

Uma hora de sessão, hontem, foi occupada pelas seguintes coisas: — posse da presidencia á meza definitiva, eleições de vice-presidentes e vice-secretarios, votos de sentimento pela morte de Antonio Rodrigues Sampaio e de Saraiva de Carvalho, voto de louvor á meza provisoria, e apresentação do orçamento pelo sr. ministro da fazenda. Socego taciturno, quasi somnolento. Cada dia que passa são vinte e quatro horas que se avança com o grande calor da refrega parlamentar que este anno se presagia, sobrexcitada pela exaltação dos animos opposicionistas. Não tarda que se entre nas discussões da ordem do dia, em que a paixão politica escabuja á larga. Preparam-se interpellações, limpam-se da ferrugem os tropos fulminantes. açacalam-se as metaphoras, carregam-se até á bocca as catilinarias. O sr. Marianno de Carvalho foi surprehendido a metter no forro do casaco a lata com que se fazem os trovões. O sr. Elias Garcia passa horas na redacção do seu jornal, sósinho defronte da gaveta meia-aberta da sua secretária, a esgaravatar a escorva dos raios com que ha de reduzir a cinzas os thronos da Europa. O sr. Emygdio Navarro, empunhando uma economia politica de marmelleiro, exercita-se no seu quarto a matar moscas com ella, de mangas arregaçadas até ao cotovello. E o sr.

Manuel d'Arriaga, ainda deputado *in partibus*, hesita comsigo mesmo se valerá a pena demittir Deus, —«*esse pobre diabo*...»—

Está succedendo o que previramos. O discurso da corôa tem dado, — e dará, — largo pasto á opposição. Ao partido progressista, sobretudo, assistem razões de sobra para se enfurecer com elle, poisque as annunciadas reformas politicas lhe quebram nas mãos a sua grande arma, ao mesmo tempo que o programma de melhoramentos materiaes, lealmente exposto, acaba de vez com um longo *mal entendu* amorosamente auxiliado pelos manejos de toda a imprensa progressista. E' inutil insistir n'este ponto e citar nomes que andam na bocca de todos. Basta reconhecer que o partido regenerador procedeu dignamente — abstendo se de pôr côbro, por meio de transacções inopportunas, a uma scisão que se produzia nas suas proprias fileiras, e deixando prolongar-se por muitos annos essa scisão, austeramente. Outro partido dar-se-hia pressa, talvez, em transigir; o partido regenerador foi bastante energico e bastante senhor dos seus proprios sentimentos, — que lhe faziam doer a sua situação d'inimigo apparente em face d'amigos reaes,—para considerar acima de conveniencias pessoaes as conveniencias do Estado, e para ver atravez da estreita logica dos partidos a razão suprema dos interesses nacionaes. E' assim que o programma d'obras publicas indicado no discurso da corôa, — esse programma cuja ausencia primeiro determinára a scisão alludida, e a sustentára por espaço d'annos, — não representa de nenhum modo uma transacção; elle é simplesmente a expressão de uma possibilidade actual, e a consequencia d'uma opportunidade. Chegou agora,— porque agora poude chegar sem transtornos, e porque emfim soou a sua hora no systema d'administração publica que tem sido a norma real, senão confessada ao menos subintelligivel, dos actos do partido regenerador.

Naturalmente, em derivações successivas, chegámos á carne viva dos adversarios do gabinete. Elles bem clamaram sempre: — «*Pois quê! um partido sem programma!..* » — Era verdade, não tinha programma a regeneração. — Mas ella tem levado por deante uma obra solida, e essa obra obedece evidentemente a um plano preconcebido, como o attestam a sua rectidão, a sua segurança, a sua viabilidade: mas o partido progressista vê em torno de si esfarellar-se a sua obra mesquinha, e começou por dar um *coup de canif* no seu programma repudiando as investidas contra o rei, e acabou de lançar á margem esse programma adiando as suas pomposas reformas politicas para quando as velhas luas voltassem. Eil-as. — as reformas politicas; ellas ahi apparecem na scena parlamentar, não em phrases d'effeito que as populações decoram e acclamam, como acclamam e decoram todas as insignificancias sonoras, mas em projecto governamental consagrado pela solemnidade do acto que o annunciou.

Sabem a historia do ladrão que por noite velha penetra n'um palacio em que ha grandes riquezas: — tem-se feito a mudança na vespera, o ladrão vê frustradas as suas esperanças, e exclama: — «*Estou roubado!*» — Por esta corda, pouco mais ou menos, afinam os jornaes progressistas: a sua rhetorica mal consegue disfarçar o seu rancor, os seus considerandos de bem publico são impotentes para abafar as cogitações furiosamente avaras do seu interesse privado; elles clamam ao paiz: — «*Estás burlado!...*» — ; e esta phrase não é mais do que a cohonestação, *ad usum populi*, d'esta outra: — «*Estamos roubados!*» —

Hontem, nos corredores da camara, falava-se da guerra systematica que a imprensa progressista rompeu ao longo das suas fileiras contra o discurso da corôa. Em toda a linha, fogo! — Citava-se o *Primeiro de Janeiro*, cuja redacção politica é feita em Lisboa, e cujas ideias opposicionistas vão até

não parar na discussão do que é já positivamente sabido, poisque penetra na conjecturação do que presume se fará. Assim, da phrase do discurso da corôa ácerca dos —«*limites rasoaveis das reformas politicas*» —, o *Primeiro de Janeiro* conclue que a representação das minorias se limitará a Lisboa e Porto. O que é saber! N'outro ponto, o mesmo jornal lamenta com uma seriedade notavel que se vá tractar dos negocios do Zaire, quando o governo francez está installando estações colonisadoras no Congo, para tornar effectivos os tractados concluidos com o rei Makoko. Tudo isto desaba pelo comico. Nem o governo francez pensa em atropellar os direitos primitivamente estabelecidos, nem o pobre monarcha africano é potentado sufficiente para dar ou tirar cartas de passe a ninguem. Um deputado da maioria, que esteve a ler o artigo, divertiu-se a fazer phantasias grammaticaes sobre o nome do monarcha; por fim achou esta, que é atroz: — «*Ser Makoko é meio caminho andado para ser macaco!*

V

Tivemos hontem uma decepção — coisa que aliás deve sempre esperar-se, em politica. Toda a noite e toda a manhã, estivera um tempo d'esses que os francezes caracterisam frisantemente, com esta phrase pittoresca: — «*à ne pas mettre un chien dehors*» — Chuva a cantaros, quasi continuada; um ventinho que se arranjava a rondar constantemente de norte a sul e d'este a oeste, de maneira que nos mettia a chuva pelos olhos ou pelo collarinho; e lama por todas as ruas, tanta que nos forçava a exercicios d'acrobata para atravessar d'um para outro passeio. Tinhamos, pois, calculado que a camara não se reuniria á falta de numero, e começáramos até um artigo d'opposição contra os senhores deputados bastante egoistas para preterirem os negocios do paiz em beneficio dos seus rheumatismos, — um artigo que sem duvida produziria crise na situação, e que principiava assim:

— «Como! pois ainda o outro dia, cheios de magnanimidade, desculpámos os senhores deputados de terem feito perder uma sessão por andarem a passear ao sol, e já hoje haviamos de desculpal-os de fazerem perder outra por se conservarem ao abrigo da chuva? O paiz, — dizemol-o bem alto, — tem direito a exigir dos seus representantes...»

Etc., etc., etc. Como podem avaliar, nenhum governo resistiria a similhante accusação da sua maioria, em que demais a mais falavamos no — *«cumprimento de deveres sagrados»* —, nas — *«necessidades urgentes da patria»* —, e no — *«suor do povo»* —. Era um trecho de prosa que o *Correio da Noite* e o *Seculo* nos teriam invejado. Ahi, nós condemnavamos acremente — *«o negro egoismo dos patriotas degenerados»* — e pediamos terminantemente á justiça divina que fulminasse os reprobos. Chovia sempre. Por descargo de consciencia avançámos até S. Bento, para gosar o jubilo da realisação d'um agouro. Logo ao chegar, porém, offereceu-se-nos o espectaculo d'uma fila de trens estacionada defronte da fachada do palacio, com os seus cavallos encolhidos sob a chuva. Já aquillo, era um indicio contra a nossa previsão. Subimos a escadaria da camara, rapidamente. Ao passar no patamar da galeria, vimos os continuos macambusios e a sentinella gravemente perfilada. Em cima, nas tribunas, a vidraça aberta deixava ver o corredor vasio, e outra sentinella tambem perfilada, emtanto que o continuo, — o nosso conhecido Gonçalves, — passeava d'um lado para o outro a passos lentos, com precaução, como quem receia fazer barulho. Não havia que duvidar, — estava-se em sessão. Effectivamente, chegando á porta da tribuna da imprensa, veio-nos, aos ouvidos a voz sonora do senhor segundo secretario, que fazia chamadas sobre chamadas: — eleições, eleições e mais eleições... Lá se tinha perdido aquelle terrivel artigo que nós escreveramos com a nossa melhor indignação de trazer por casa, e que devia custar a vida a um ministerio!...

De resto, as sessões continuam a ser somnolentas, aridas, cheias de formalidades. De vez em quando, um senhor deputado pede a palavra, e manda para a meza um parecer da commissão de verificação de poderes. Logo em seguida, o senhor

secretario faz outra chamada para votações cujo resultado é perfeitamente sabido, e segue-se um escrutinio fastidioso. O fastio, o fastio é que esmaga estas primeiras sessões. Durante muitos dias ainda, formalidades e mais formalidades terão de succeder-se, apenas accidentadas por uma ou outra voz que dirá: — *Mando para a meza um parecer da vossa commissão de poderes...»* — «*Mando para a meza o seguinte requerimento...*» — Entretanto, os senhores tachygraphos descançam.

Esperava-se para hontem um incidente interessante, a entrada do sr. Manuel d'Arriaga. O parecer da sua eleição foi apresentado e approvado, mas o novo deputado republicano não appareceu. A chuva... Prestaram juramento os senhores visconde do Rio Sado, Hintze Ribeiro, Neves Carneiro e Julio de Vilhena. Tudo formalidades que nenhum outro merito teem senão o que poderia dar-lhes uma observação de costumes parlamentares. Hoje provavelmente, será a apparição do sr. Manuel d'Arriaga na camara.

VI

A's terças feiras, como é geralmente sabido, compraz-se o Espirito Mau em erriçar de diabruras a superficie da Terra, tão cuidadosamente como um caçador furtivo dispõe armadilhas na espessura das moitas. São dias em que a vigilancia da policia celeste, por um accordo tacito com a região das trevas, abranda um pouco, e entrega a si proprio o espirito humano. Anjos, archanjos, seraphins, potestades, virgens e santos,—contentes no fundo por terem o seu feriado e poderem flanar em plena bemaventurança paradisiaca, por entre uma vegetação phantastica de heliotropos e de jasmins que nem a periodicidade das noites estrelladas, sob os pés de Deus, faz emmurchecer na haste,—reunem-se como bandos de collegiaes em orpheons que os violinos dos seraphins emmaranham de fios tenuissimos de melodia, ou jogam o *boston*, a tentos feitos d'estrellas.

São dias aziagos, sem duvida alguma. As mais robustas intelligencias teem forcejado por achar remedio a esse mysterioso mal que inutilisa em cada semana um dia, e ainda não chegaram a descobrir senão palliativos. Conhece-se o expediente de virar um sapato com a sola para o ar, e o de dar um nó na ponta do lenço. Além d'isso, deve tomar-se a precaução de não entrar porta alguma senão com

o pé direito. Certos espiritos fortes zombam de taes preconceitos, e fingem arrostar contra a superstição; mas quem não será n'este mundo um pouco supersticioso, principalmente quando dois ou tres acasos consecutivos teem vindo justificar a crença errada?

O sr. Manuel d'Arriaga, por exemplo, é um supersticioso. Ser supersticioso, aliás, poderá ser o maior dos defeitos, mas é com certeza a melhor das qualidades por onde se denunciam as almas vibrantes. O novo deputado sabe fugir do numero 13, sabe conservar um horror sagrado pelas terças-feiras, e sabe, — isto é o mais importante!... — entrar as portas com o pé direito. Evidentemente, pois, elle não podia hontem fazer a sua entrada — *«no seio da representação nacional»* —; o que não impediu d'acudir mais gente que de costume á camara, na esperança de presenciar o que se passaria quando o sr. presidente convidasse o senhor deputado a prestar juramento.

Chovia, e ameaços de trovoada ululavam em surdina ao longe, lá muito ao longe, — como uma penumbra de salvas de artilheria que reboassem na região das tempestades. As bategas succediam-se a intervallos, e a pequena fila de trens postados defronte das Côrtes, entre o monumento a José Estevão e a frontaria, apresentava no aspecto dos seus cavallos ensopados, dos seus vernizes humidos, e dos seus cocheiros abrigados por chapeus de chuva, — um espectaculo parecido com o de certas gravuras da *Illustração franceza*, em que o cortejo funebre passa n'uma atmosphera d'inverno, emtanto que o panorama da multidão é riscado obliquamente por uma chuva feita a riscos de buril. A espaços, um relampago longinquo, muito descórádo, fulminava na luz diffusa do dia um clarão imperceptivel de *punch*, esverdinhado e lugubre. Estava perfeitamente um dia de lobos, com cara de poucos amigos; e a isso talvez, se deveu o não se encher

todo o enorme edificio da immensa multidão dos— «*irmãos e amigos*»—, attrahidos pela entrada triumphal do seu correligionario.

Entretanto, nos corredores e nas galerias, alastrava-se um zumbido mais vivo que de costume. Havia movimento, rumor de vozes, um alvoroço de espectativa. Trez ou quatro jornalistas republicanos, porém, estavam no segredo dos deuses, e sorriam, ao ver aquelle aspecto vivo da camara caminhar para uma decepção. Segredava-se aos cantos, em *petit comité*, o motivo estranho da ausencia do sr. Manuel d'Arriaga, e contavam-se admirativamente casos de fraqueza d'este espirito forte que ao levantar da cama, cada manhã, sentiria erriçarem-se-lhe na cabeça os seus compridos cabellos loiros, se acaso reconhecesse que as suas botas não tinham de noite ficado absolutamente em linha, perfiladas como dois veteranos, com as suas biqueiras na mesma linha paralella ao leito, e as suas solas bem perpendiculares ao colchão. Dentro da camara...— foi a primeira coisa que corri curiosamente a averiguar, logo que se abriu a tribuna da imprensa!—... o sr. Elias Garcia, com a sua longa pera grisalha, passeava de sorriso constantemente afivelado aos cantos da bocca, como um velho diabo sceptico que tem visto muito mundo, muita superstição, e muito demonio joven a fazer *coquetterie*...

Ordens apertadas. Os continuos tinham recebido novas instrucções, e exigiam bilhete a quem queria entrar; o que não impedia que muitos intrusos conseguissem esgueirar-se para dentro das galerias, logo que apanhavam a mais pequena confusão propicia. O nosso velho Gonçalves, com a sua eterna sobrecasaca preta e o seu eterno sorriso amavel nos seus olhos de faiança azul, curvava-se por dentro da vidraça a cada novo espectador que entrava, simplesmente para pedir o bilhete áquelles que reclamavam a chave da tribuna da imprensa. Bravo! Pela primeira vez, na nossa vida, consegui-

mos disfarçar a nossa antipathia pelas suissas, e chegámos a achar sympathicas as suissas arruivadas do Gonçalves. Como dizem os italianos:—«*Brava!*»—É que não imaginam,—torna-se absolutamente necessario pôr côbro á invasão systematica que os outros annos enche a tribuna dos jornalistas de todo o mundo,—menos de jornalistas,—o que não é facil n'uma terra em que os noventa e nove centesimos da população teem diplomas perfeitamente em regra de membros da imprensa.

Nas proximidades de se abrir a sessão, arrefeceram um pouco os animos, porque se espalhou emfim o boato de que o sr. Manuel d'Arriaga não vinha. Confessemol-o,—o novo deputado era a *great attraction* do dia. Começaram a debandar os curiosos, d'orelha caída. Tres sugeitos cujas caras energicas, de typos um pouco flamengos, denunciavam á legua *touristes* em busca de curiosidades, e que tinham conscienciosamente corrido umas poucas de repartições a pedir bilhetes d'entrada, notaram esse movimento desalentado que se lhes affigurou talvez o prenuncio d'uma crise ministerial, e vieram para o corredor, em circulo, trocar syllabas gutturaes com ares de quem se surprehende em plena barafunda politica. Foi então que um poeta, na tribuna da imprensa, desesperado por aquella decepção, se sentou com uma inspiração de mil demonios a fazer a tragica epopeia d'aquella sessão chuvosa, e principiou a sua obra por este formidavel terceto:

Era uma tarde aziaga
Por isso não foi á camara
O grão Manuel d'Arriaga.

Seguia-se uma enfiada d'elles,—titanicos, dantescos. O poema, porém, deve sahir por estes dias em luxuosa edição, e é esse o motivo por que nos abstemos de o transcrever todo. Limitamo-nos a recommendal-o á posteridade.

De resto, um fastio mortal continuou a pesar sobre a camara. Chamadas, votações, escrutinios, apresentação de pareceres. Quando o sr. presidente, apóz communicação de que estava nos corredores da camara o sr. deputado Wenceslau Pereira, convidou os srs. Lopo Vaz e Manuel d'Assumpção a introduzil-o, um grande desafogo desabrochou na assembléa, que ao menos via n'aquillo uma accidentação da sua taciturnidade. Formaram-se alas, precipitadamente, e durante dois minutos reinou um silencio curioso. A entrada do novo deputado foi solemne, um pouco mais solemne que de costume. Elle caminhava entre os seus dois padrinhos, a passo cadenciado de procissão, pelo meio das duas alas concentradas no silencioso exame do novo collega que entrava; era um rapaz alto, bem parecido, de casaca e gravata branca, *paletot* côr de canella pendurado no braço esquerdo, ambas as mãos calçadas de terriveis luvas brancas,—brancas como a neve, — e um bigodinho loiro triumphalmente encerado entre duas bochechas rubicundas de seraphim de Murillo. Atraz, marchavam dois continuos muito graves, hirtos nas suas fardas azues bordadas a prata. No extremo de cada um dos patamares que descem para o hemicyclo, e que se succedem de degrau em degrau, o cortejo parava um instantinho, — o que dava ainda mais solemnidade ao acto. Assim foi que, chegando á presidencia, o novo deputado ia já commovido, — muito commovido,— com uma ligeira tremura nos labios, e que perdeu totalmente a cabeça quando viu sobre a meza o apparato do ripanço do sr. Bivar, e da formula do juramento, impressa n'uma pasta de velludo vermelho. Pôz sobre o livro sagrado a sua mão direita ainda calçada da terrivel luva branca, — muito branca, — e jurou... Devia ter sido uma agonia. Ao concluir, soltou um suspiro d'allivio, e agarrou-se como um naufrago á mão que o sr. Bivar lhe estendia amavelmente,— sempre com a sua

mão direita calçada da terrivel luva branca,—muito branca. O sr. presidente sorriu-se, e affectou não olhar senão bem fito para o bigodinho triumphante do novo deputado. Um cortezão,—o sr. Bivar...

VII

Çà commence à devenir musical! Temos emfim a fera no povoado.

A fera, — é modo de dizer. O sr. Manuel d'Arriaga, moço ainda no seu desenvolvimento organico e no seu formoso espirito, — não confundir com o *Espirito das Leis*, de Montaigne!... — loiro como um principesinho de Bragança, gentilmente elegante e rasoavelmente falador, — nunca pode ser bem o que se chama uma fera, — essa taciturna creatura de fulva pellagem que apenas solta uns uivos roucos, e cuja elegancia só póde ser essa felina agilidade com que nos juncaes do Bengala, sob estiletes candentes de sol, os jaguares mosqueados d'amarello e preto saltam nervosamente ao lombo dos elephantes ensinados para a caça do tigre.

Chegara emfim um dia propicio á primeira apparição de sua excellencia — «*no seio da representação nacional.*» — Para os Romanos dos imperios dos Cezares, — como pode ver-se em Tito Livio e em Suetonio, — a quarta feira, dia consagrado a uma divindade bemfazeja, era sempre d'excellente presagio. N'esse dia patiram para as longinquas campanhas as legiões munidas de balistas e d'arietes, e vestiam pela primeira vez a toga viril os primogenitos das familias patricias. As pallidas vestaes, silenciosamente comidas d'uma inveja ás

cortezãs do Quirinal, atiçavam n'esse dia de mais vontade o fogo sagrado, como se esperassem que elle serviria para allumiar o seu libertamento; e os augures de longas togas brancas esqueciam se de sorrir quando se entreolhavam, embebidos na tarefa de ler um futuro resplandecente sobre as entranhas ainda palpitantes das aves consagradas.

O sr. Manuel d'Arriaga, supersticioso como um Romano, ousou emfim apparecer hontem, e appareceu radiante, com esse bello olhar altivo que tambem deviam ter os generaes romanos, quando regressavam victoriosos á cidade de Romulo. Sua excellencia não trouxe atraz de si, acorrentados, o sr. Braamcamp e o sr. Senna Freitas; não se fez acompanhar dos despojos opimos da victoria, em bordados da Ilha e cadeiras de vime; mas em compensação d'aquellas duas isenções, foi intransigente no seguinte ponto do ceremonial: — em se fazer conduzir n'um carro triumphal da Companhia, mesmo até ao fundo da escadaria de S. Bento. Ahi, o sr. Manuel d'Arriaga apeou-se, e arregaçou um pouco as calças. Poude ver-se, n'esse movimento, que os canos dos seus cothurnos provinham da Sapataria Lisbonense da rua Augusta, e que sua excellencia estranhára que lhe não juncassem de flores o caminho. Na cabeça, o sr. Manuel d'Arriaga trazia modestamente cingido um capacete alto do Roxo; a sua marcial estatura, de resto, vinha envolvida n'um manto de casimira clara talhado pelos padrões do *Journal des tailleurs*, e esse manto mal se deixava entufar, ao lado esquerdo, por qualquer coisa que devia provavelmente ser o gladio de combate.

Assim que poz pé no primeiro degrau do edificio, sua excellencia lançou um soberbo olhar ás quádrigas estacionadas junto do monumento, sob a chuva que fazia pingar as orelhas das tristes pilecas, e procurou com os olhos os lictores ausentes. Apenas do alto da escadaria, dois jornalistas

republicanos, egoistamente abrigados da chuva, acenaram ao triumphador offerecendo-lhe, para subir, os seus escudos, feitos d'um numero do *Seculo* e d'outro numero do *Trinta Diabos*. Foi então que o sr. Manuel d'Arriaga caiu em si, e na realidade da sua situação. Triste, muito triste! Não havia manifestações populares, não acudiam — «*irmãos e amigos*» — a roçar-se pelo sobretudo do seu correligionario. Chovia a cantaros, o chão espapaçava-se em atoleiros de lama, e aquella atmosphera encarvoada d'inverno escurecia em tintas funebres o colorido da paizagem, esbatendo singularmente os contornos. Ninguem! ninguem d'enthusiasmo e de boa vontade!...

Mas então umas passadas deseguaes, tortuosas, avançaram pelo patim da escadaria adeante, e pararam detraz do sr. Manuel d'Arriaga. Essas passadas tinham conduzido um homem dos seus trinta annos, sem chapeu, esbandalhado, com os cabellos da cabeça e da barba escorrendo chuva. O homem parou, bamboando-se como um velho marinheiro que acaba de desembarcar; os seus olhos mortiços fechavam-se a espaços, durante tres segundos; o beiço inferior pendia-lhe inerte e com as mucosas raiadas d'uma baba violacea, como succede aos alcoolisados; o seu busto tinha ás vezes umas inclinações sobresaltadas, como de quem adormecesse mesmo em pé. Durante meio minuto esteve examinando de perto as costas do sr. Manuel d'Arriaga, attentamente. Por ultimo, passou-lhe a mão muito ao de leve pela aba do *paletot;* e, naturalmente satisfeito com esse exame, foi a passos tropegos até á sentinella, gaguejando:

— «Aquillo é que é um homem! aquillo é que é um homem!...» —

A sentinella, porém, mandou-o affastar: — «*Arrede-se p'ra lá!*» — Elle, então, foi-se affastando aos bórdos, rosnando coisas que tinha lido antigamente no *Seculo*. Mas chegando sob as biqueiras torren-

ciaes do edificio, a agua entrou lhe pela camisa abaixo, e elle, naturalmente, deitou um olhar ao sr. Manuel d'Arriaga que ia entrando, bem agasalhado no seu *paletot*. Fez-se uma revolta instantanea no seu espirito; e desceu a escadaria, grunhindo:

— «Um casaca!.... um casaca!...»—

Em cima, o novo deputado teve o maior successo de curiosidade que o terrivel dia de hontem podia permittir. Á sua entrada na galeria da camara, formavam-se alas, e pescoços soffregos esganavam-se a olhar por cima do hombro de quem se postára na frente. Segredava-se, por entre cotovellões que reclamavam attenção: — «*É aquelle!...*»—E uma senhora nova, — nova e bonita, — mirou d'alto a baixo o eleito do povo que avançava olhando sem ver, atravez da sua luneta de myope. Entretanto, de lado, uma voz desinteressada d'aquelle espectaculo exclamava, com indignação: — «*É um escandalo, está a camara em estado de sitio!...*» — Era um jornalista republicano que estava declamando, — possuido do seu papel como um bom actor,—o artigo que no dia seguinte publicaria contra — «*os perfidos manejos do commissario de policia.*»—Dizia-se n'esse artigo, entre outras coisas, que o representante da auctoridade coarctára tyrannicamente a livre entrada do povo no recinto da representação nacional, e que sinistros janizaros da monarchia tinham invadido a galeria publica. Falava-se n'elle dos direitos do homem, e recommendava-se á vindicta das gerações futuras o sr. Ferreira das Neves. O jornalista declamava o seu artigo, com fogo, e tentava magnetizar os seus ouvintes com o fuzilar dos seus olhos de tribuno pupular. No fim, limpou da testa o suor do povo que n'ella aljofrava, e um collega ingenuo perguntou-lhe:— *Pois será verdade isso?...*»—Elle teve successivamente um olhar de surpreza e um olhar de dó, em presença d'aquella triste ignorancia; e voltou costas, resbunando: — «*É tolo!...*» —

Entrava n'esse meio tempo, introduzido pelos senhores Elias Garcia e Gonçalves de Freitas, o novo deputado. A attitude do sr. Manuel d'Arriaga entre esses dois cavalheiros,— façamos-lhe justiça, — foi absolutamente correcta. Façam-me antes de mais nada a fineza d'attentar na bella presença do representante do Funchal,— estatura desempenada, porte orgulhoso de cabeça, esplendida cabelleira loira finissima, bigode e pera egualmente loiros, peito alto de tribuno. E' dos poucos homens a quem fica bem uma casaca, — e que sabem trazel-a com *aisance*. Traz sempre a cabeça muito erguida, quasi olhando para o ceu, como todos os myopes. A sua marcha correctamente digna até á presidencia, entre os seus dois padrinhos que podiam representar o lyrismo ingenuo e juvenil,— pela figura *maladive* do sr. Gonçalves de Freitas,— e o scepticismo zombeteiro da moderna vida utilitaria,— pela pera grisalha e mephistophelica do sr. Elias Garcia,— foi serena, irreprehensivel. Accusava-se n'aquelle andar o *homme du monde*. Ninguem diria que ali caminhava um eleito da democracia, resolvido pela proveniencia do seu mandato a ser o campeão d'essa secreção *shocking* que as gazetas republicanas denominam — «SUOR DO POVO» —, em versaletes.

Reinava um silencio profundo em toda a camara; nas tribunas, estrangulava-se d'anciedade. Como que podia sentir-se esvoaçar no ambiente o genio meticuloso das pragmaticas officiaes. Comtudo, — por uma approximação singular d'idéias, — aquelle silencio e aquella gravidade solemne das sobrecasacas pretas accidentavam-se, para os nossos olhos e para os nossos ouvidos, d'uma extravagancia inexplicavel de sons e de côres. Qualquer coisa d'anormal se operava na nossa imaginação. Depravava-senos a noção rasoavel dos objectos. Assim, o sr. Manuel de Arriaga avançava em bicos de pés, vestido como um *incrivel* do Directorio, com a casaca pinturilada de longas abas até ás barrigas das per-

nas. Sua excellencia ia de calção e sapato de fivella, meia de seda, collete de damasco em cuja ramagem pendia um enorme *lorgnon*, e uma barafunda de berloques na cadeia do relogio. Bamboleava nas duas mãos, como uma maroma d'equilibrista, a sua comprida bengala em espiral, e cingiam-lhe o pescoço as vinte voltas d'uma immensa gravata preta. O seu olhar era o olhar desconfiado d'um conspirador, sob uma enorme cabelleira loira em anneis, que o chapeu atravessado do tempo mal podia conter em respeito. Nós viamos, emfim,—mas viamos quasi distinctamente,—avançar para a presidencia, uma d'essas gentilissimas figuras d'elegan-es que fizeram a sua apparição logo em seguida ao Terror, —como das sepulturas razas brotam flores suavissimas,—e que até na maneira de falar quizeram pôr a doçura effeminada dos seus costumes, cortando da pronuncia as lettras asperas. Na *Senhora Angot*, Trenitz dizia:

—«Estive em casa da senhô.a .écamier... Dançou-se a valsa das .osas... Oh! ado.avel! mil vezes ado.avel!...»—

Pois o sr. Manuel d'Arriaga era Trenitz, n'esse momento, e conspirava. A sala tinha-se transformado n'um palco, deviam andar no corredor as *maravilhosas* do Directorio e mais o sr. Francisco Palha. Pomponnet, o cabelleireiro, estaria a pentear macacos, e *mademoiselle* Lange faria trinados de ensaio entre bastidores, adoravelmente impudica na sua esplendida *toilette* de cortezã atheniense. E dir-se-hia que as paredes da camara suavam um aroma remoto d'harmonias em surdina, d'essas harmonias vagamente melancolicas em que a penna de Carlos Lecocq se compraz com amor. Como que um fiosinho tenue d'instrumentação bordava ao longe este motivo delicadissimo:

Quand on conspire,
Quand sans frayeur,

On' veut se dire conspirateur,
Perruque blonde
Il faut avoir,
etc, *etc.*, *etc*:..

Mas desvaneceu-se tudo isto como um perfume oriental que acaba de se queimar em caçoletas d'ouro, e que um pé de vento dispersa, — quando o novo deputado firmou o pé no estrado da presidencia. O sr. Manuel d'Arriaga tinha um perfeito aspecto de boa educação, — era perfeitamente moderno e vivo. A sua face immobilisava-se n'um meio sorriso de bella sociedade, a sua gravata branca fazia pregas irreprehensiveis sobre o seu largo peitilho reluzente como porcelana. Descalçou da mão direita a luva *gris-perle*, d'um tom ligeiramente anilado, e jurou, lendo em voz intelligivel a formula do juramento politico..................

....

....

Dizem os meus amigos parizienses: — «*Cà ne tire pas à conséquence!*» — E não. Já Molière tambem fazia dizer a um dos seus personagens: — «*Il y a des accommodements avec le ciel!*» — Reina uma amavel philosophia em que o espirito das sociedades modernas cristallisou a sua corrupção, — corrupção feita d'elegancias, de scepticismos, de depravações sem numero. Nós somos accommodaticios... — que diacho! — ... e usamos luva *gris-perle*. Por dois dias que a gente anda n'este mundo... — invocâmos o testimunho do sr. Manuel d'Arriaga! — ... não vale a pena deixar d'usar sapatos de baile nem umas infidelidadesinhas, — umas infidelidadesinhas pequeninas, está claro! A gente faz um juramento, quebra-o no dia seguinte, — ou quebra-o no mesmo dia, — e faz depois outro inteiramente contrario, — que mais tarde se quebra como se tem quebrado o primeiro. Isto é uma historia!...

Mas nenhuma d'estas considerações impediu

que um certo espanto invadisse a tribuna publica, onde muitos — «*irmãos e amigos*» — esperavam naturalmente protestos indignados, recusas de juramentos, o vivo demonio! A esses, decerto, não chegou ainda o bafejo da tal philosophia moderna em que entram corrupções d'elegancia, de scepticismo, etc. Esses estão ingenuos. Admiraram-se d'aquella facilidade em fazer uma coisa séria como quem faria uma coisa patusca. E o jornalista do furibundo artigo contra — «*os abusos da auctoridade*» —, se n'esse momento os visse, tel-os-hia fulminado com a sua phrase *blasée:*

— «*São tolos!*» —

VIII

O feriado de hontem, logo apoz a iniciação do sr. Manuel d'Arriaga nos mysterios eleusinos da representação nacional, foi esse ponto de suspensão que os *maestros* engastam em certas cavatinas de violino, e em que se lê esta phrase de desafogo: — «*ad libitum*» —. Chegado ahi, o musico dá largas á sua phantasia, e põe-se amorosamente a desfiar como um collar de perolas o fio melodico das suas notas, em caprichos d'inspiração que seguem todas as sinuosidades do pensamento. Pela mesma fórma, a chronica parlamentar pode hoje divagar *ad libitum,* sobre motivos da sessão d'ante-hontem. E é por isso que ainda a esta hora nos occupa o sr. Manuel d'Arriaga, — *for ever, for ever!...*

Pela primeira vez no nosso regimen parlamentar, dois deputados republicanos se encontrarão na camara a esgrimir contra o phantasma irritante da monarchia. O sr. Rodrigues de Freitas, sósinho, e o sr. Elias Garcia, sósinho tambem, afogavam-se até aqui na immensa maioria contraria, que bem facilmente os reduzia á impotencia. Qualquer d'elles, por maior que fosse a sua energia, tinha de ceder á fatalidade do seu isolamento, — d'esse isolamento que opéra sobre o espirito como o proprio

desanimo. Agora, dois correligionarios unidos cedem um ao outro o appoio da sua presença. E dá-se n'isto um caso identico ao da lei da queda dos graves, na physica: — a resultante da acção d'ambos não é a somma das acções de cada um; é a sua multiplicação, em proporções cujos termos terão de variar segundo as circumstancias concorrentes.

Pode prever-se que, d'estes dois eleitos do povo, um, — o sr. Elias Garcia, — será mais facil de contentar que o outro. Pela sua edade, pela sua posição, pelo seu largo conhecimento do nosso modo de ser como sociedade, — o sr. Elias Garcia é sobretudo um opportunista e um moderado. Já não tem o sangue na guelra. A sua democracia não é um enthusiasmo nem um fervor: — é uma opinião, ou, melhor que isso, uma critica; o que talvez poderia resumir-se e caracterisar-se dizendo apenas que ella é o titulo recente do seu jornal, — a democracia portugueza. De resto, os seus cabellos brancos e a sua biographia de quem tem *beaucoup roulé sa bosse* predispõem-no a um bello scepticismo politico: — a sabedoria experimental é mãe da indifferença, o sr. Elias Garcia não é precisamente um tenro infante, — e o diabo sabe muito porque é velho.

Mas temos agora o sr. Manuel d'Arriaga. Esse é novo, é loiro, é advogado, é nervoso, e é crente. Entra pela primeira vez na deputação, como um adolescente na sua primeira orgia; aspira o primeiro incenso da sua consagração official, como um pensionista de collegio fuma o seu primeiro charuto. A scena é conhecida, — todos nós por lá passámos, todos nós tivemos uma terrivel indigestão, e todos nós cuidámos morrer suffocados pela nicotina. Parece que se não é gente, emquanto se não tem commungado nos prazeres da edade viril: — sonha-se de noite com raparigas que passaram sob as janellas do collegio, e que tinham *saleros* d'uma

lascivia bandalha; scisma-se em passagens de romances que andaram escondidos no colchão, e em que morbidas figuras de *cocottes* deslisavam n'uma torrente de *champagne;* e tem-se uma surda inveja ao externo de mathematica, — que fuma cigarros d'oito por boquilhas incommensuraveis, a um canto do pateo.

Um dia, o collegial sae, encontra-se em pleno vicio. Tem lavada a consciencia, em perfeito estado o estomago, e as mucosas dos labios com essa humidade carminada que dá uma vida casta. Mas ruge em volta de si a corrupção: —rapazes d'olheiras bistradas falam rouco, hespanholas que passam cumprimentam enthusiasticamente um elegante cujo nariz desabrocha em florescencias estranhas, e um circulo escuta com sollicitude um cocheiro que conta a sua ultima visita ao Dáfundo, —uma bexiga d'estalo. Elle, então, acceita com simulada *aisance* um charuto que lhe offerecem, chupa-o de beiços muito estendidos, pega-lhe desastradamente com as pontas de dois dedos; e exclama, n'um esforço de boa-vontade para se mostrar homem: — «*Vamos lá p'rá pandega!*» —

O ceu nos é testimunha de que não consideramos a representação nacional — uma pandega. Para certos, porém, ella é a primeira orgia de poder, — sobe á cabeça como a primeira taça de *champagne*, e estontéia como o primeiro charuto. O sr. Manuel d'Arriaga, saboreando emfim os primeiros gozos da deputação, perde subitamente nos fumos da sua estreia toda a tranquilla segurança adquirida atravez do seu tirocinio como advogado, e cede ás fatalidades do seu organismo. Por outro lado, umas poucas de circumstancias lhe formam outros tantos defeitos: — a sua situação no partido republicano carece dos appoios que só podem ser dados por uma estricta lealdade dos correligionarios, a sua educação do fôro predispõe-no aos sentimentalismos que embrulham a noção rasoavel dos negocios

publicos, e a sua propria origem eleitoral traz o vicio incuravel de todas as fortunas que vieram sem ser esperadas e sem ser merecidas. Com effeito, devemos convencer-nos de que a sabedoria das nações errou, quando proferiu pela bocca dos Romanos esta sentença optimista: — «*Inter duo litigantes, tertius gaudet*» — Não: — *inter duo litigantes*, — o terceiro é que apanha; — e aprazamos o sr. Manuel d'Arriaga para quando o seu gaudio fôr mais jovial, porque será justamente n'essa occasião que o nosso paradoxo terá de justificar-se.

Não tentâmos, aliás, disfarçar a sympathia que sentimos pelo novo deputado O talento tem privilegios, — mesmo quando se lança n'um caminho de trabalho em que o encanto da causa, deturpada e abandalhada por ambições soffregas, reclama as aspersões desinfectantes do chloro. E deplorâmos que o seu espirito, orientado para o combate pela democracia n'um tempo em que as juvenilidades generosas da alma poderam dar-lhe a crença n'uma possibilidade de victoria, não tivesse mais tarde a força necessaria para se desviar, quando reconheceu que havia atoleiros no caminho. Isso é que é a energia, — ter coragem de marchar outro tanto caminho até ao ponto de partida, logo que se deu pelo erro, — e conseguir esmagar o sentimento. A politica não quer sensibilidades, — quer raciocinios. A persistencia n'uma ideia nem sempre é uma fidelidade: — muitas vezes é um terror pusilanime das accusações que antecipadamente se consideram ineptas, e um medo de se confessar que se errou.

O sr. Manuel d'Arriaga combate n'um campo em que nunca poderá ser-lhe perdoado — o talento. Deve ter o horror das formulas absolutas, — que são o grande escolho dos republicanos portuguezes: — não pela constituição nativa do seu espirito, mas pela profissão que forçosamente lh'a tem modificado. Com effeito, um advogado é quasi sempre uma amante *à bon marché*, prompta para saciar todas

as sensualidades d'arribação; é quasi sempre um defensor de porta aberta, disposto a romper enthusiastica batalha em prol de todas as viuvas e de todos os orphãos, — segundo a phrase que Alphonse Karr consagrou. Na Boa Hora, ouvimos nós um dia o sr. Manuel d'Arriaga, envolto na pompa severa da sua toga preta, advogar a causa d'um falsario convicto, com todo o fogo d'uma certeza d'innocencia. A sua voz era vibrante de justiça; a sua bocca reforçava a vehemencia do seu discurso commovido, accentuando os *R R* com essa sympathica pronuncia que lhes dá um som intermediario entre o *R* e o *G* aspirado; as largas mangas da sua toga esvoaçavam em gestos apaixonados, ao mesmo tempo que uma catadupa d'apostrophes triumphantes corria da sua bocca sonora. E venceu, — o accusado foi absolvido. Pois se elle tinha provado á evidencia que o seu cliente era victima d'um erro judiciario!... A' saida, o innocente foi abraçar-se-lhe á toga, agradecendo; e o sr. Manuel d'Arriaga, affastando-o, observou-lhe: — «*Não torne a cair n'outra!...*» —

O sr. Manuel d'Arriaga, deputado republicano, continua no exercicio da sua profissão de advogado. Por sympathia por elle, comtudo, nós preferiamos vêl-o no simples exercicio de homem de talento, — despreoccupado, vivo, rasoavel. Acode-nos a lembrança d'aquelle concurso a que o deputado de hoje foi ha annos, no Curso superior de lettras, e cuja chronica pittoresca vive ainda no espirito d'alguns. Tinha o sr. Manuel d'Arriaga feito brilhante figura em todo o decurso do exame, e chegara-lhe por ultimo a vez de ser interrogado pelo hellenico sr. Viale. O sr. Viale, carcomido d'erudições pulverulentas, tinha deante de si um enorme *in-folio* encadernado em carneira, com as folhas pintadas de vermelho: — um d'esses veneraveis alfarrabios em que a sciencia dorme a somno solto, e em que os ratos gostam de fazer ninho. O illustre exami-

nador preparara-se para o acto com as mais subtis perguntas d'algibeira. O seu interrogatorio começou assim, pouco mais ou menos:

— «Senhor, queira dizer-me... quantos dentes faltavam a Alcibiades — (*por exemplo*)» —

O sr. Manuel d'Arriaga, atordoado, mal teve forças para responder, fincando a luneta no nariz com esse gesto caracteristico dos myopes.

— «Não sei!...» —

Foi grande o espanto do sr. Viale, que continuou, folheando o seu *in-folio* e fazendo um gesto caturra:

— «E... de que côr eram os cabellos de Xenophonte?» —

— «Não sei!...» —

Novo espanto do examinador. Entretanto o sr. Manuel d'Arriaga comprehendera a situação, e decidíra sustental-a com uma ironia fria, sempre fincando a luneta no nariz e curvando-se um pouco a cada resposta. Na multidão dos ouvintes, ia crescendo um susurro; o interrogador, porém, continuava perguntando e folheando o seu atroz *in-folio*, sem se preoccupar de mais nada. Fez uma ultima pergunta:

«Senhor, queira dizer-me... de que qualidade eram os suspensorios que Homero usava.» —

— Não sei!...» —

— «Não sabe! — explodiu então o sr. Viale; — não sabe!... Pois tudo quanto lhe tenho perguntado..., — e o sr. Viale deu tres palmadas no seu *in-folio*, — ... tudo quanto eu lhe tenho perguntado está n'este livro!...» —

O sr. Manuel d'Arriaga debruçou-se um pouco para o erudito alfarrabio, fincando a sua luneta, e proferiu esta phrase com o modo mais grave d'este mundo:

— «Sim?!... Mas que rico livro!...» —

Estoirou uma gargalhada estridula no auditorio. O sr. Viale fez-se apopletico.

— «O senhor está caçoando commigo?! — exclamou elle.» —

— «Estou, sim senhor.» —

Até os manes dos heroes da Grecia tremeram. Nunca similhante desacato se tinha dado.........

....

Foi este homem, — espirituoso, irreverente e livre-critico, — que ante-hontem, na solemnidade da sua *tenue* diplomatica, fez a singularissima proposta que sabem. Uma proposta de lei costuma ser grave, — ao menos, — grave como essas faces inexpressivas e balofas que os pintores d'imaginação gostam de dar aos seus estadistas, nos quadros historicos; a do sr. Manuel d'Arriaga, porém, foi patusca. Não se limita a legislar sobre a questão do juramento politico, — o que em ultima instancia seria rasoavel; — dispõe ácerca da *mise-en-scène*, e estabelece condições d'armador. Assim, sobre a meza da presidencia haverá uma urna com um pedestal adequado *(sic);* e no dia da constituição da camara, lida pelo presidente a formula do compromisso, todos os deputados, apontando dos seus logares para a urna, proferirão estas palavras: — «*Assim o prometto!*» — Meu Deus! Mas isto é uma puerilidade incompativel com a conspicua madureza do sr. Arriaga! Mas isto é uma creancice, — ou é uma troça!

O sr. Elias Garcia ria-se na sua pera grisalha, scismando sem duvida no bom velho tempo em que tambem para si fôra assim exaltada — «*a Idéa Nova*». — Até uma certa edade e uma certa inexperiencia da vida, a democracia é assim composta de puerilidades em que se vê os povos jantarem á mesma meza, plantarem arvores da liberdade, e viverem n'uma continua bucolica inundada de sol. Tudo tem umas exterioridades maravilhosas: — a apotheose da mulher amada faz-se n'um throno de purpura e oiro, ao fundo das immensas praças al-

catifadas de flores; orchestras harmoniosas tocam hymnos triumphaes, quando o povo está nos seus momentos de bom humor; e todas as coisas se combinam para formar uma pompa á soberania nacional, quando a soberania nacional resolve dar a si propria o espectaculo magico da sua omnipotencia. E' pouco mais ou menos n'estas cordas que têem vibrado muitos espiritos, e que muitos espiritos se teem enforcado. Os phalansterianos e os *fourieristas* perderam os seus melhores esforços n'essas infantilidades, e a medicina alienista não hesita em os declarar — doidos. Hoje, n'esta éra de angustias e de meios termos que vae fechando o seculo dezenove, preoccupar-se alguem na fórma d'uma urna e na attitude d'um homem que jura, é sugeitar-se a que façam das suas opiniões politicas esta critica: — «*Democracia... e bonecas de Nuremberg!*» —

A Republica não é uma instituição de piões e de soldadinhos de chumbo, que possa estar á mercê da primeira dentição. O sr. Manuel d'Arriaga, ao fixar os pormenores da sua proposta de lei, não foi legislador: — foi contra-regra, e deu-se o luxo d'uma phantasia de mestre d'obras. O sr. Alcobia e o sr. Gardé talvez tivessem imaginado melhor, quanto á disposição da scena; e quanto ao *ensemble* dos deputados apontando para a urna, o Leoni decerto teria uniformisado melhor o movimento, — com musica d'Offenbach. Seis compassos vivos, um cheio d'orchestra ao estender os braços, guarda-roupa de Carlos Cohen, e *tirez l'échelle!* De resto, mau grado a sua presença d'espirito de homem muito familiarisado com os auditorios, o sr. Arriaga conservou uma attitude vagamente compromettida, como de quem estivesse a tomar responsabilidades por endosso. O seu jogo de scena de tribuno foi pobre: — o orador teve sempre os braços em arco sobre a linha da cintura, e mal ousou de tempos a tempos estender o braço direito, n'um gesto per-

furante. Uma voz commentou: — «*Ou bule... ou assucareiro!...*» —

Passava entretanto a phantastica rajada d'aquella proposta de lei, — sem uma gargalhada. Isto é uma terra morta para a alegria, decididamente; senão, trinta dias e trinta noites se riria d'um ao outro extremo do paiz, — ao cogitar-se que genero de pedestal seria adequado áquella urna, e que genero d'urna seria adequado áquelle pedestal...

IX

Houve sessão, contra tudo que se esperava. Podia-se esperar, por exemplo, que os senhores deputados tivessem ido para o sol, — como fizeram no dia em que a grande commissão da camara foi recebida no paço da Ajuda, e em que os caminhos suburbanos poderam ver-se ornados de graves personagens encasacados, á maneira de phantasticas flores ornadas de gravatas brancas; ou que tivessem resolvido ir em peregrinação ao Senhor dos Passos da Graça, — para desconto dos seus peccados.

Com effeito, era sexta feira e estava um dia lindissimo. Só um grande amor da patria, — confessemo-lo, — podia actuar no espirito d'um representante do povo, de modo que o forçasse a embrenhar-se em plena aridez dos negocios publicos. Havia uns poucos de dias que chuvas torrenciaes alagavam Lisboa, e que tufões varriam as alturas. Estava-se amollecido na tristeza invernal d'este medonho janeiro, — frio, sinistro, melancolico. Lisboa tinha perdido a propria recordação das suas bellas atmospheras limpidas, a cujo fundo reluzem scintillações de sol, e que a luz inunda de uma aguada anilina, — como em certas aguarellas de Ziem. Po-

dia ter-se, em certas tardes chuvosas que punham desertas as ruas, como que a sensação physica de uma melancolia morna que pingasse em fio sobre o cerebro, e que o espapaçasse de mansinho. Ventanias furiosas vinham d'espaço a espaço arremessar granizos de chuva contra as vidraças, e abalar até aos fundamentos as casas. De repente, sem ser esperado, amanhece um esplendido dia como os mais frescos de primavera, Lisboa exulta, os animos esclarecem-se com o ar, o sol sorri no alto; e os senhores representantes da nação, unicos severamente filados ao seu dever, acham na sua consciencia abnegação sufficiente para abandonarem o prazer d'um bello feriado pelo cumprimento das suas gravissimas funcções. Depressa, — um voto de louvor!

Entretanto, no seu altar illuminado e florido, o Christo empallidecia romanescamente sob a sua cruz ôca, envolto na amplidão magistral da sua tunica roxa. Na camara, nenhum representante se lembrou d'esse espectaculo compungente em que damas d'antiquissima linhagem se absorvem, enlevadas de mysticismo. A essa hora, fazia-se uma peregrinação de *toilettes* d'inverno para a Graça, os arruamentos enxutos da Baixa matizavam-se dos mais recentes velludos de Lyão confeccionados por *madame* Aline, o Chiado enchia-se do rumor surdo dos trens rodando sobre o seu *macadam* ainda humido. E o sr. Bivar, tranquillamente sentado na sua cadeira, dispunha eleições, dirigia escrutinios, ministrava juramentos, — com uma serenidade de justo. A voz do sr. Ferreira de Mesquita fazia chamadas sobre chamadas. O hemicyclo animava-se d'um redomoinho de deputados que votavam, que passeavam, que conversavam. E um continuo de farda agaloada a prata, de meia em meia hora, despejava sobre a meza da presidencia nuvens de papelinhos que os senhores escrutinadores examinavam a um por um, conscienciosamente.

Mas a sessão de hontem soube manter-se nas

tradições que regem estas primeiras sessões de cada legislatura, conservando-se estrictamente fastidiosa. Um ou outro espectador, nas tribunas, cabeceava com somno sob o desanimo formalista que se exhalava de toda aquella solemnidade um pouco murcha. A espaços, em baixo, uma voz pedia a palavra, apenas para dizer alguma phrase arrastadiça que principiava assim: — «*Tenho a honra de mandar para a meza...*» — Nas vidraças do tecto, flechas de sol faziam arabescos d'oiro, — como um pingo de laca fina se espalha em respingos, — ou punham scintillações passageiras de pedra preciosa que escorrega lentamente sob um raio de luz; e o susurro embrandecido da camara, ao pé d'aquella doce illuminação, fazia lembrar certas tardinhas tranquillas de provincia em casarões desguarnecidos, onde os ultimos clarões do sol enfiam cylindros d'oiro em que dançam nuvens tenuissimas de poeira, emtanto que um brando trabalho de caruncho nos velhos madeiramentos mal perturba o socego melancolico do recinto.

Mortal fastio! Verdade é que o fastio, — o *ennui*, — tem foros aristocraticos que quasi o erigem em prazer. Luiz XIII, o regio hypocondriaco, distrahia-se da tyrannia do seu primeiro ministro, enfastiando-se no mais espaçoso salão do seu palacio, durante horas. Emquanto a Eminencia Vermelha, — esse formidavel cardeal de Richelieu, — lavrava decretos com os seus gatinhos favoritos no regaço da sua batina de purpura, o pobre monarcha chamava o homem cuja cabeça mais tarde havia de cair sob o machado do algoz, e dizia-lhe: — «*Monsieur de Cinq-Mars, ennuyons-nous*» —. E sentavam-se cada um em sua cadeira, e passavam-se duas horas immoveis um defronte do outro, sem trocar uma palavra. Não importa: — apezar d'esse regio precedente, foi-nos impossivel aturar até ao fim a sessão, immobilisados na tribuna dos jornalistas; era de mais para as nossas forças, — aquillo.

Pouco depois, fechava-se a sessão, e o sol, como que vingativo, escondia-se n'um ennevoamento de mau agoiro. Quando os senhores deputados desciam a escadaria do edificio, as primeiras gottas de chuva cahiam sobre a terra, espacejadas e grossas. Muito bem feito!

X

Uma certa animação começa a reinar na camara. Já de vez em quando um ou outro deputado, acenando com grandes papeis administrativos na mão direita, ousa accrescentar á formula banal com que se mandam os documentos para a meza uma duzia de palavras, proferidas n'esse tom de voz por assim dizer branco em que se ensaiam os futuros combatentes da brecha. Alguns senhores deputados, mesmo, chegam a falar durante meio minuto, e a fazer uma especie de gestos perante os continuos que aguardam o momento em que o orador lhes transmittirá os seus papeis, fazendo uma ultima inclinação do busto á presidencia. E principia a dar-se esse curioso movimento das sessões acaloradas, em que a attenção se concentra: deputados commodistas põem-se d'esguelha nas suas cadeiras, com a mão enconchada detraz da orelha; outros, meio indifferentes, passeiam de mãos atraz das costas, e param ás vezes a examinar as galerias; outros, emfim, descem sollicitamente dos seus logares e vão postar-se á roda do orador, tomando apontamentos.

Preludios na orchestra, — eis o que isto é. Afinam-se os instrumentos e as vozes, emquanto não sobe o panno, e tem-se assim um pequeno *charivari* durante o qual não é extremamente agradavel se-

não uma visita aos camarins. O sr. Mariano de Carvalho, — o saxophone, — lança tres ou quatro notas asperas; o sr. José Dias Ferreira, — *flageolet*, — compõe-se a embocadura para os grandes trechos symphonicos; o sr. Pinheiro Chagas, — tenor, — vae-se ensaiando para os trinados complicadissimos, fazendo-os entre bastidores com um repique da mão sobre o nó da garganta; o sr. Elias Garcia, melancolicamente postado á porta da orchestra, debruça-se cuidadoso sobre a barriga do seu violoncello, e arranca-lhe uns sons bem cavos, bem democraticos; e o sr. Manuel d'Arriaga — primeira dama absoluta, — calcula já os medicos que hão de passar-lhe attestados, nas noites em que as pateadas estiverem imminentes.

Sua excellencia, com effeito, será durante a corrente legislatura o *premier sujet* da casa. Elle fará a chuva e o bom tempo, occupará os chronistas, excitará as curiosidades, e provocará os confrontos apaixonados. Assim, os seus inimigos intimos comparal-o-hão á Malibran, á Stoltz, á Nillson, á Patti, — na frescura da voz e na justeza do movimento dramatico; dirão d'elle, — não que é um elephante que enguliu um rouxinol, como se disse da Alboni, — mas que é um canario sustentado a miolos de Castelar; e os seus adversarios aproveitarão a *deixa* para o compararem com a Canaria da Trindade, cujo aspecto lembra um pouco o typo do illustre deputado, — mas que francamente canta muito melhor.

A sessão de hontem foi das taes em que principia a reflectir-se a agitação que ainda vem longe, — como á beira-mar, quando uma onda avança do alto, e que a agua mansa parece tremer d'aquella approximação brutal. Havia mais publico e mais deputados que de costume. Ninguem, — a não serem alguns intimos do gabinete, — sabia que se esperava hontem a apresentação da proposta de reformas politicas; e comtudo, mais uma vez é forçoso

crer que algum fluido mysterioso alastra no ar a noticia dos acontecimentos importantes, poisque as tribunas estavam quasi cheias, e nenhum dos espectadores poderia justificar a sua soffreguidão d'aquelle espectaculo parlamentar com a mais pequena rasão attendivel.

Começou porém a sessão, — e nada de proposta. Ao abrir se a inscripção, partiram de todos os lados vozes sollicitas: — *Peço a palavra... Peço a palavra... Sr. presidente, peço a palavra..* » — E o sr. secretario ia tomando nota, sem se enganar na ordem. Depois, falou cada um por sua vez, laconicamente: — todos mandavam papeis para a meza, todos recommendavam os seus assumptos á attenção esclarecida da camara, e todos por fim se curvavam para a presidencia, sentando se. Um continuo de suissas quasi inteiramente brancas, alto e magro, distinguia-se em fazer plantão deante dos srs. deputados que falavam, á espera dos seus papeis. N'um certo momento, poude esperar-se que viesse animar a camara um discurso, — um verdadeiro discurso. Coubera a palavra a um sr. deputado que tirou muitos papeis da sua carteira, e que os espalhou deante de si. Era um cavalheiro de bigodes grisalhos, pelle basanada, cabellos finos e raros. Começou por dizer que mandava para a meza umas coisas, uns papeis, — (*fez menção de quem os ia ler*); e pousando-os sobre a carteira que tinha ficado no descanço, endireitou a estatura, fez um gesto secco. Isto foi bastante para que uns poucos de collegas sollicitos acudissem a tomar apontamentos, e para que o continuo de suissas brancas, desanimado, cruzasse as mãos sobre o ventre. O orador, então, disse algumas palavras em tom grave, — palavras d'uma onomatopeia sonora, — gesticulando e curvando-se. Era de resto branda a sua voz, mal se ouvia nas tribunas; apenas, espacejadas por um intervallo muito longo, se perceberam estas: — «*o interesse do paiz..., uma grave questão socio-*

logica...» — Vozes interromperam: — «*Appoiado! appoiado!*» — O orador, que ia a picar-se no jogo e principiava a gesticular mais largamente, estacou de subito para terminar:» — *Mando para a meza*, etc., etc., etc.» — E o continuo, que já nem queria acreditar tal fortuna, correu lepidamente a entregar os papeis ao sr. Bivar, emtanto que o orador se sentava enxugando o suor da testa.

Mas entrou então o sr. Emygdio Navarro, embainhado n'um casacão que lhe chegava até aos pés e que o prendia pelos sovacos. Vinha alegre, vivo, apoplectico como sempre e como sempre limpando o seu começo de calva, radiante sobre o seu pescoço vermelho e curto. Mal abriu a sua carteira. Ainda com o mesmo folego que trazia da sua entrada jubilosa, exclamou distrahidamente: — *Peço a palavra!*» — Trazia muitos papeis, poz-se a enrolal os e desenrolal-os em sentido contrario. Pouco depois, o sr. presidente avisava: — *Tem a palavra o sr. Emygdio Navarro!*» — E o continuo de suissas brancas, immediatamente, vinha postar-se defronte do illustre deputado a quem acabava de chegar a vez de falar.

O sr. Emygdio Navarro falou rapidamente, meneando nas suas mãos de hercules uma montanha de papeis: — «*Mando para a meza vinte e tantos requerimentos de sargentos de caçadores 2, 8, e 11, infanatria 10, 11, e 12 e cavallaria 7, que se consideram prejudicados com a contagem de antiguidade dos alferes graduados*». — Vinte e tantos! elles eram sem conto, innumeraveis, — uma verdadeira montanha de papel O continuo acceitou-os, atterrado, e lá se foi arrastando com elles até á presidencia ajoujado sob o peso. Entretanto, o sr. Emygdio Navarro sentava-se olhando para todos os lados, com soberba dos seus valentes musculos, como se dissesse: — «*Hein! nenhum de vocês era capaz de trazer á camara tantos requerimentos!...*» —

O sr. Manuel d'Arriaga mandou para a meza

uma nota d'interpellação ao sr. ministro do reino, sobre a dissolução do *meeting* republicano. Elle quer saber como aquillo foi. Entretanto, ha muito quem o saiba, e muito quem possa informar o sr. Manuel d'Arriaga melhor do que poderá fazel-o o sr. ministro do reino, a quem a situação official impede d'entrar em pormenores cuja historia pertence aos bastidores da politica. Estava na sua tribuna o commissario de policia que pronunciou a dissolução do *meeting*; esse, — nem pestanejou: — talvez já soubesse da nota d'interpellação que o sr. Arriaga havia d'entregar na camara, assim como os promotores do *meeting* sabiam quem tinha redigido a sua participação expressamente para que a auctoridade tivesse de o dissolver.

XI

Grande quantidade de — «*irmãos e amigos*» — na galeria publica, hontem. *Irmãos e amigos*, — como não é licito ignorar, — são todos os correligionarios d'esses integerrimos tribunos que teem por officio lançar o proximo nas manifestações da rua, pondo-se a coberto mal desponta no horisonte um capacete da guarda municipal. Com effeito, os homens do sr. general Macedo já umas poucas de vezes teem encontrado — «*irmãos e amigos*» —, mas nunca encontraram o sr. Manuel d'Arriaga nem o sr. Magalhães Lima. Os *irmãos e amigos* são aquelles que escutam a palavra do sr. Theophilo Braga, que saem á rua, e que levam pancada emquanto os tribunos se mettem debaixo das camas; e são aquelles que mais pancada teriam ainda de levar, se um dia os seus agitadores chegassem ao poder, e elles ousassem reclamar o cumprimento d'antigas promessas.

Estiveram hontem alguns na galeria, attrahidos pelo boato de que o sr. Arriaga falaria. Não eram da classe dos ingenuos, nem da classe dos tolos: — eram da classe dos que as folhas republicanas teem marcado n'um rol, para as occasiões em que os artigos de fundo devem trazer estas phrases: —

«La marée monte!... O povo soube emfim realisar uma manifestação cujo alcance faz tremer o throno. Catilina bate ás portas de Roma. Viva a republica universal!...» — Esses homens chegaram a S. Bento n'um grupo compacto, pararam em circulo para deliberar, e encaminharam-se em seguida para a camara a um de fundo, com a mais minuciosa circumspecção, como os Pelles-Vermelhas que vão para a guerra. Cada um d'elles pousava cuidadosamente o pé na pégáda do que ia na sua frente. Enfiaram pelos corredores, pelo claustro, pelas escadas, levando á sua frente um sugeito de gravata branca, com o casaquito apertado por um alfinete. Uma voz disse, na sua passagem: — *«Siga a bicha!»* — E o sugeito da frente deitou ao commentador uma olhadura má, como de quem rosnasse: — *«Se não fosse a solemnidade do acto, eu te daria a bicha, meu casaca!...»* —

Sentaram-se todos em fila. Os seus troncos faziam angulo recto com as suas coxas; as suas coxas faziam angulo agudo com as suas pernas enfiadas para debaixo dos bancos. Caras pouco tranquillisadoras, de resto. Vendo-as, comprehendia-se a phrase atroz d'aquelle egoista que não queria ter amigos, e se congratulava por não ter irmãos. *Diavolo!* Na tribuna fronteira estava o commissario de policia sentado, com o queixo fincado nas duas mãos cruzadas sobre o parapeito, n'uma attitude amodorrada. O sugeito da gravata branca viu-o logo e acotovellou o *irmão e amigo* que lhe ficava á direita. Este acotovellou o seguinte, que acotovellou o immediato, o qual acotovellou outro; e assim se transmittiu até ao ultimo um signal maçonico que deu em resultado levantarem-se todos e retirarem-se pelo mesmo caminho, sempre a um de fundo como os Pelles-Vermelhas, mas pousando cada um apenas o bico do pé sobre a pégada do que ia na sua frente. No largo, pararam em circulo para deliberar, e só então repararam que o seu chefe de fila, — o sugeito do

casaquinho apertado por um alfinete, — tendo caminhado na rectaguarda desapparecera como um fumo. Ficaram atarantados durante um segundo, e debandaram em seguida. Só depois d'isso é que o sugeito do casaquinho saiu do seu esconderijo, — o recanto d'uma pilastra, — e ousou affastar-se para os lados d'uma — «*nona reforma de petiscos.*» — Levava os pollegares enfiados nas cavas do collete, o peito alto, um sorriso espertalhão nos queixos desdentados; e lambia já o beiço das escorralhas d'um certo *cartaxo* que elle trazia d'olho, — com todo o prazer d'um sugeito que vae beber sósinho tudo quanto lhe tinham confiado para uma duzia.

Entretanto, antes da ordem do dia, o sr. presidente abrira a inscripção para dar a palavra aos senhores deputados. Muitos a quizeram; entre outros, os srs. Antonio Maria de Carvalho, Santos Viegas, Luciano de Castro, Luciano Cordeiro, e Rodrigo Pequito. Foi assim que a sessão de hontem se animou um pouco, e que a estada nas tribunas se tornou possivel até á entrada na ordem do dia. Com effeito, havia n'aquella inscripção a promessa d'uma estreia: — o sr. Rodrigo Pequito ainda se não tinha manifestado na camara senão pela sua pontualidade em comparecer ás sessões, e pelo forro verde do seu chapeu alto. Conhecia se o seu merito como professor, a sua actividade como camarista, a sua dedicação como amigo; o que ainda se não conhecia era o seu valor como tribuno, nem o seu tacto como homem de partido. Com todos os representantes que pela primeira vez falam para o *Diario das Camaras*, de resto, se dá sempre este caso de ser esperado o advento d'um Mirabeau; as galerias apuram o ouvido, e escutam se a pesada herança de José Estevão foi emfim levantada. Ninguem poderia em rigor jurar que não fosse esse herdeiro o sr. Pequito, — mas tambem ninguem poderia jurar que fosse elle; só o sr. Luciano Cordeiro o esperou, porventura.

O sr. Rodrigo Pequito não é homem que tenha biographia, — a não ser a d'um trabalho pertinaz que lhe faz a maior honra, — e que lhe tem dado um certo proveito. Isto é consolador; o espectaculo dos que sobem á força de pulso anima sempre os bons, e dá sempre essa especie de satisfação philosophica pela qual se comprazem na vida os espiritos arejados. Mesmo quando se combate sem lobrigar a victoria, é saudavel ver outros combatentes vencerem, — porque entre todos os trabalhadores se insinua uma corrente mysteriosa de sympathia, sympathia muitas vezes inconsciente, e muitas inconfessada. O sr. Pequito, emfim, é a melhor qualidade do sr. Luciano Cordeiro. Pode dizer-se commovente o espectaculo d'esta amizade mutua: — de facto, teem-se os precedentes d'amigos cujos feitos narra a *Selecta*, mas que nunca se fizeram deputados um ao outro; e n'este ponto, a nossa historia moderna vae levar enorme vantagem á historia das velhas sociedades heroicas.

Chegou a vez de falar ao sr. Rodrigo Pequito. Dando-lhe a palavra, o sr. presidente tinha um sorriso animador que se reflectiu logo na physionomia do illustre deputado. Este ergueu-se, sobranceiro á bancada onde tem assento o sr. Luciano Cordeiro, e começou a falar com facilidade, desdenhoso dos effeitos oratorios. A sua confusão de debutante, bem dissimulada, apenas se manifestava na ligeira tremura das suas pernas, que descançavam *a vez* uma sobre a outra. No principio do seu discurso, por exemplo, foi a sua perna esquerda que por baixo da carteira se cruzou sobre a sua perna direita. N'esse momento, a voz clara do sr. Pequito referia-se aos melhoramentos do porto de Lisboa, e lamentava os temporaes dos ultimos dias. N'este ponto, a cabeça do sr. presidente affirmou com um sorriso e com um aceno — «. . . *que sim, que eram o diacho, os temporaes dos ultimos dias*. . .» — O sr. Pequito, animado, cruzou a perna direita sobre a

perna esquerda, e continuou. Entrava n'esta occasião o sr. Emygdio Navarro, que estacou todo admirado a olhar para o orador. O seu olhar dizia assim: — «*Ora esta! e que bonita voz!...*» — A camara absorvia-se no exame d'aquelle collega cuja presença d'espirito se não perturbava com uma estreia, e que falava com um metal de voz tranquillo sob a attenção das galerias: — é porque não podia ver-lhe as pernas, escondidas por baixo da carteira; as pernas do illustre deputado, effectivamente, é que manifestavam essa tremura d'ordinario manifestada pela garganta, pelas mãos que tentam agarrar-se a mysteriosas tabuas de salvação, pelos labios que se mirram como sob um halito afogueado de *simoun*.

O sr. Pequito citou a sua propaganda antiga de melhoramentos do porto, e cruzou de novo a sua perna esquerda sobre a sua perna direita. N'esse meio tempo, sósinho na bancada mais alta da camara, á esquerda da presidencia, dois deputados, um progressista e outro regenerador, realisavam a mais ponderosa conferencia de questões politicas, apresentando um ao outro, discretamente, dois objectos cuja identidade nos foi impossivel reconhecer com exactidão. Tratava-se de qualquer coisa parecida com uma gravata, e de qualquer coisa parecida com uma d'essas caixinhas forradas de velludo, em que os *magasins* luxuosos de Pariz vendem os seus deliciosos artefactos. Acabava de se falar d'uma grave questão industrial, — do trabalho dos menores nas fabricas, — e aquella conferencia era evidentemente um corollario d'essa questão, — talvez o desenvolvimento de todo um plano sobre os meios practicos de tornar florescente a nossa industria. O deputado progressista tinha o ar grave d'um estadista que mergulha em plena philosophia politica, e decerto se alongava em considerações ácerca dos grandes centros de producção industrial. Os seus modos, ao manejar a caixinha forrada de velludo,

eram os modos d'um homem que prepara o seu cantinho na historia da civilisação; o que tornou immenso o nosso espanto quando vimos o deputado regenerador pegar na gravata, e fazer, remirando-a por todos os lados, o gesto de quem dissesse simplesmente: — «*Pois sim senhor, é uma gravata toda chic!*» —

O sr. Pequito, que entretanto cruzára e descruzára umas poucas de vezes as pernas, acabava o seu pequenino discurso, e sentava-se. Da bancada superior, um collega debruçou-se a apertar-lhe a mão, commovido. E da bancada inferior, o sr. Luciano Cordeiro, virando-se, soltou esta phrase que se ouviu perfeitamente nas galerias: — «*Para estreia, andaste muito bem!*» — O sorriso do sr. Pequito tornou-se então d'uma beatitude infinita, sob o seu grande nariz que lhe deu a reputação d'um homem raro.

N'isto, esgotou-se a inscripção. Mas o sr. Manuel d'Arriaga, como a esse tempo já tinham fugido os seus correligionarios, reclamou a palavra. O sr. presidente, depois de observar que costuma fazer ler a inscripção para evitar qualquer engano ou omissão, notou que o sr. Arriaga não reclamára, — mas deu-lhe a palavra. O illustre deputado, um pouco *désarçonné*, disse que pedira a palavra apenas para remetter á meza um requerimento, pedindo os documentos que existem no respectivo ministerio, sobre a dissolução do *meeting* republicano. E sentou se.

—«Estava na sua tribuna o commissario de policia que pronunciou a dissolução do *meeting;* esse, — nem pestanejou: — talvez já soubesse do requerimento que o sr. Arriaga havia d'entregar na camara, assim como os promotores do *meeting* sabiam quem tinha redigido a sua participação expressamente para que a auctoridade tivesse de o dissolver.» —

XII

A estreia do sr. Manuel d'Arriaga, na quarta feira passada, não tinha sido séria. Mau grado as tradições de ventura que se ligam a esse dia, e cuja influencia vem desde os Romanos até ás sociedades modernas, s. ex.ª foi bastante habil para debutar com todas as hesitações e todas as incorrecções d'um principiante. N'essa sessão, elle mostrou-se utopista, visionario, sonhador, — um digno descendente d'esses pallidos e desgrenhados *fourieristas* cuja philosophia politica se baloiça entre a grandiosidade e a creancice, entre o principio sublime da familia phalansteriana e a concepção dos mares de limonada, entre o aperfeiçoamento da raça e a phantasia doidivanas do homem de cauda com um olho na ponta do rabo. Poude ver-se, n'essa sessão, o sr. Arriaga mysteriosamente ligado aos ideaes humanitarios da Edade Media, aos scenarios pomposos do carbonarismo. ás practicas terrivelmente pueris de todas as associações secretas, que em Paulo Féval e em Clémence Robert se vê executarem as suas iniciações sinistras á luz tragica d'archotes, sob uma abobada reluzente de punhaes. Hontem, o sr. Arriaga tinha esquecido as suas supertições de velho Romano, e soube mostrar-se orador grave, despreoccupado das *mise-en-scène* com que um bom tribuno da democracia começa por tomar posse do

seu partido. Agrada-nos ser sinceros até ao ponto de confessarmos que o discurso de s. ex.ª foi digno do seu talento, e digno da sua dignidade.

Esse discurso era esperado. Evidentemente, o sr. Manuel d'Arriaga não podia deixar de falar contra um documento que principia por se chamar — «*resposta ao discurso da corôa*» —, e que acaba por affirmar uma adhesão ao throno. Throno e corôa não são palavras que diccionarios republicanos admittam; ellas são o principal phantasma da democracia, cujo poder d'analyse estaca á superficie das coisas. Em republica de gazetas para o povo, chega a ser ignominioso dizer que uma friza *reina* á volta d'um edificio, ou que *reina* a alegria n'um jantar. Quando muito, pode-se dizer que a friza *preside*, ou que a alegria *preside*. O pensamento do sr. Arriaga não podia deixar de formular esta indignação: — «*Corôa! resposta ao discurso da corôa! As corôas são archaismos em que não é licito falar!*» — E foi por isso que elle fez o seu discurso, — á sua banca de trabalho, — e que foi recital-o na tribuna da camara. Hontem, por estreia, a nova tribuna vibrou todas as harmonias d'um bello talento. A sua amplidão magistral, de coreto d'orgão, animou-se pela primeira vez com a sonoridade d'um verbo eloquente. Pode-se dizer que foi a alliança de duas virgindades: — a virgindade da tribuna, e a virgindade do sr. Manuel d'Arriaga.

Havia enchente nas galerias. Notavam-se *toilettes* femininas, duas ou tres pessoas na tribuna do corpo diplomatico. A curiosidade aguçara-se durante doze sessões tristonhas, desgraciosas, mortas. A reacção de hontem operava-se um pouco pelo boato de que o sr Arriaga falaria, mas sobretudo pela abstinencia de commoções oratorias em que o monotono decorrer das anteriores sessões esmagára a curiosidade lisboeta. Na *Perichole*, aquelle prisioneiro de longas barbas brancas encontra-se em face da amante de Piquillo, e exclama simplesmente,

n'um accesso de admiração *bête*:—«*Ha doze annos, minha senhora!... ha doze annos!...*»—Na camara, em face do sr. Arriaga que subia á tribuna, tambem o olhar de todos os espectadores dizia: — «*Ha doze sessões, meu caro!... ha doze sessões!* ..»—E a attitude do sr. Arriaga, por isso mesmo, não deixou a principio de ser um pouco intimidada, perante a estranha sensualidade de eloquencias que se exhalava de todo aquelle auditorio abstinente.

Sua excellencia manteve, aliás, uma attitude correcta de orador experimentado, em todo o decurso da sua oração. Via-se-lhe atravez das grades a linha erecta da estatura, o córte severo da sobrecasaca, a *pose* irreprehensivel das pernas. Acima do peitoril, o seu braço direito gesticulava sobriamente, e a sua cabeça olhava sobranceira a camara, um pouco por baixo da sua luneta de myope. A sua voz era sonora, não muito forte, mas grave. Accrescente-se a isto a fluencia d'um discurso evidentemente estudado e decorado com grande antecedencia,—discurso polvilhado de todas as grandes e pomposas phrases que são a essencia e o fundo da propaganda republicana,—e teremos uma idéa pouco mais ou menos exacta da figura que o nosso deputado fez na sessão de hontem. O seu successo foi um successo de estima, como se diz em linguagem de theatro. Os seus processos, de resto, foram os processos da sua profissão de advogado:—o sr. Arriaga não se esqueceu de chamar frequentemente jurados aos senhores deputados, nem de tentar intimidar as consciencias com o lençol tetrico das responsabilidades legislativas, nem de apertar as mãos sobre o lado esquerdo do peito ao falar nas —«*fagueiras esperanças do seu coração*»—, com o gesto da *signora* Pasqua no segundo acto do *Trovador*. Sua excellencia ainda tem a antiga comprehensão anatomica do tempo de Hyppocrates e de Galeno; essa viscera preciosissima e rara com effeito, não existe no lado sobre o qual o sr. Arriaga

chamou as attenções da camara nem abriga esperanças fagueiras; apenas algumas vezes abriga hypertrophias concentricas, e outras vezes se fende em lesões cardiacas. O coração, emfim, não é um logar-commum rasoavel, nem é um argumento honesto de tribuno moderno.

O discurso do sr. Arriaga, se lhe tirarmos o verdadeiro talento com que foi composto e decorado, não se póde dizer que fosse um trecho opportuno de rara felicidade. A resposta ao discurso da corôa apenas lhe serviu de pretexto. Como todos os bons visionarios a cuja raça o sr. Arriaga pertence, elle soube conservar-se habilmente n'umas abstracções intangiveis borboleteando em generalidades historicas e sociologicas que são a sciencia de quem não sabe nada. Quando se encontra uma d'estas aptidões estravagantes, — aptidões de advogado que obrigaram os francezes a crear o termo depreciativo de *avocassier*, — a gente pasma de quanta ignorancia é necessario ter para chegar a perfeito sabio

O sr. Manuel d'Arriaga, por exemplo, queixou-se da indifferença governamental pelo centenario de Camões, a proposito do discurso da corôa. Mas essa indifferença não se entende com o partido regenerador, que a esse tempo estava na opposição! De resto, a dissertação do illustre deputado a esse respeito foi uma charada bem bonita, — sem conceito. Na tribuna dos jornalistas, era-se unanime em antepor ao sr. Arriaga, n'este ponto, o sr. Matheus Peres, de Cuba. N'esse momento, atravessava o hemicyclo a figura do sr. marquez de Vallada, que se foi pôr defronte da tribuna, attento, a escutar o discurso do debutante. Muitos outros dignos pares estavam tambem presentes. Entretanto, avançava a hora, o sol começava a alongar demasiadamente as sombras d'alguns deputados que estacionavam na clareira do hemicyclo, e o sr. Arriaga julgou conveniente pôr termo ao seu discurso. Abraços, *shake-hands*, felicitações, — toda a velha ovação tradicio-

nal que é uma cortezia invariavel, quer se trate da eloquencia de Mirabeau, quer se trate da verbosidade do sr. Ansur. O sr. Arriaga foi emfim para o seu logar, um pouco moido pelo abraço do sr. Manuel d'Assumpção, meio derreado.

E' esse abraço que nós não temos coração para perdoar ao relator do projecto de resposta. Abraçar fraternalmente um homem, quasi que beijal-o, e dizer-lhe logo em seguida, com a maior tranquilidade do mundo, as coisas mais graves que a subtileza d'uma dialectica permitte dizer sem risco de vias de facto, — eis o que excede todas as nossas phantasias morbidas de crueldade. Effectivamente, se alguma vez se mostrou até que ponto a omnipotencia da palavra pode exercer as represalias mais sangrentas, em discussões parlamentares, foi hontem. O discurso do sr. Manuel d'Assumpção, adornado com uma sobriedade rara n'este paiz classico da rhetorica, produziu effeito bastante para desalentar o sr. Arriaga e obrigal-o a subir de novo á tribuna. Antes d'isto, porém, o relator do projecto teve tempo de mostrar as *ficelles* com que se movem as grandes indignações humanitarias dos apostolos da revolução. As suas referencias á especulação da miseria pelos soffregos, ás promessas que nunca se poderão cumprir, e ao jacobinismo que se terá de largar no poder, — foram d'uma justiça flagrante, e foram tambem desenvolvidas com uma singeleza de raciocinio que não excluiu a belleza da fórma.

N'um certo ponto, falando da revolução moral que os caudilhos da democracia vão effectuando dia a dia na imprensa, e da applicação systematica com que esses demolidores empregam a zombaria irreverente contra tudo quanto é sagrado e digno, teve uma phrase incidental em que era condemnada a ironia como arma tyrannica e corrosiva. O sr. Arriaga bradou immediatamente, olhando para a tribuna da imprensa: — «*Appoiado! appoiado!...*» —

(Nós falaremos!)

Depois, subindo de novo á tribuna, o sr. Arriaga desenvolveu a sua exclamação raivosa. Mas tomou-o então o demonio das represalias pessoaes, pequeninas, desgraçadinhas, — e desnorteou-se. D'ahi por deante, o sêu discurso esfarellou-se do colorido rhetorico, arrastou-se pela região escura das allusões mesquinhas, foi o mero desforço d'uma vaidade magoada. O sr. Manuel de Arriaga tinha esquecido, no seu furor contra a ironia, o seu peccado original d'esse vicio que se chama — rabulice. Proudhon amava a ironia, — como a amam todos os bons espiritos, — quando ella é impessoal e critica. A ironia dimana do bom senso, é saudavel, é viva; não tenta extraviar opiniões a coberto de declamações ôcas, nem se diverte a especular com as paixões dos irresponsaveis. De resto, ella é um dom de artista, e assim se comprehende a antipathia do sr. Arriaga; o sr. Arriaga, com effeito, ainda até hoje não passou de advogado, nem chegou senão a *avocassier*.

A sessão terminou com um discurso do sr. deputado por Sinfães.

XIII

Nunca uma camara legislativa, a proposito de coisa tão officialmente grave e solemne como é um discurso da corôa, foi idyllica e doce como a nossa, na sessão de hontem. Aquillo não foi um debate: — foi uma reunião suavissima de collegio de meninas, onde todas as asperezas de caracter se apagam, onde a cortezia mundana se acha requintada por todas as feminilidades brandas, onde a conversa é um *babil* harmonioso e amavel de bonitas vózinhas cristallinas. Trocam-se palavras complacentes, sorrisos luminosos, apreciações lisongeiras; anda no ar um perfume de *ylang-ylang*, um nevoeirinho tenue de *veloutine*, e um aroma fino de bella educação; os gestos arredondam-se em curvas macias, orlando as phrases brandamente chromaticas que labios humidos dedilham como cordas de harpa; e uma serenidade intensa esvoaça no ambiente claro, exhalada de todas aquellas vozes que gorgeiam amabilidades, de todos aquelles olhos que se illuminam a plenas pupillas, de todos aquelles corpos adoraveis que se desenham em contornos harmonicos.

Decididamente, não ha nada como a politica,— para o idyllio. Os partidos namoram-se da rua para

os balcões em flor, n'um scenario bonito, emquanto a cotovia canta. Elles querem o amor, a liberdade bucolica das velhas florestas onde o sol penetra como uma chuva de moedas d'oiro, as choupanas toscas em que os deuses do paganismo romantico escondem as suas boas-fortunas, o ceu azul, e as sopas de leite aromatisado pelo rosmaninho acre que viceja nas encostas. As disputas parlamentares, — são arrufos; e simples arrufos d'onde o eterno amor sae mais retemperado e mais amplo, como de provações que engrandecem a alma.

Verdade seja que o dia de hontem prestava-se á mansidão caracteristica do debate. Haviam desapparecido os ultimos vestigios da invernia, um sol creador inundava os ares limpos, era saudavel e tepido o ambiente. Muitas senhoras tinham acudido á camara, de passeio, e as suas *toilettes* de inverno abrandavam um pouco na precaução contra o frio. Os homens appareciam de gravatas claras em grandes laços triumphaes, sem os pesados sobretudos da estação. E toda essa gente, que hontem concorreu á camara em numero excepcional, animava-se da immensa animação que reinava nas alturas inaccessiveis, onde um derramamento de sol profundava até ao infinito o espaço embebido de azul.

A ordem do dia, continuação da vespera, era o projecto de resposta ao discurso da corôa. Como nos mais annos, esse documento vae passar por uma curta discussão, equiparada a uma formula de cortezia; as opposições reservam a sua palavra para quando se discutirem os projectos de lei promettidos. Entretanto, hontem, teve-se o espectaculo raro de todos os partidos representados na camara fazerem successivamente declarações, e salvaguardarem responsabilidades futuras.

Antes de conceder a palavra, o sr. presidente julgou dever avisar o sr. José Luciano de Castro, primeiro inscripto, de que d'ora ávante os oradores teriam de falar na tribuna. Começou aqui a troca

de cortezias. O sr. presidente expoz de tal maneira a situação, com uns sorrisos e uns acenos da sua cabeça que fazem lembrar a figura historica de Philippe II, — que o sr. José Luciano visivelmente commovido, apressou-se a declarar que annuia. Mas sómente fez uma restricção muito mansa: — é que tambem os srs. ministros falariam da tribuna. Foi aqui que a diplomacia presidencial triumphou; o sr. Bivar, serenamente, declarou que não podia legitimamente impor tal condição aos srs. ministros, cujo logar na sala era excepcional. Sim, — «*o sr. Luciano de Castro bem comprehendia que...*» — De facto, o sr. Luciano de Castro, tinha comprehendido, não lhe era licito resistir. Seria necessario ter bem mau coração! Entretanto da sua cadeira, o sr. Emygdio Navarro observava que os ministros, em França, falam da tribuna exactamente como os deputados.

O sr. José Luciano executou-se, marchou sereno para a tribuna. Ahi principiou por collocar sobre o parapeito uns papeis rabiscados de lapis, e proferiu a fórmula consagrada: — «*Sr. presidente!...*» — Apuram-se as attenções da camara e das galerias. Como *leader* da opposição progressista, o illustre deputado tinha n'aquelle momento a importancia de todo um partido ácerca dos negocios do Estado. Nem todos os espectadores, geralmente ignorantes do que se passa a dentro de bastidores politicos, sabiam que esse partido tencionava ladear o cheque d'uma reforma constitucional executada por adversarios, guardando os seus esforços para a discussão parcial dos projectos de lei a que ella ha de dar origem. O sr. José Luciano, entretanto, debutava pelos logares communs da tradição oratoria, — affirmando a insufficiencia dos seus dotes, a sinceridade das suas crenças, o seu patriotismo, etc. Elle não desejava crear difficuldades á governação do Estado,— «*não, sr. presidente!...*» — queria apenas declarar que o partido progressista não era de nenhum modo

avêsso á reforma constitucional, mas que antes d'ella entendia dever fazer-se a reforma da lei eleitoral, — para que as côrtes constituintes legislassem appoiadas no voto genuino do paiz. Sua excellencia, confrangido pela sua estreia, exaltou-se muito pouco; nem chegou a rachar o parapeito da tribuna. Os seus gestos feitos apenas com a mão direita, mal puderam dar uma ideia da barafunda desengonçada que os domina quando as discussões se aquecem.

O sr. presidente do conselho, a quem coube a palavra depois do sr. José Luciano, usou a delicadeza de ir occupar a tribuna para responder. O seu acto, perfeitamente espontaneo, teve toda a boa graça d'um homem de sala que tudo sacrifica á cortezia, mas complicava-se d'um constrangimento cuja explicação estava no habito de falar do seu logar, sem pompa.

Com effeito depois de trinta e quatro annos de tirocinio parlamentar, não se quebra impunemente um habito em que havia a despreoccupação dos effeitos theatraes, a singeleza d'um estadista que desdenha as *poses* plasticas da tribuna. Falar d'uma tribuna para baixo é tomar attitudes para a historia, e recommendar se á posteridade um pouco pelos meritos artisticos de Talma. As palavras do sr. presidente do conselho, ao principiar a sua resposta, foram d'um stricto bom-senso que coincide exactamente com o que, a respeito da tribuna, esta chronica disse no seu segundo numero.

De resto, o discurso do sr. Fontes limitou-se a fazer sobresair a fraqueza das pretensões com que o partido progressista está prompto para acceitar reformas politicas sob clausula de serem acompanhadas por uma reforma eleitoral, dado que a reforma eleitoral está justamente consignada no discurso da corôa. Por parte do governo, o sr. presidente do conselho respondeu tambem ás perguntas do sr. José Luciano, sobre suppostos conflictos in-

ternacionaes, — que nada havia de exacto nos boatos propalados.

Falou em seguida o sr. Dias Ferreira, para significar o prazer que sentia em ver entrar o governo, desassombradamente, no caminho de reformas eleitoraes que sua excellencia por tanto tempo aconselhára. O seu discurso, conciso como convinha a um manifesto de partido, foi escutado no meio de uma attenção fixa. O sr. Dias Ferreira declarou-se lealmente ao lado do governo para o appoiar nos seus projectos de reforma.

Emfim, o sr. Elias Garcia subiu á tribuna, e desandou em declarações a torto e a direito : — *salmis* d'affirmações democraticas, *mayonnaise* d'objecções aos oradores precedentes, *bombe glacée au Madère* (Funchal). Nunca o sr. Elias Garcia teve tão accentuada a physionomia de velha raposa que salva primeiro que tudo as conveniencias, depois as responsabilidades, — e finalmente a cauda. Nada mais anodino que o seu discurso. Ao falar, porém, da eleição do Funchal, sua excellencia accentuou que o representante d'esse circulo deveu o seu logar ao conflicto de todos os partidos, — que apenas puderam concordar em eleger um homem de bandeira totalmente estranha. No seu logar, o sr Manuel d'Arriaga torcia-se ; o seu collega estava sendo um *amigo dos diabos.*

De resto, o discurso do deputado republicano citou as coisas de costume, falou da sociedade que reclamava garantias progressivas, referindo-se ao perigo dos problemas sem solução ; foi o que havia de mais abstracto, mais generico, e mais insignificante. A camara perante aquella obra-prima de conceitos vasios, poude ficar em duvida se a sociedade a que o sr. Elias Garcia se referia era a sociedade universal, ou se era simplesmente uma sociedade recreativa. Como ninguem ignora, ha uma sociedade extremamente sympathica, — a *Sociedade dos Alumnos de Minerva*, — e nada mais natural do que

ser para essa que o sr. deputado chamava as attenções da camara, — apontando perigos. Com effeito supponho que a intenção do orador era referir-se a uma sociedade philarmonica, — por exemplo, — podia-se crer que um dos perigos apontados fosse o d'engulir por engano a palheta d'um clarinete, e que outro perigo, — muito maior, — fosse o de engulir o clarinete com a palheta; e concebe-se que d'ahi proviessem transtornos capazes de occupar as attenções d'um homem como o illustre deputado.

XIV

A sessão de hontem começou tarde, o que não impediu que fosse bem cheia. Effectivamente, de dia para dia as questões politicas se vão excitando, e a camara se aquece com as discussões que rebentam dos animos afogueados. Desde já, o parlamento incendeia-se de paixões asperas, e vibra com uma sonoridade promettedora. Pelas amostras que vamos tendo, pode-se esperar este anno uma sessão apaixonada como poucas. Tambem, nada mais proprio para isso do que as circumstancias actuaes:— a questão de fazenda, a reforma da constituição, os diversos projectos de lei annunciados implicita ou explicitamente no discurso da coroa, e até á introducção da tribuna nos nossos habitos parlamentares, — tudo isso se combina para despertar enthusiasmos ou indignações, para crear sympathias ou rancores, e para determinar appoios ou invejas.

Antes da ordem do dia, mesmo, já a sessão foi viva. O sr. Antonio Maria de Carvalho, que tinha estado a folhear uma collecção do *Diario do Governo*, pedira a palavra logo no principio. O sr. Antonio Maria de Carvalho, deputado de voz forte e genio exaltado, tem por feição caracteristica do seu

espirito collocar-se naturalmente nas suas antipathias politicas como em verdadeiros rancores pessoaes, emquanto duram os seus discursos. N'elles, o illustre deputado mistura a apostrophe com a critica, aprecia e barafusta, desejaria guiar a administração do Estado e não poria duvida em levar as coisas a murro. Em certas occasiões, os gestos de sua excellencia luctam braço a braço com os abusos governamentaes, mettem-lhe debaixo do joelho adversarios poderosos, escangalham phantasmas formidaveis. Aquillo é d'um valor que assombra. O sr. Antonio Maria de Carvalho chega a ter, por entre os seus berros triumphaes, o gesto de quem se prepara para dar cabo d'um inimigo, — arregaçando as mangas, — ou a attitude de quem acaba de vencer, — endireitando as cabeças e mettendo os pollegares nas cavas do collete.

Quando lhe coube a palavra, o sr. Antonio Maria de Carvalho principiou por dizer que não queria senão fazer uma pergunta... — E fez trinta e seis. Durante meia hora, o illustre deputado falou, falou, falou, — sempre passeando de mãos nos bolsos do seu sobretudo cinzento, — com a sua voz forte e aspera. Primeiro, quiz saber o que pensava o governo ácerca do hospital de S. José, e conservou-se quasi tranquillo. Depois, queixou-se do regulamento do imposto sobre o sal, e exaltou-se. Em seguida, tomando para pretexto a tribuna que lhe ficava defronte, destillou amargas ironias contra o serviço tachygraphico, e começou a perder a cabeça. N'essa altura, os visinhos do sr. Antonio Maria de Carvalho tinham-se pouco a pouco affastado, e entrincheiravam-se com as carteiras das bancadas immediatas. A voz do orador não bramia : — rufava uma carga impetuosa sobre a incuria dos governos, sobre os abusos das auctoridades, sobre tudo quanto se acha expresso em logares-communs feios. Muitos representantes, transidos de medo nos seus logares, conservavam-se em attitude de saltar por cima das

carteiras, á primeira investida. Os continuos, com uma dedicação merecedora de todo o elogio, formavam impenetravel barreira em torno da presidencia, — pallidos mas decididos. E o sr. Emygdio Navarro, tendo lançado a mão ao enorme volume do *Diario do Governo,* preparava-se para matar o orador com elle, ao primeiro salto equivoco. Havia uma anciedade indescriptivel nas galerias.

Entretanto, porém, o sr. Antonio Maria de Carvalho serenou, sentou-se. Correu a camara um suspiro de desafôgo. O sr. ministro do reino, com a sua serenidade que nada é capaz de perturbar, levantou-se para responder ás accusações do illustre deputado, e falou durante cinco minutos. De minuto para minuto, porém, a colera fazia tripudiar na sua cadeira o sr. Antonio Maria de Carvalho, cujos olhos se injectavam. Estava imminente uma explosão terrivel. Com effeito, assim que o sr. ministro fez a inclinação de busto que indicava ter concluido, o seu accusador saltou como esses diabos elasticos, que fazem o encanto das creanças, quando se lhes abre a caixa que os contém, e desandou aos murros no vasio. Era um espectaculo formidavel, — o d'aquella raiva á solta em pleno parlamento. Deputados vigorosos pozeram-se ao alcance das portas. Os senhores ministros, sentados na bancada immediatamente inferior á do terrivel interpellante, tinham a cabeça encolhida entre os hombros, com o modo instinctivo de quem a cada momento espera ser esmagado por um aerolitho. Senhoras espavoridas, na sua tribuna, escondiam-se atraz dos seus leques pinturilados, e murmuravam palavras de desgraça. Só o sr. Emygdio Navarro, — tomando aliás mil precauções, — teve coragem d'avançar pé ante pé por traz do orador, e pôr-se em estado de subjugar o seu collega agarrando-o por baixo dos braços. Este acto de dedicação foi tanto mais notavel, quanto é certo que muitos amigos do sr. Navarro tentaram desvial-o do seu arrojo.

Mas o sr. Antonio Maria de Carvalho, tendo-se esgotado em improperios e apostrophes, deu por findas as suas observações, e sentou-se. Tinha a fronte alagada em suor, os olhos mortiços, o fremito nervoso de physionomia que affligem um luctador, ao cabo d'um combate prolongado. Seguiu-se a palavra a outros deputados, — uns que mandavam para a mesa representações, e outros que mandavam apenas requerimentos. Acabada emfim a inscripção, o sr. presidente declarou que se ia entrar na ordem do dia, e as attenções esqueceram um pouco o adeantado da hora para se concentrarem no debate. Effectivamente era tarde, porque tambem se tinha começado tarde. A toda a volta do tecto, as vidraças cobertas de panno cru deixavam entrar uma luz diffusa em que ainda havia uma pulverisação de sol, n'aquelle entardecer brandinho d'inverno. Na vidraça do canto, á direita do presidente, uma lamina refulgente de sol enfiava por uma fenda deixada pela cortina de panno cru, atravessava a sala em diagonal, e ia quebrar-se no canto opposto da tribuna da imprensa. O sr. Consiglieri Pedroso, collocado na trajectoria d'esse resplendor, apparecia com a cabeça aureolada como um santo de chromolithographia d'Epinal, — com bigodes. E uns poucos de jornalistas republicanos, em face d'aquelle espectaculo mystico, achavam-se quasi dispostos a ver n'elle um presagio bom para a causa, pouco mais ou menos como aquelles crentes medievaes em que fala a *Vida de D. João de Castro*.

Ia se entrar n'uma das sessões mais agitadas d'este anno. A proposito do discurso da corôa, as paixões partidarias vão-se ensaiando para mais asperos combates, e levantam-se incidentes promettedores. Assim o sr. visconde da Ribeira Brava, julgou dever levantar algumas phrases proferidas pelo sr. Elias Garcia na precedente sessão, e subiu á tribuna. Ahi começou por affirmar a sua insufficiencia, por lamentar que o regulamento interno da casa o obri-

gasse a occupar um logar demasiadamente grave, — um logar cuja solemnidade exige predicados fóra do commum. E é possivel, de facto, que essa condição influisse sobre o espirito do orador para o não deixar desenvolver se como se devia esperar. O discurso do sr. visconde, bem que traduzisse o seu pensamento, resentiu-se um pouco do transtorno que sempre causa a um homem o achar-se fóra do seu meio habitual. A tribuna é um throno espectaculoso onde o orador se entrega todo inteiro ao publico, e d'onde as suas palavras devem derivar como d'um Sinai: póde-se ser um excellente conversador n'uma sala, um arguente formidavel ao nivel dos adversarios, — e fallir escandalosamente na attitude classica de Demosthenes. Nós somos uma raça depauperada, apoucada por todos os vicios e por todas as corrupções; não podemos dar-nos com usos que nos veem das eras heroicas, e que brigam singularmente com os nossos organismos enfezados, com os nossos *fracks* banaes, com os nossos ridiculos chapeus altos. Na tribuna quer-se a figura pomposa de Cicero, — com a sua larga physionomia barbeada, o seu forte nariz romano, o seu peito amplo, os seus membros nervudos e rijos; quer se o vestuario esculptural da Grecia, — a toga de grandes pregas, o estofo apenas acolchetado e deixando os braços livres para o gesto; e quer-se, emfim, o estylo campanudo dos grandes rhetoricos, — esse estylo magnificente que tem um geito largo como o das togas afiveladas no hombro, e que nos bons tempos do Forum alevantava em impetos de enthusiasmo a alma ingenua de todo um povo. Hoje não ha nada d'isso; a tribuna entre nós é um erro parlamentar a que se ha de fazer justiça, — quando tres ou quatro bons estenderetes ella tiver apresentado em salutar espectaculo aos olhos de toda a camara.

O sr. Bernardino Machado, que falou em seguida, singelamente e modestamente, — obteve o mais

agradavel successo de sympathia que era possivel imaginar. Este cavalheiro, um dos professores mais considerados da Universidade, tem de resto o typo insinuante, a palavra correntia, a elaboração das ideias facil. Falou como poderia falar da sua cadeira de professor, tendo achado no seu espirito bastante energia para abstrahir do logar compromettedor em que se achava, — e teve o bom senso de não versar senão as materias cujo estudo confina immediatamente com as suas occupações intellectuaes.

O sr. Gonçalves de Freitas, o sr. Emygdio Navarro e o sr. Manuel d'Arriaga, que se seguiram a falar sobre a ordem do dia, passaram pouco menos de despercebidos no debate. A esse tempo estava já cançada a attenção, despejavam-se gradualmente as galerias, e uma suspeita de crepusculo principiava a esvoaçar no ambiente, como uma poeira tenuissima de sombra. Apenas o sr. ministro do reino conseguiu reter os espectadores que debandavam, dando explicações por parte do governo, ácerca de funccionarios que os precedentes oradores tinham citado nos seus discursos. Essas explicações, de resto, pozeram fim á discussão da resposta ao discurso da corôa. O projecto foi votado, e votado justamente na sessão em que o sr. ministro das obras publicas, cumprindo umas das promessas d'aquelle documento, apresentara uma proposta de lei para a construcção do caminho de ferro da Beira Baixa.

Ha uma coisa mais difficil do que fazer a chronica d'uma sessão que não existiu : -- é fazer a chronica de uma sessão banal. O formalismo parlamentar tem necessidades bem duras; a catadupa diaria de requerimentos que se mandam para a meza, a eleição inexgotavel de commissões para todos os ramos dos negocios publicos, a eterna apresentação de diplomas cuja validade é raro contestar-se, — abrem bem largos parenthesis de fastio no interesse dos debates legislativos, onde a seducção das

paixões pessoaes, — tão attrahentes e tão profundamente humanas, — toma a envergadura epica das paixões d'um povo inteiro.

Na sessão de hontem, por exemplo, tudo correu monotono, insipido, banal. E entretanto, cá fóra, o céu rompia n'uma symphonia em sol maior, sonora de raios triumphaes, incendiada de canticos luminosos. O ar desabrochava em esplendidas promessas de primavera, uma animação extraordinaria percorria as ruas, fachadas inteiras alagavam-se em oiro fluido, vidraças distantes faiscavam como enormes chapas de *strass* batidas por um incendio. Triumphava em toda a linha o sol, — o sol que é a luz, o sol que é o calor; — e naturalmente o espirito sentia-se bem com a vida, inclinado a uma philosophia amavel, cheio de complacencias athenienses.

Nada mais agradavel do que abandonar a sessão vir surrateiramente pela escada abaixo, fugir ao dever, e marchar de nariz bem erguido para aquelle admiravel ceu de primavera, a farejar distrahidamente o aroma finissimo do sol, em que particulas inapreciaveis de *pollen* das novas germinações se baloiçam, — como um collegial que se dá o luxo de um feriado extraordinario. Mas o dever é uma coisa grave, — muito grave, — que os compendios recommendam e que o mundo exige, — sobretudo nos outros. A' hora em que uns poucos de deputados tinham mandado requerimentos para a meza, e em que o sr. Ferreira de Mesquita descia da sua cadeira para apresentar o diploma de não sei que eleição, — a tribuna dos jornalistas, quasi vasia, punha na enfiada das galerias como que o hiato d'uma bocca sem dentes. Apenas o sr. Sousa Viterbo se dedicara a ser um queixal d'essa bocca, — sentado á escrivaninha do lado. E no momento em que a camara se preparava para eleger commissões, o sr. Alberto da Cunha entrava resolutamente disposto a fazer-se um dos incisivos d'aquella pobre tribuna tão desguarnecida.

Passear ao sol, *flanar* por essas ruas fóra, olhar de passagem as mulheres e as *montres*, — isso é que seria bom, e bello, e saudavel. Scismar-se-hia no que tem de agradavel a vida, a imaginação deslisaria á flor das idéas, o olhar encher se-hia de bonitas coisas consoladoras. Seria um resvalar brando pela vertente da *rêverie*, n'uma bella despreoccupação dos assumptos ponderosos; pensar se-hia vagamente no ideal, com o mais soberano desdem do conflicto pela existencia; e ao declinar magestoso do dia, na hora melancholica do crepusculo, o espirito perder-se-hia nas regiões especulativas do sonho, a rebuscar os mysterios impenetraveis da vida, e a sondar os labyrinthos emmaranhados da morte.

Justamente na vespera, a terra tivera o festim extraordinario d'um grande, — d'um homem cuja vida se passara na epopeia, e cuja morte fôra bastante ruidosa para accordar os interesses, as ambições, as curiosidades, as invejas. Ahi estava pois o motivo d'uma *rêverie*, em que passariam as graves sonoridades oceanicas e a poesia eterna do mar. N'um relance do pensamento, o espectaculo soberbo dos oceanos desenrolar-se-hia como uma tela de diorama, com toda a magia caracteristica das coisas maritimas. A vida utilitaria esqueceria, graças a essa absorpção intensa no sonho. E bandos de bellas visões viriam encher o espirito do seu encanto eterno, á hora deserta em que as paixões se retiram como que extenuadas, — a crear novas forças.

Quantas vezes se teria aquelle homem encontrado de face com a tempestade, e quantas vezes teria elle interrogado a grandeza immensa do mar, postado no seu banco de quarto? Quantos dias e quantas noites teria elle andado perdido da terra, entre o ceu que se enconcha com as bordas para o extremo horizonte, — como a tampa d'um sepulcro, — e o oceano que enche o espaço d'um vago rumor? Mas isso é a historia de todos os marinheiros, —

historia d'uma singeleza absoluta e d'uma grandiosidade epica. Ella cifra-se em pouco: — em abandonar-se um pouco ao acaso, um pouco á bondade eterna dos eternos ideaes, um pouco á propria coragem; — e esse pouco, todavia, é d'uma enormidade que só os mais bem temperados ousam arrostar, tamanha é a energia que exige a convivencia de todas as horas com o desconhecido.

Viver do mar e para o mar... — phantasia extraordinariamente seductora!... Com effeito, n'essa carreira cujas tradições transbordam de grandeza, a propria banalidade é grande. N'ella, as alvoradas teem a maxima formosura, e os crepusculos teem a maxima tristeza. Ao madrugar, o Oriente abranda-se primeiro d'uma alvura lactea, tinge-se depois d'um rosa-laranjado, despede em seguida uma saraivada de lascas de sol, e triumpha emfim n'uma explosão d'oiro fluido, dando ás aguas uma profunda transparencia esmeraldina. Doze horas depois, o escurecer derrama sobre o oceano toda a pompa ideal das realèzas que nenhuma revolução pode assustar, e toda a intensa melancolia dos astros que esmorecem A' beira do Occidente, o sol é então um disco sanguineo, — como um oculo enorme de cristal carmezim que um archote afogueasse. Mas de minuto para minuto, a concavidade inferior do outro ceu engole um pouco d'esse disco; e o sol, muito lentamente, cada vez mais rubro, torna-se como a bocca em arco d'uma espantosa fornalha, — d'alguma d'essas fornalhas que Cyclopes alimentam, — emtanto que á flôr d'agua, nas arestas sempre renascentes das ondas, se ateia sem descanço como que uma crepitação de faúlas carmezins, — o derramamento das brazas d'essa fornalha. Depois, quasi sem transição, — nos tropicos, — a noite alastra-se pelo espaço infinito, e grandes passaros d'azas abertas voam em arcos de uma extensão enorme, serenos e deslisantes, mal roçando a agua que parece ir a pegar n'um somno — ou esbravejam com

gritinhos por entre a mastreação dos formidaveis navios. Anoitece..., anoitece..., anoitece..., — e aquelle crepusculo n'um deserto, ajudado pela illusão do marulho que nada no oceano, soluçante de plangencias vagas, traz comsigo a impressão d'uma trompa de caça que reboasse ao longe, lá muito ao longe, n'alguma velha clareira de floresta feudal, — simultaneamente na distancia do tempo e na distancia do espaço, — exhalando d'essas notas que vão morrendo..., morrendo..., morrendo...

E' a hora em que o convez tem uma tremura da vertigem do helice, e em que um bater surdo vem do jogar dos embolos, juntamente com um assoprar abafado de vapor que se escapa. Mas tem-se já o habito d'esse rumor, a tal ponto que elle deixou de se tornar perceptivel; e como que *se ouve* então o silencio da noite, profundo a perder de vista e a perder d'espirito.

E' forçoso confessar que tudo isto, — tão grande que a mais poderosa imaginação mal consegue evocal-o, — tem attracções mais energicas do que uma pobre sessão parlamentar em que o tempo se gasta a eleger interminavelmente commissões sobre commissões, e em que a dialectica dos senhores deputados se exgota em mandar para a meza requerimentos sobre requerimentos. De resto, tudo quanto precede será talvez d'umas seducções ligeiramente exageradas, mas nós é que sentiamos a profunda necessidade de as exagerar, — com franqueza!...— a vêr se assim lograriamos desculpar-nos de ter tomado *la clef des champs*, justamente no instante em que a sessão se affirmava decididamente fastidiosa. E' a velha manobra do collegial que se dá o luxo d'um feriado extraordinario: — em vez de se mostrar contricto pelo seu erro, o culpado faz a apologia das causas que o desviaram, e tenta naturalmente dar-se ares d'heroe. N'este caso, porém, a heroicidade consistiria em ficar na camara, como um verdadeiro martyr do dever, a escutar a eterna

balbucie dos senhores deputados que participam achar-se constituidas as commissões, que apresentam requerimentos, que pedem para ser abonadas comedorias a officiaes de marinha, que declaram tudo quanto n'este mundo se póde imaginar de mais ou menos legislativo.

A' saida, um homem distribuia folhas de papel impresso no meio do largo, mesmo ao pé da estatua de José Estevão, e prevenia: — «*E' de graça, meus senhores! isto é de graça!...*» — Tractava-se do *Seculo*, que hontem trazia o discurso inaugural do sr. Manuel de Arriaga, e que alguem tinha mandado distribuir gratuitamente para fazer a propaganda da nova ideia. Por isso tanta gente apparecia nas tribunas a dobrar o *Seculo*, de maneira que occupasse o menor espaço possivel, e a mettel-o nos bolsos! Algumas pessoas, mesmo, tinham feito fornecimento, e traziam trez exemplares, quatro exemplares, dez exemplares do afogueado jornal: — «*Para vender a pezo!*» — diziam essas pessoas.» — Não era senão para vender a pezo, ainda bem! Mas no fim da sessão, quando o sr. Manuel de Arriaga atravessava o largo, o homem dos jornaes apresentou uma das suas folhas ao illustre deputado, com a sua phrase supplicativa: — «*E' de graça, meu senhor! isto é de graça!...*» — E o sr. Arriaga affastou-se distrahidamente, murmurando sem ver o homem: — «*Réclames!...*»

XVI

— «Nós falaremos!» —

(*Chronica Parlamentar*, de 16 — 1 — 83).

Isto é historia:

N'uma epoca de que é inutil citar a data, — de tal maneira ella se fundiu na grandeza dos seus fructos, — a sociedade portugueza, fatigada por uns poucos de seculos de cezarismo, sentiu-se quazi de repente conscia de que podia emancipar-se, e começou a manifestar-se nas agitações parciaes que durante muitos annos occuparam o movimento da democracia. Queria-se liberdade, n'esse tempo. As classes populares, pouco menos de repellidas pelos dois estados preponderantes — pela nobreza e pelo clero, — agonisavam na inutilidade e na impotencia. Estavam-lhes fechados todos os caminhos. A sua representação em côrtes, sugeita a mil irregularidades que provinham do *bon-vouloir* da corôa, não dava resultados medianamente favoraveis senão quando aquelles dois estados, não raro antagonicos, sollicitados em sentidos contrarios pelas suas ambições, occupavam em se guerrearem um ao outro o tempo que d'ordinario gastavam em guerrear o povo.

Evidentemente, — em face da revolução franceza que tinha lançado as bazes dos novos regimens, — chegára para a sociedade portugueza o momento psychico de se affirmar como nacionalidade livre, como nacionalidade independente, e como nacionalidade honesta. Mas tudo isto era uma aspiração abstracta, — qualquer coisa como a fórmula d'uma utopia. O machinismo do regimen absoluto, estabelecido como senhor e reconhecido como potencia, assoberbava tudo. A democracia propagava-se a medo, apenas como um sonho de visionario. E ninguem, ninguem havia que fosse a cabeça d'aquella ideia, — ninguem que fosse o seu braço.

Appareceram então o duque de Bragança e o conde de Villa Flor. A historia d'este seculo, ainda por fazer, ha de um dia affirmar quanta dedicação influiu n'um espirito de rei para a si proprio se amputar d'uma grande parte da sua força, e ha de affirmal-o mau grado todas as circumstancias concorrentes que poderam ajudar esse espirito a transigir com um ideal que mais tarde ou mais cedo seria o vencedor; quanto ao homem, porém, cuja espada e cujo genio militar se pozeram inteiramente ao serviço da causa democratica, — sem um pensamento reservado de conveniencias dynasticas e sem uma aspiração que não tivesse por origem a mais honesta abnegação, a historia disse já o que tinha a dizer, as apotheoses do espirito universal collocaram-no já no pantheon em que dormem para a immortalidade os heroes.

A nossa epopeia constitucional sagrou em deus esse homem. Para a consciencia dos povos como para o respeito dos que hoje gozam a tranquillidade feita com os sacrificios da geração passada, — o conde de Villa Flor, o nosso prototypo do cavalleiro *sans peur et sans reproche*, tem direito a um amor e a um culto. Elle esqueceu as tradições do seu nome, o futuro da sua raça, o esplendor da sua casa, a propria segurança da sua cabeça, — e tudo isto gra

tuitamente, certo de que a revolução passaria por cima dos seus titulos, por cima das suas isenções, por cima dos seus privilegios. A sua vida foi um longo exemplo de heroismos, de temeridades, de loucuras santas. Venceu,—como vencem todos aquelles cuja causa é generosa; — no dia do descanço, porém, elle estava velho, estava pobre, estava amaldiçoado pelas intransigencias ferozes da sua casta; morria sem um filho, sequer, a quem legar a sua gloria, já que lhe não poderia legar outra coisa; e nunca o caso foi tão proprio para se transformar a phrase de Brenno, — «*Ai dos vencidos!*» —, n'esta outra que seria desesperadora se não fosse a consciencia do dever cumprido: — «*Ai dos vencedores!*» —

O conde de Vjlla Flor é o homem que soltou o primeiro grito da revolta, na ilha Terceira. D'ahi, — d'esse desolado rochedo que a natureza parece ter talhado para ninho de piratas, e d'onde um bando d'aguias levantou vôo para a conquista da liberdade, — elle veio ao paiz em que a sua cabeça estava posta a preço, lançou se com um punhado de valentes atravez das batalhas, combateu como um heroe, foi bravo como um leão, bom como uma creança, inflexivel como as proprias armas, grande como o proprio Deus. Couberam-lhe as expedições arriscadas, sobretudo; a sua marcha atravez do Algarve, por entre populações inimigas que matavam á fome os expedicionarios quando não podiam matal-os a tiro, está entre a epopeia e a loucura; é como que um poema das velhas eras heroicas, em que o espirito vacilla entre estes dois polos: — ou acreditar n'uma intervenção sobrenatural, ou crer n'um genio tão alto que frisa as sublimidades olympicas dos semideuses da fabula. E no dia, emfim, em que a causa da liberdade se achou implantada em Portugal, o conde de Villa Flor achou-se despojado de todos os seus privilegios de raça, esmagado sob o seu proprio carro triumphal. O velho gentilhomem tinha sido ao mesmo tempo sacrifica-

dor e victima, nobremente e santamente; na sua consciencia, porém, elle achára compensações bastantes para se ficar na serenidade altiva dos justos, quando o seu bello espirito e a sua grande alma lhe applaudiram o cumprimento estricto de um dever sagrado.

Hoje, como então, ha aspirações, ha ideaes, e ha combatentes, mas com uma differença:—é que as aspirações são pessoaes, os ideaes são d'um utilitarismo estreito, e os combatentes teem tudo a ganhar e nada a perder. Detraz da democracia que se agita como bandeira, estão as ambições, as invejas e as soffreguidões d'um partido em que só os chefes podem lucrar Os espiritos bons d'esse ideal, — porque devemos confessar que os ha, — conservam-se affastados, com mais medo da victoria que da derrota; e são os primeiros a renegar os seus correligionarios, vendo n'elles apenas o que de facto são,—ambiciosos de vista curta, propagandistas sem escrupulo, especuladores d'uma popularidade turva.

Quando o outro dia, em plena camara, o sr. Manuel d'Arriaga torcia em seu proveito as phrases d'um orador que o reduzia ás suas justas proporções, e transbordava de conspicuas sentenças contra a irreverencia da ironia que nada respeita, sua excellencia esqueceu que dois dias antes a imprensa espalhara uma carta sua aos seus eleitores do Funchal, e que essa carta não era uma ironia, — pois que a ironia só não respeita o que não é respeitavel, — mas era uma facecia lugubre. Com effeito, a ironia é a mais artistica fórma da critica, deve sabel-o o sr. Arriaga porque é justamente no seu partido que ella tem encontrado os mais esmerados cultores,—e a facecia é um divertimento barato d'espirito, que principiou por não respeitar os outros, e que acaba por se não respeitar a si. Nós,

por exemplo, rimo-nos amavelmente do sr. Arriaga quando sua excellencia carreia ondas de logares-communs grotescos na torrente da sua eloquencia fossil, — incompativel com o criterio moderno, — mas não tomâmos a liberdade de fazer chalaça com os erros typographicos que se insinuam nas suas cartas impressas, nem temos a audacia de zombar do seu real talento. Só o sr. Arriaga, prégando phrases campanudas para uso da credulidade popular, conseguiu ser francamente faceto, e logrou reforçar a facecia com a miseria d'uma zombaria em que o mais absurdo jacobino veria retratada a incoherencia pomposa do seu espirito. Insultar a terra d'onde o primeiro clamor de liberdade se exaltou ás nuvens, e cujo nome deu um titulo glorioso ao mais valente e mais nobre campeão da nossa regeneração social, — pode ser uma lisonja boa para ingenuos, — mas com certeza não é um expediente de perfeita honestidade intellectual para angariar adeptos serios.

Era isto que o sr. Manuel d'Arriaga precisava que lhe dissessem, no dia em que as suas susceptibilidades o levaram a ser grotesco d'insinuações contra a ironia que o não respeitara como a um deus. De resto, isto não é um desforço, — que a hora dos desforços não chegou ainda. N'este meio tempo, em que uma tarefa se nos impõe, estamos absolutamente impassiveis perante os ataques pessoaes; e se levantámos aquelle de passagem, foi apenas porque elle entrava um pouco no dominio da chronica parlamentar, e sobretudo porque trazia comsigo a suggestão d'um insulto a um principio venerado.

XVII

Apoz estes dois feriados parlamentares que acabam de passar, não deixa de ser agradavel encontrarmo-nos em plena effervescencia politica, entre a camara dos pares onde a resposta ao discurso da corôa passa *comme une lettre à la poste*, e a camara electiva onde o projecto do caminho de ferro do Algarve principia a discutir-se. Traz-se para o parlamento, comtudo, um pouco da fadiga de dois longos dias sem trabalho; a inacção tem cançado os espiritos, e é arrastadiço o passo em que os srs. deputados veem chegando á camara. Transparece nos olhares uma sombra da nostalgia do sol e das ruas animadas. Entre outros, o sr. Elias Garcia tem vindo para a camara a pequenas jornadas, como quem vacilla em mergulhar no dever apoz o encanto de dois dias em que se gosou a vida. Ao meio dia, com effeito, encontrámos sua excellencia na rua dos Capellistas, encostado a uma parede, conversando com um cavalheiro de suissas. Uma hora depois, sua excellencia apeia-se do *americano* no largo do Conde Barão, desvia-se da linha onde manobram parelhas de mulas, e conversa com um cavalheiro de bigode. Mais tarde, sua excellencia desce d'outro *americano* ao fundo da calçada da Estrella, e fica-se dez minutos a

conversar com outro cavalheiro, d'esta vez barbeado como um padre ou como um actor. E só d'ahi por meia hora sua excellencia sobe a escadaria de S. Bento, arrastando os pés, parando a cada degrau para olhar distrahidamente por cima das casarias fronteiras. O proprio sr. ministro do reino, que se apeia do seu trem no largo das Côrtes, vem sosinho, sem a escolta costumada do correio a cavallo, que é a unica pompa d'essas culminancias de gloria a que as folhas republicanas chamam — «*a orgia do poder*». — Os soldados da guarda passeiam de mãos atraz das costas, muito aborrecidos. Os continuos teem caras menos amaveis que de costume, ao pé das sentinellas perfiladas cujas bayonetas despedem a espaços uns relampagos d'aço. E dir-se-hia que as proprias paredes se concentram no tedio, tamanha é a tristura do sol que as illumina a raios intermittentes, atravez de grossas nuvens que pestanejam no alto.

Nos corredores, poucos são os deputados que se avistam. Dá-se um facto curioso cuja explicação é simples, — mas simples como a dos logogryphos do sr. Matheus Peres, em que os profanos exclamam depois da decifração: — «*Ora! estava mesmo a metter-se pelos olhos!...*» Esse facto, que vamos illustrar com um exemplo, eil o. O sr. Manuel d'Arriaga, tendo subido sósinho a escadaria, fica-se no patamar da camara, com palpitações de medo no coração, a tomar alento para alguma empreza que deve reclamar todos os esforços da mais inquebrantavel energia; defronte de si, os dois oculos da cancella do corredor escancaram se como um par d'olhos sem palpebras, no meio da baeta azul. Ao cabo de um momento, o sr. Arriaga avança em bicos de pés até um dos oculos, fazendo signaes cabalisticos ao continuo, cujo bigode grisalho faz sentinella por traz do outro oculo. Sua excellencia tem limpado a luneta a uma ponta do lenço, como quem vae confiar qualquer melindros

tarefa á agudeza da vista. Então, o sr. Arriaga explora em todos os sentidos a galeria, onde uma duzia de pessoas passeia, e outra está sentada; analysa meticulosamente cada cara de per si, com essa perspicacia que a Providencia dá aos *décavés* perseguidos por deshumanos crédores; a sua attitude exprime a timidez dos grandes criminosos que os antigos melodramas nos apresentam, receando topar a cada passo com os espectros das suas victimas. Ao cabo d'este exame, e d'uns poucos de signaes trocados com o continuo, — que n'esse meio tempo tem espreitado os recantos aonde não podia chegar o olhar do sr. Arriaga, — este recúa até á beira do patamar, formando salto, e precipita-se como um foguete atravez da galeria, transpondo a cancella que o continuo lhe abre de repente; sua excellencia não se considera salvo senão quando se vê dentro da camara, protegido por vinte portas e por quarenta continuos incorruptiveis.

Mas nem sempre dá completo resultado esta manobra. A's vezes anda mais gente na galeria, tem-se feito mal a exploração dos passeantes; e quando o sr. Manuel d'Arriaga vae de fugida a atravessar o corredor, com as abas da sua sobrecasaca tremulando ao vento do terror, uma voz immobilisa-o de subito, clamando: — «*Senhor doutor! ó senhor doutor!...*» — E' um *irmão e amigo* que o atraca, que se colloca na sua frente a explicar-lhe como foi que a eleição do Funchal se decidiu pela boa causa, — graças aos seus esforços..., unicamente aos seus esforços desinteressados... — «*Sim, senhor doutor*, — conclue o importuno, — *estou certo que v. ex.ª sentirá um verdadeiro prazer em me arranjar um logarsinho nas alfandegas, ou então na policia...*» — O sr. Arriaga escuta-o, com um sorriso dos seus dentinhos de joven lobo entre o seu bigode loiro e a sua pera não menos loira, e promette arranjar-lhe o emprego; n'este

meio tempo, porém, novos *irmãos e amigos* teem acudido, — uma quantidade innumeravel d'elles, — e todos pedem empregos, — sobretudo empregos de confiança. Cada um explica ao sr. Arriaga, puchando-o de parte e falando-lhe ao ouvido, — que exclusivamente a si se deve o exito da eleição do Funchal, — «... *onde alfim triumpharam as conquistas da civilisação*» — ; e previne sua excellencia contra os outros pretendentes, — «... *uns especuladores*...» — O sr. Arriaga tem de sorrir complacentemente a tudo isto, promettendo os empregos para o dia seguinte; e não consegue escapar-se senão quando tem a inspiração de dizer distrahidamente, como quem não suspeita do effeito que vae produzir: — «*Ahi vem o commissario de policia!*» — Debandada geral; os *irmãos e amigos* desapparecem, como que arrebatados n'um pé de vento.

Ai, os pretendentes!... Cada dia da sessão, nuvens d'elles caem sobre a galeria da camara, soffregos d'um emprego, d'uma collocação, d'uma coisa qualquer que renda dinheiro. E depois, o pretendente julga-se no direito de se servir do *seu* deputado como d'um serviçal. E' muito conhecida a historia d'aquelle eleitor que escrevia da provincia ao sr. Thomaz Ribeiro, pedindo-lhe um chapeu do *Quarenta e tres* Certos pretendentes apresentam-se em casa dos seus deputados, com familia e malas, e offerecem-se á hospedagem da casa. Outros tomam o braço do seu representante em côrtes, e proporcionam-lhe a honra de os guiar atravez das — «*seducções da capital*» —, para verem as *montres* e a capella de S. João Baptista. Outros, emfim, tractam os seus deputados por tu. E sempre, se os eleitos da vontade correspondem ao capricho dos seus eleitores, estes disparam uma queixa identica á de certos velhos caturras, perante as verduras da mocidade. Os caturras dizem: — «*Que ingratidão! um rapaz que eu vi nascer!...*» — ; e os eleitores excla-

mam: — «*Que ingratidão! um homem a quem eu fiz deputado!...*»

Em alguns casos pode-se empregar este expediente que contam do sr. Carlos Bento, a quem um pretendente perseguia sem jámais conseguir encontral-o. Um dia, entrando nos corredores da camara, o sr. Carlos Bento vê dirigir-se para si um homem que estava ao pé d'um continuo, e ao qual o continuo acabava de fazer um signal. Logo ás primeiras palavras sua excellencia acode: — «*Vejo que está enganado... Eu não sou a pessoa que julga...*» — O homem atrapalha-se, olha para o continuo que n'esse momento o não vê, balbucia umas desculpas. Mas o sr. Carlos Bento, cruel como todos os homens d'espirito, vê passar o sr. Philippe de Carvalho. e pensa immediatamente n'uma mystificação horrivel: —«*Olhe*, — diz elle ao pretendente, — *o sr. Carlos Bento é aquelle!...*» — E deixa o pobre homem entregue á attenção do sr. Philipe de Carvalho, — uma attenção bem platonica, *hélas!*

Na camara, hontem, era desolador vêr a quantidade de pretendentes que enchia os corredores n'uma espectativa ingloria. Os srs. deputados, sabedores da praga que n'esta altura dos trabalhos parlamentares se começa a desenvolver, tinham entrado cedo com todas as precauções que a experiencia aconselha. Ao lado da porta, dois eleitores do Funchal esperavam a entrada do sr. Arriaga, para lhe pedirem um emprego. Não se deixariam illudir; elles conheciam perfeitamente o llustre deputado, e a sua vigilancia era d'um rigor imperturbavel. Entraram muitos representantes, — uns novos, outros velhos, uns gordos, outros magros. A cada abrimento da porta, os ilheus collocados de sentinella atravessavam-se na passagem, investigavam a cara do recemvindo. Assim viram entrar bigodinhos d'adolescente, bigodes grisalhos, suissas de todas as côres, cabelleiras com todos os penteados. D'uma vez, quando o porteiro escancarava a

cancella, os dois eleitores encontraram-se face a face com uma cara desconhecida, cuja extravagancia os impressionou: — nunca assim tinham visto uma figura immobilisada e como que crystalisada n'uma expressão de dôr; os musculos d'esse rosto, fixos, faziam lembrar certas preparações anatomicas em que a cêra tenta simular a carne, mas em que a vida falta. Os ilheus affastaram-se, e pozeram-se de novo á espreita do sr. Manuel d'Arriaga, — que não chegou. Entretanto o sr. Manuel de Arriaga estava dentro da sala quando a sessão se abriu, sentado no seu logar do costume: e contava-se na tribuna da imprensa uma certa aventura original, em que sua excellencia era apresentado defronte da *étalage* do Seixas, como um provinciano, tendo uma inspiração luminosa perante as mascaras que fitam os transeuntes, com as suas orbitas vazias.

Aberta a sessão, achou-se que nem sequer se teria a attracção d'um expediente agitado, já que a ordem do dia era arida de sua natureza. Com effeito, havia poucos deputados, e esses poucos tinham um vago aspecto desancado, mediocremente proprio para os incidentes curiosos. Por felicidade, o sr. Antonio Maria de Carvalho pediu a palavra, e as tribunas concentraram se logo na curiosidade doentia de quem vê prestes um desastre. O sr. Antonio Maria de Carvalho quiz saber o que havia ácerca do imposto sobre o sal, que sua excellencia pretende estar sendo cobrado illegalmente. Por parte do governo, o sr. Hintze Ribeiro deu algumas explicações, mas o sr. Antonio Maria de Carvalho não se contentou com ellas, exigiu explicações cathegoricas. A sua voz trovejava d'indignação, os seus gestos ameaçavam demolir o — «*edificio das illegalidades*» —, a murro secco. Segredava-se entre os senhores deputados: — «*Um dia ha aqui uma desgraça!...*» — ; e todos se collocavam a distancia respeitosa. Mas passou aquelle in-

cidente como uma rajada, os peitos desopprimiram-se. Ao entrar se na ordem do dia, o sr. Antonio Maria de Carvalho apenas se levantou para perguntar se o projecto do caminho de ferro do Algarve entrava em discussão com as bases, ou sem as bases; era uma simples questão de metter medo á camara, fazendo-lhe acreditar que sua excellencia ia encolerisar-se. Nada d'isto succedeu, porém; o projecto entrou tranquillamente em discussão, e o sr. Emygdio Navarro poude fazer o seu discurso sem que algum funesto acontecimento tivesse enlutado a camara.

Correu sem resaltos a ordem do dia, entre os discursos do sr. Emygdio Navarro, do sr. Antonio Maria de Carvalho e do sr. ministro das obras publicas. Prevê-se que o projecto não dará logar a grandes vicissitudes parlamentares, balouçado entre a opposição brandinha do partido progressista e o appoio dos amigos politicos do sr. Antonio Maria de Carvalho, que falou em nome dos seus correligionarios. O sr. Emygdio Navarro, de resto, limita-se a argumentar com uma coisa que toda a gente sabe: — que o projecto primitivamente delineado pelo gabinete progressista era melhor do que o actual. Ninguem ignora que os actos dos adversarios são sempre maus; é já uma concessão o confessar-se que elles não são precisamente abominaveis, quando se resume o ataque em affirmar que os actos dos amigos eram ligeiramente melhores.

XVIII

Emtanto que o projecto do caminho de ferro do Algarve se discute, os srs. deputados republicanos, mudos como peixes, assistem dos seus logares á discussão como meros *dilettanti*, sorrindo-se ás vezes um para o outro. E' o manejo de todos os augures que se prezam. Entretanto, é para notar que o sr. Manuel d'Arriaga, no seu primeiro discurso, citou justamente o Algarve como uma provincia abandonada pelos governos. Havia tremulas commoções na voz de sua excellencia, ao referir esse destino triste de paiz desherdado. Hoje, porém, que se trata de dotar o Algarve com um meio energico d'engrandecimento, o sr. Arriaga emmudece a circumvagar pelo espaço o seu olhar azul, e troca com o sr. Elias Garcia sorrisos de quem se acha bem no seu logar, sob a attenção curiosa das galerias, com uma carteira commoda onde ha papel e pennas, — *tout ce qu'il faut pour écrire*, — e uns poucos de continuos sollicitos ao menor signal.

Os senhores deputados republicanos são simples deputados de luxo, para as occasiões solemnes em que se discutem principios. N'este campo, ha uma eloquencia facil e ao alcance de todo o orador de *meeting*, — a eloquencia das phrases campanudas, dos tropos emphaticos, da rhetorica pomposa.

Tem-se formulas infalliveis para extasiar um auditorio, com dois gestos e quatro palavras. Certos tribunos chegam a enthusiasmar, arrepellando-se os cabellos, — e teem já preparados os seus discursos para fazer pausas, afim de que a ovação possa rebentar. Este é o genero do sr. Manuel d'Arriaga, cujas aptidões não hão de agora ir comprometter-se n'uma pobre questão de caminhos de ferro, onde os algarismos pullulam com toda a sua aridez mathematica.

Entretanto, o projecto vae seguindo o seu caminho parlamentar atravez dos obstaculos que a opposição se julga no dever de lhe levantar. Por parte da minoria, foi hontem o sr. Marianno de Carvalho quem teve as honras da sessão, falando interminavelmente contra o projecto. Consignemos porém, — como hontem, — que os ataques da opposição continuam a versar sobre a inferioridade do actual projecto em relação com o projecto do gabinete progressista. Sempre passeando, e sorrindo para os collegas que lhe ficavam proximos, o sr. Mariano de Carvalho gastava a sua dialectica em estabelecer parallelos sobre parallelos, d'onde inferia sempre que o projecto do sr. Saraiva de Carvalho era melhor, — muito melhor do que o actual. Lançado n'esse systema, sua excellencia citou os declives de 15 e de 18 millimetros, os raios de 250 e 200 metros, os trens-kilometros, tudo quanto podia servir-lhe para dar aos seus ataques uma sombra de rasão. E firmava sempre as suas palavras, sorrindo, com um gesto do seu indicador enfiado n'um dedo de luva, — como quem se divertisse em espetar argumentos á maneira de borboletas raras.

O sr. Mariano de Carvalho, comtudo, vae em decadencia. *Il baisse*. O sr. Emygdio Navarro empolga-lhe decididamente a sua situação de *leader*, e sua excellencia contenta-se em fazer coro. Elle, que n'outro tempo demonstrava, sendo necessario, que 3 é egual a zero, mal conseguiu hontem attra-

hir um certo successo de curiosidade sobre a a sua proposição arithmetica de que 18 é muito inferior a 15. Defronte de si, debruçado n'uma attitude d'esphynge sobre a carteira dos senhores ministros, o sr. Antonio Maria de Carvalho admirava aquelles exercicios de prestidigitação que ainda deixavam ver o antigo magico atravez das actuaes fraquezas, descobrindo-se ás vezes n'uma escamoteação de cifras, ou demorando-se a metter na manga os numeros que deviam sumir-se.

Outr'ora, o sr. Marianno de Carvalho teria começado por dizer, arregaçando-se até ao cotovello e pegando nas verbas com as pontas dos dedos: — «*Meus senhores, vejam que eu trabalho sem apparelhos*..«» — E teria engulido as verbas sem ninguem dar por isso, ou, *vice versa*, teria feito brotar da sua bocca uma torrente d'ellas, — em fitas. Já lá vae esse tempo; hoje, o sr. Marianno de Carvalho enferruja-se a olhos vistos, e o seu reinado vae passando como um clarão de meteoro que se apaga.

Não foi difficil ao sr Sarrea Prado, relator do projecto, sustentar os calculos estabelecidos pela commissão, e demonstrar as vantagens economicas resultantes do projecto em discussão. De resto, o simples ennunciado das suas bases prova quanto elle é superior ao do gabinete progressista, onde a garantia de juro, entre outras coisas, era mais elevada que agora, no projecto apresentado pelo governo regenerador. Tratava-se apenas de mostrar os fundos falsos em que o sr. Mariano de Carvalho tinha escondido os verdadeiros termos da questão, — um pouco desastradamente.

XIX

Emtanto que sobre o projecto do caminho de ferro do Algarve, na camara dos deputados, agonisam os derradeiros esforços da opposição, — a camara hereditaria, ordinariamente soturna, aquece-se n'estes dias até ao rubro das mais calidas paixões politicas, galvanisada pela corrente de reformas que troveja n'um reprego de ennevoamentos democraticos. A reforma, ali, não é uma simples medida progressiva de formulas sociaes,—como na camara popular; — é tambem, diga-se a palavra, uma verdadeira questão de interesses pessoaes. O promettido *statu quo*, pelo que diz respeito aos actuaes titulares do pariato, é certamente um acto de justiça, poisque o contrario seria qualquer coisa parecida com uma lei de effeito retroactivo; mas não constitue de nenhum modo uma garantia rasgadamente lisongeira, — para homens cuja edade não é bem a edade das illusões ridentes e dos largos futuros tranquilisadores. Ser velho, — é bello; mas ser moço é melhor do que bello, — porque é ser bonito; e na camara dos pares, desde o sr. Ferrer, — que é velho como o mundo, — até ao sr. Costa Lobo, —que é feio como o peccado, — apenas quatro ou seis excepções de juventude abrem delicado parenthesis gentis n'aquelle grave concilio de varões

antiquissimos, — como illuminuras a oiro e côres n'um texto erudito de pergaminho feudal.

E' a primeira vez que este anno, — leitor, — entramos desaffogadamente na camara hereditaria. Foi para isso necessario que a outra camara adormecesse desalentada sobre a modorra d'umas subtilezas arithmeticas em que a opposição, — a propria opposição, — cabeceia como uma creança fatigada, e esfrega frequentemente os olhos como quem tem a sensação d'uma *blonde* finissima a tecer-se-lhe sobre as palpebras congestionadas, sob os dedos insensiveis d'estranhas fadas. Ao mesmo tempo que a camara dos deputados boceja, a camara dos pares clama. Ir fazer o nosso quarto de sentinella para o recinto em que o sr. Marianno de Carvalho estabelece equações do primeiro grau, e em que o sr. Manuel de Arriaga solta as suas *roulades* humanitaristas de democrata lymphatico, — seria erigir uma sessão parlamentar em succedaneo da *Revista dos Dois Mundos*, que se lê ao deitar na cama, no momento em que o acto solemne do assoprar da luz exige a solemnidade taciturna d'um somno de chumbo. A camara dos pares, ao menos, vive. Ha humanidade nas suas paixões politicas e nas suas paixões pessoaes, cujos accentos fazem echo ou fazem recochete em todos os espiritos. Por outro lado, ella é a principal interessada, — como corporação politica, — nas reformas que vão effectuar-se; e deve ser d'um curioso espectaculo ver como ella terá animo para dar aos escalpellos o seu organismo, ou como ella saberá embuçar-se nas suas togas para morrer pomposamente, á maneira dos senadores antigos.

Por volta das duas horas da tarde a camara está deserta ainda. Tão desertas como a camara, as tribunas enfileiram em torno do semi-circulo da sala, os seus dois andares de balaustradas, umas recortadas em florescencias ornamentaes, — as de baixo, — outras severas e quasi lizas. Na tribuna

da imprensa, ao contrario do que succede na outra casa do parlamento, a denominação official do recinto é um pouco platonica; não ha lá, com effeito, nem papel, nem tinta, nem pennas, — e só lhe falta, quando a sessão se abrir, que os seus bancos se encham de membros da Associação dos jornalistas, — para tambem lá não haver nem meio jornalista.

Eis-nos portanto na situação dos antigos paizagistas, que pintavam paizagem de cór. Defronte da camara, cujo scenario se nos offerece deserto d'actores, temos de entregar o nosso espirito a um esforço de contemplativo, e d'encher as pupillas, á sobreposse, d'este espectaculo imponente. Imponente, — é o termo. Tanto a camara electiva parece desanimar-se n'uma ornamentação pobre, quanto a camara hereditaria se pompeia n'uma soberba *tenue* de grande senhor. A' volta do enorme salão, o desenvolvimento pomposo da sua columna, a de marmore põe um não sei quê da severidade dos tempos mythologicos. As manchas deslavadas dos marmores fundem-se na distancia, em esbatidos d'uma tonalidade de meias-tintas. Por cima da presidencia, encimado por uma corôa que duas cariatides de carvalho amparam, o retrato do rei, pintado ha quinze annos, domina a scena entre duas portas lateraes, em que bellas estatuas de marmore branco entrelaçam palmas de bronze nos medalhões commemorativos de D. Fernando e de D. Maria II. Reposteiros de velludo vermelho estabelecem um contraste feliz com a mobilia negra da sala, — mobilia pesada e vasta, como se usava no bom velho tempo em que um utilitarismo estreito não tinha ainda sonhado apoucar tudo, — desde os sentimentos até ás sensações, desde os scenarios até aos actores. As carteiras são d'um contorno severo, escalonadas em amphitheatro semi-circular, e apenas de espaço a espaço as accidenta alguma orla de pau-setim, cuja amarellidão destaca como o oiro no fundo das madeiras e dos marroquins pretos. Uma luz diffusa d'*ate-*

lier banha a sala, atravez da immensa claraboia que lhe serve de tecto; e em certas tardes de verão peninsular, póde-se ver reluzir no tapete do hemicyclo uns arabescos de coloridos extravagantes, — quando o sol parece derreter em fusões de pedrarias o cristal pinturilado das armas que occupam o centro da claraboia.

Hontem, pouco antes de se abrir a sessão, afundava se a camara n'um silencio concentrado de nave em que apenas os santos fazem o seu eterno quarto de sentinella, defronte dos lampadarios accesos. Falava-se baixo, insensivelmente: os continuos, ornados dos seus collares doirados, caminhavam em bicos de pés; o sr. Visconde de Soares Franco, sósinho e perfeitamente immovel na sua cadeira de secretario, olhava sem ver. Ao cabo de meia hora, entrou o sr. Visconde de S. Januario acompanhado pelo sr. Mendonça Cortez; e poude ver-se n'esse ligeiro hiato da porta um passear de dignos pares na galeria, — conversando, soltando exclamações, fazendo gestos O rumor d'essa animação, que entrara como uma baforada, apagou-se, logo que a porta se fechou com toda a sua espessura massiça.

Então o sr. visconde de S. Januario e o sr. Mendonça Cortez evidentemente fugidos d'aquelle bulicio, procuraram um canto, e pozeram-se a conferenciar. O sr. Mendonça Cortez, cuja calva reluzia mais do que do costume, proferia palavras precipitadas atravez do seu bigode muito preto. O sr. visconde limitava-se a escutar, do alto da sua estatura erecta. O silencio do recinto não tinha sido nem de leve perturbado. Entretanto o sr. Thomaz de Carvalho assomou á outra porta, e subiu como um rapaz os degraus da presidencia, até á cadeira do sr. Visconde de Soares Franco. Foram dois minutos de conversa, em que os oculos d'oiro do illustre professor despediram relampagos aos dois lados do seu nariz adunco, em que as suas caracteristicas suissas brancas esvoaçaram, e em que os seus la-

bios delgados distillaram palavras insensiveis; ao cabo d'esses dois minutos, o sr. Thomaz de Carvalho sahiu por onde tinha entrado, sempre muito vivo, com os seus oculos a relampejarem, as suas suissas esvoaçando, e os seus labios franzindo-se na sua eterna ironia de *bel-esprit*.

Mas ouviu-se então no corredor a campainha que um continuo tocava, chamando os dignos pares. Outro continuo veiu desfazer as abraçadeiras dos reposteiros, que fecharam os vãos das portas. O sr. Andrade Côrvo subiu para o seu logar, acompanhado pelo sr. Montufar Barreiros, a mais *fine lame* da esgrima portugueza. Ao mesmo tempo, as galerias enchiam se de espectadores, e a sala enchia se de membros da camara. Estava aberta a sessão.

Eis-nos pois na discussão da resposta ao discurso da corôa, — esse documento que cada anno as pessoas declaram acceitar, como simples formalidade de cortezia para com o chefe do Estado, e que sempre leva umas poucas de sessões a discutir. Esperavam se hontem as declarações do sr. Vaz Preto, cujas opiniões politicas representam as opiniões d'um partido. Effectivamente, foi dada a palavra a sua excellencia, e a camara tornou se logo d'uma attenção profunda. O sr Vaz Preto, n'um discurso conciso, expoz cathegoricamente que appoiava o ministerio nos seus projectos de reformas politicas, e que esperava que essas reformas seriam acompanhadas de reformas d'ordem economica e d'ordem administrativa. Referindo a sessão da camara hereditaria, o *Correio da Noite* lançou um ensaio, — a ver se pegava, — uma substituição da palavra — «*acompanhadas*» — pela palavra — «*precedidas*» —; infelizmente, porém, as bem conhecidas condições acusticas da camara impedem-nos de levar a cortezania até ao ponto d'appoiar aquelle nosso collega, dizendo qualquer phrase parecida com esta : — «*Sim, talvez nos enganassemos... O sr. Vaz Preto decerto quer as reformas politicas precedidas de reformas*

economicas e administrativas...» — Não, as declarações de sua excellencia foram terminantes, e as suas palavras foram perfeitamente intelligiveis. Nem d'outra maneira se comprehenderiam os ataques anti-constituintes do partido progressista, — que tambem quer as reformas politicas precedidas de reformas economicas e de reformas administrativas. Teriamos aqui o caso d'acolher um amigo intimo, — á bengalada; queremos antes acreditar que o partido constituinte é para o partido progressista um simples inimigo intimo, — a mais terrivel casta d'inimigos que se conhece.

Foi necessaria a sessão de hontem para, com os argumentos do sr. presidente do conselho, se tirar bem claramente e bem officialmente a limpo a questão de responsabilidades politicas. O sr. presidente do conselho, aliás appoiado pelas declarações do sr. Barjona de Freitas e pelo manifesto do sr. Vaz Preto, poude emfim dar á refutação dos principios progressistas a consagração do debate parlamentar, procedendo a uma boa e bella execução das subtilezas dos seus adversarios. Tractava-se de mostrar a mediocridade d'uma politica que em dois annos de governo não tractara sequer de cumprir o promettido, e que mais tarde vinha atacar os adversarios por se lhe anteciparem n'uma ordem de medidas cuja opportunidade emfim chegara. Similhante tarefa, simples pela sua justiça mas delicada nos seus meios d'execução, é que hontem occupou as attenções do sr. presidente do conselho.

A opposição do partido progressista ás reformas politicas, de resto, não offereceu a menor novidade: — sempre a mesma canção dolente de namorado que se offerece para substituir um rival, — porque é mais profundo o seu amor. Isto é ligeiramente comico e ligeiramente irregular; um gentilhomem da Renascença não pensaria em afastar Romeu do balção de Julieta, substituindo ao cantar fresco da cotovia os seus protestos d'uma rivalidade soffrega.

A soffreguidão do partido progressista é a sua pretensão a ser o unico que póde realisar as reformas politicas, e a sua allegada preferencia chronologica pelas reformas economicas e administrativas. Essa pretensão e esta preferencia foram os topicos do discurso do sr. Henrique de Macedo.

Discurso banal. Sua excellencia tinha levado para a camara, — com uma coragem digna de melhor causa, — o programma do partido progressista, e leu pequeninas phrases recortadas d'elle, tentando provar que o intuito do partido foi sempre começar pelas reformas d'ordem administrativa, antes d'encetar as d'ordem politica O sr. Henrique de Macedo, por consequencia, deixou implicitamente a descoberto este corollario dos seus argumentos : — que era preferivel fazerem-se as reformas com a actual organisação da camara alta, — que é o pezadello do partido progressista, — a fazerem-se com uma organisação rasoavel da mesma camara.

Contava-se cá fóra, a proposito, um dicto intimo do sr. Thomaz de Carvalho. Segundo os *racontars*, sua excellencia teria deixado escapar, em conversa com alguns partidarios da reforma progressista :

— «Mas isso não é reforma; isso é, quando muito, — *árrefórma!...*» —

XX

Eis emfim discutida, commentada e approvada a resposta ao discurso da coroa, — em todas as instancias parlamentares. Depois da camara electiva, onde esse documento apenas passou sob umas invectivas desalentadas do sr. José Luciano, a camara hereditaria acaba de concordar em que se leve ao conhecimento da coroa que ella viu com prazer, e ouviu gostosamente, e abundou nas doutrinas expressas ao longo do discurso do throno. Só o *Diario das Camaras* conservará nas suas columnas a recordação de todas as opposições parciaes que se manifestaram por occasião do debate: mas esse — registro indiscreto de cada opinião e de cada palavra, — apenas ficará nos archivos da camara como a *cuisine* d'um festim politico, ou como ficam sobre o marmore d'uma *toilette* os mil pequeninos utensilios com que uma ingenua de quarenta annos se preparou para os seus quinze annos de scena.

Ahi temos nós agora que esta approvação da resposta ao discurso da coroa, obtida ao cabo d'uma tormenta parlamentar, não significa de nenhum modo um accordo fraternal e unanime das duas camaras em appoiar as opiniões do governo. Pelo que diz respeito á camara hereditaria, o sr. visconde de Chancelleiros protestou, o sr. visconde de S. Ja-

nuario fez restricções, o sr. Henrique de Macedo clamou que só o sr. Braamcamp era o propheta d'Allah, e o sr. visconde de Moreira de Rey deu a entender que nem o sr. Braamcamp era Mafoma, nem o sr. Fontes tão pouco podia tocar no Korão fundamental do Estado. Aquillo é lettra escripta, com foros de lingua morta. Sua excellencia entende que a Carta deve para ali ficar immovel como um idolo hindu, exposta ás ventanias do futuro. Não quer que a Carta constitucional seja modificada. E este é justamente o caso de se dizer que o sr. visconde é mais realista do que o proprio rei, pois que a lei fundamental do Estado é a primeira a consignar nas suas disposições a opportunidade futura da sua modificação.

Entre a opposição da camara, — que acceita as reformas politicas sob clausula da prioridade d'outras reformas, — e a maioria governamental, — que as acceita nas condições propostas pelo gabinete, — o sr. visconde de Moreira de Rey achou meio de ser opposição á propria opposição, collocando-se n'um ponto de vista unico. Não quer as reformas por maneira nenhuma. Sua excellencia é o *triple extrait* dos principios conservadores resguardado com capsula de pellica e privilegiado,— *s. g. d. g.* E os seus argumentos descambam por successivas deducções n'este corollario inevitavel; — é que, bulido um artigo da Carta, nada se oppõe a que os futuros governos bulam em todos os outros, e se chegue ao extremo de modificar as proprias bases d'essa lei. Com effeito, deve-se receiar que o governo monarchico representativo seja transformado em governo monarchico-absoluto, logo que o sr. Pinto Coelho e mais o sr. padre Grainha cheguem ao poder; e não menos se deve receiar que esses dois governos sejam mudados para uma franca instituição republicana, logo que o sr. Silva Lisboa e mais o sr. Raphael do Valle forem ministros d'Estado.

O sr. visconde de Moreira de Rey, cujo rude

bom-senso, — bom senso de velho portuguez, — a nossa modestissima chronica faz empenho em testimunhar, esqueceu-se de reparar em que um grande talento nem sempre consegue justificar uma pequena causa. Fazer reformas politicas pode não ser uma necessidade, n'este momento, mas é uma conveniencia relativa, cujos fructos mais tarde se encontrarão. Tracta-se de prevenir o futuro, e d'estabelecer alicerces para melhoramentos que virão a seu tempo, quando o paiz emfim entrar n'uma vida desafogada. Melhor do que nenhum outro dos seus collegas na camara, o sr. visconde deve saber que nada ha inamovivel n'este mundo, e que todas as situações se modificam. O essencial é saber modifical-as a horas, antes que um zelo desastrado venha destruir o que era conveniente refundir.

D'esta discussão, entretanto, ficaram um sophisma e uma desculpa: — o sophisma do sr. visconde de Moreira de Rey, que affasta a ideia de reformas porque seria necessario reunir em torno d'essa ideia o assentimento de todos os partidos, e a desculpa do partido progressista, que escondeu a sua inacção governamental atraz de textos truncados do seu programma. Assim como o principe de Talleyrand entendia que a palavra fôra dada ao homem para occultar os seus pensamentos..., — maxima de diplomata! — ... nós inclinâmo-nos a acreditar que os programmas partidarios, — pela sua pompa convencional — foram feitos para serem rasgados. Se o partido progressista rasgou ou preteriu o seu, — porque o fizera na opposição *ad usum populi*, sem prever contingencias futuras de necessidades governamentaes, — que mal ha n'isso? Era perfeitamente inutil que o sr. Henrique de Macedo se esfalfasse a truncar textos e a interpretar passagens, no intuito de justificar o seu partido. Nos programmas, de resto, — como na musica e nas nuvens, — vê-se tudo que se quer ver. Criticos musicaes exclamam, deante de qualquer trecho de Verdi, que elle exprime o amor, os rugi-

dos selvagens do odio, a melancolia poetica; artistas do estylo traduzem um ceu ennevoado em encastellamentos medievaes, em ondulações oceanicas, em luctas estranhas de monstros phantasticos; e o partido progressista não hesita em mostrar no seu programma o que lá não esteve nunca, — em o mostrar tão evidentemente como se lá tivesse estado sempre.

XXI

Eram quasi quatro horas quando a sessão se abriu. Nada d'extraordinario até ahi se passou, se exceptuarmos a apparição de dois novos deputados, o que não temos a certeza de ser precisamente extraordinario. N'esta epoca, ainda é frequente ver de subito entrar nos corredores, muito antes da sessão, um cavalheiro embainhado n'um sobretudo claro que apenas lhe deixa á mostra duas luvas *gris-perle*, uma gravata branca, e o começo d'um peitilho immaculado. Adivinha-se por baixo do sobretudo o recórte archaico da casaca preta; a physionomia do recemvindo, aliás, costuma ser d'uma compostura grave, compenetrada dos altos deveres que a gerencia do Estado impõe. O pescoço do novo deputado, naturalmente, contrae-se um pouco entre os seus hombros; o seu queixo vinca-se rigidamente na gomma forte do seu collarinho; o seu passo é conspicuo; o seu olhar, emfim, perde-se da melhor vontade no espaço, desejoso de não reconhecer ninguem, E' um homem que está em *pose* para a historia, e que ficaria afflictissimo d'entrar na posteridade com joelheiras nas calças. E' um deputado novo. E' o sr. Pedro Diniz, e é o sr. João Gualberto da Fonseca.

Este ultimo, — bella cabeça grisalha de grandes bigodes brancos, com feições possantemente accentuadas, — prestou juramento e sentou-se. O outro, — um homem alto, de barba castanha e olhar despreoccupado, — prestou juramento e deixou-se ficar em pé, recebendo os emboras dos seus collegas. O sr. Pedro Diniz, um dos nossos mais distinctos officiaes de marinha, não é de nenhuma fórma um desconhecido.

Ao abrir-se a sessão, houve um tumulto indescriptivel! *Indiscriptivel* é a palavra atraz da qual os velhos plumitivos, que ainda não suspeitavam do artista no escriptor, escondiam as coisas que não podiam descrever! — Descreve-se tudo, hoje. O tumulto de hontem, por exemplo, pinta-se com um exagero: — todos os srs. deputados pediram a palavra em todos os tons, com um alvoroço que os fazia acotovellarem-se; as tribunas, tomadas do contagio, reclamaram tambem a palavra; o proprio Valladão, medalhado, surprehendeu-se a pedir a inscripção do seu nome na lista; e o proprio sr. presidente, levantando-se, exclamou com intimativa: — «*Sr. presidente peço a palavra!*» — Com effeito, verificou-se que tinham pedido a palavra mais deputados do que estavam na sala. Certas vozes rompiam depois do silencio que se fizera ao cabo de dois minutos; e essas vozes isoladas, em contraste com a inferneira do concertante anterior, faziam lembrar gritos esganiçados de gallos que assassinam á traição.

Era isto antes da ordem do dia. Lida a inscripção, e feitas as reclamações, averiguou-se que nem tres sessões chegariam para aquelle expediente monstruoso, se o sr. presidente não tomasse o partido de o cortar em quatro. Foi o que succedeu depois de usarem da palavra, entre outros, os srs. Antonio Maria de Carvalho e visconde do Rio Sado. O sr. Antonio Maria de Carvalho, — como sempre, — queria saber o que havia de novo quanto ao hos-

pital de S. José. O seu tom foi o tom de quem já não está para graças, e quer situações claras. Entende que é pessimo o serviço do hospital e que — «*isto não póde continuar assim*». — Exige providencias, e promette exigil-as emquanto o governo as não der.

O sr. ministro do reino, que não estava presente, guardou um silencio absoluto sobre o caso. Entretanto, será bom estabelecer desde já, para contrapor ás queixas do sr. Antonio Maria de Carvalho, que os melhores hospitaes são justamente os peores. Não se trata aqui d'um paradoxo mais ou menos prismatico, mas d'uma verdade expressa em forma de *blague*. A hygiene moderna, — isto é sabido, — está condemnando em absoluto o hospital, sob o ponto de vista clinico. Na America os grandes hygienistas mal se permittem accumular alguns doentes em barracas portateis, que ao cabo de pouco tempo são substituidas por outras. O hospital, — esse edificio enorme em que os enfermos são enfileirados ao longo de corredores interminaveis, e em volta dos quaes o espirito publico creou uma athmosphera desoladora de soffrimento, — apenas existe hoje pela força do habito, um pouco, e pela força da necessidade, sobretudo. Não haveria contribuições que chegassem para que a caridade official attingisse os ideaes que o sr. Antonio Maria de Carvalho reclama.

O sr. visconde do Rio Sado fez a sua estreia, pedindo melhoria de situação para a magistratura judicial. Foi um longo discurso proferido sem pertenções, no ultimo degrau do amphitheatro, em tom de conversa. O sr. visconde foi prodigo de factos e foi insinuante. De volta de si, os senhores deputados apinharam-se como n'uma sala, quando fala um bom conversador que é ao mesmo tempo um bom actor. Sua excellencia virava-se para todos os lados, colhia aqui um sorriso, além um *appoiado*, acolá uma interrupção, e aproveitava tudo para os

seus effeitos oratorios, — tudo, — explicando assumptos vagos, desfazendo observações, disparando replicas que mais d'uma vez fizeram esquecer a gravidade macambuzia do recinto. Ahi está um homem que nos ha de dar o prazer de não vir a ser um orador!

XXII

Quantas, quantas coisas interessantes se teem passado durante estes quinze dias de ferias que o chronista se deu, já fatigado do seu constante quarto de sentinella nas tribunas do parlamento!... Apresentaram-se e votaram se projectos de leis; um ministro saiu e outro ministro entrou; o sr. Manuel d'Arriaga e o sr. Antonio Maria de Carvalho occuparam quartos d'hora inteiros d'attenção das galerias; houve incidentes pittorescos, d'esses que excitam a curiosidade publica bem mais que ponderosos negocios d'Estado; e cem vezes se apresentaram ensejos de proceder a um estudo de costumes parlamentares. Entretanto, atravez d'aquelles ultimos dias d'inverno e d'aquelles primeiros dias de primavera, o chronista hibernou como as serpentes e passeou-se ao sol como as lagartixas dos velhos muros em que a hera e o musgo se alastram; foi a crise phisiologica que se manifesta na transição das estações, e que ao entrar na germinação das seivas entontece como um vinho capitoso, — *Marsala* ou *Magyarather* branco.

Eis-nos porém, á hora dos triumphos primaveraes, firme no nosso velho posto da camara. Não ha nada mudado; nem parece que quinze dias decorreram sobre a penultima sessão anterior ao Car-

naval. Na distancia do tempo sumiram-se os ultimos retintins da guizalhada que a Loucura andou agitando nos espiritos. Logo apoz as doidices de Polichinello, os templos ennevoaram-se de cinza, e clamaram dogmaticamente ao homem que ella era pó. Na duvida, o sr. Arriaga deliberou conservar-se ao abrigo da chuva, — para se não espapaçar, — e fez correr que estava constipado. Imprimiram-ram-se discursos, artigos de fundo, revistas politicas em que se annunciava para breve o fim do mundo, — logo que os projectos governamentaes passassem no julgado do parlamento, — e correspondencias de localidades remotas em que a indignação publica,—segundo os dizeres dos correspondentes,—só era comparavel á grandeza de culpas dos senhores ministros. Tudo baldado. A physionomia da camara, ante-hontem, com os seus traços geraes identicos aos que sempre lhe conhecemos, fazia lembrar, depois d'aquella eternidade de quinze dias, a sentinella romana que dizem ter sido encontrada a uma das portas de Pompeia, ao fazerem-se as excavações. Estava no mesmo sitio a tribuna, com o seu ar desolado e solemne de coisa pomposa e inutil. A cabelleira do sr. Arriaga loirejava por cima da mesma luneta cujos vidros despedem clarõesinhos rutilantes, ao lado da cabeça grisalha do sr. Elias Garcia. Pouco mais ou menos os mesmos pertendentes nos corredores, á espreita dos senhores deputados. E os mesmos baixos-relevos de madeira doirada,—genios de roupagens fluctuantes, — estendiam no frizo do tecto as mesmas fitas de prata, em que se leem eruditos textos latinos.

A sessão abre-se no meio d'um certo desalento. Em todo o percurso dos corredores, apenas umas vinte pessoas estacionam, sentadas nos canapés de palhinha, vagamente amodorradas. Pela grande vidraça que fecha o fundo do corredor lateral, avista-se um espaçoso terraço afogado em sol. Os continuos passeiam a curtos passinhos, com as mãos

enclavinhadas sobre o ventre. Entra por todas as frestas das janellas e das portas, em surdina, uma chilreada longinqua de pardaes e d'andorinhas. Como que um cheiro vago de primavera se espalha no ambiente á entrada de cada deputado, que traz nas pregas do fato um pouco do ar exterior, em que dansam acres emanações dos novos rebentos; e quando as cancellas de madeira branca, com almofadas de baeta azul, se fechavam sobre os representantes que entravam, lá de dentro vinha como que uma baforada de silencio, — d'esse silencio desalentado que exprime um desejo irrealisavel.

Na tribuna da imprensa, apenas tres jornalistas. Defronte, na sua cadeira, o sr. Bivar tinha uma physionomia risonha de quem se esforça por consolar os outros d'algum grande pezar. Os seus olhares circumvagantes queriam certamente dizer: — «*Então, meus amigos! no domingo tambem talvez haja sol!...*» — Mas os senhores deputados, insensiveis a essa magra consolação, tinham attitudes desanimadas nas suas cadeiras; apenas o sr. Mariano de Carvalho, com uma animação insolita no seu mortiço olhar que o faz assimilhar a Bàdinguet, ria e conversava alto para as outras bancadas

Antes da ordem do dia, o sr. Elias Garcia aproveitou, para desapparecer da sala, a barafunda em que de todos os lados se pedia a palavra, o sr. Arriaga sósinho na *Montanha*, emtanto que se lia na meza a lista da inscripção, onde o nome do sr. Guilherme d'Abreu era o ultimo apontado. Como se vê, conspirava o acaso para confirmar ao sr. Abreu a sua nomeação humoristica de ouvidor geral da camara; sua excellencia teria d'ouvir todos os seus predecessores, e apenas seria no fim ouvido pela presidencia, com toda a attenção official de que o sr. Bivar podesse rasoavelmente dispor.

N'isto, emquanto o sr. visconde d'Alemtem mandava para a meza um requerimento, o sr. Elias Garcia entrou na tribuna da imprensa, e foi sentar-

se a um canto com o sr. Consiglieri Pedroso. Segredaram. De tempos a tempos, a voz um pouco agra do sr. Elias Garcia deixava transpirar alguma palavra perceptivel,— *eleições*.. , *democracia*..., *o suor do povo*...» — ; e o sr. Consiglieri Pedroso, baixo e precocemente calvo, com os seus grandes bigodes pendentes, inclinava-se em signal d'assentimento. Toda a figura do sr. Pedroso, vestido de preto desde as suas perninhas curtas até á sua cabeça emmaciada d'asceta ou de boticario de provincia, exprimia uma attenção inabalavel. Na sala, continuava o zumbido vago dos senhores deputados que mandavam para a mesa requerimentos e representações, ao mesmo tempo que os seus collegas se reuniam a conversar em grupos isolados.

N'um certo momento, a voz agra do sr. Elias Garcia irritou-se, espicaçada pelo sr. Consiglieri Pedroso e por mais dois *democs* menores que se tinham ido juntar ao grupo do canto. Ouviu se então: — «*Ora! ora! a representação das minorias!... Mas se representar uma minoria é um grande triumpho, o Magalhães Lima e o Theophilo Braga que se representem a si proprios!*» — Correu o grupo um murmuriosinho de indignação, áquellas palavras impias. — «*Na França não ha rei*..., — começou uma voz de *democ* a objectar.» — Mas outra voz, — a primeira, — acudiu logo: — «*Nem roque!*» Assombro e olhares desconfiados deitados á socapa, como de quem teme que um raio o fulmine.

Entretanto, o sr. Guilherme de Abreu concluia a leitura do documento que mandava para a mesa, e o sr. presidente annunciou que se ia proceder á eleição de commissões. Eram perto de quatro horas, entrava pela immensa claraboia um triumpho de sol. Pé ante pé, desertámos para a primavera; e lá ficaram na tribuna da imprensa os quatro conspiradores a *mezza voce*, curvando-se de tempos a tempos em inclinações concentricas, para se communicarem ideias luminosas de regeneração social.

XXIII

Sobre o mez que vae correndo, a sabedoria das nações espraiou se em proloquios meteorologicos que o *Diario de Noticias* hontem communicava aos seus milhares de leitores, como que prevenindo os contra a decepção. — «*Nada de fiar em março!*» — é a exclamação que póde espremer-se de todos elles, á maneira de prudente clamor.—«*Não! nada de fiar em março!*» — N'estas paragens do Occidente, aquelle mez tem a balda de simular com rara perfeição a primavera, e de se regalar logo depois em desandar para a carranca feroz d'um inverno misanthropo. Isto succede quando frescas *toilettes* principiam a percorrer o Chiado e a rua Nova do Almada, quando os senhores deputados começam a esquecer se da hora da sessão nos idyllios do Passeio Publico, quando o Valentim do *Martinho* vê em sonho uma dansa macabra de sorvetes de morango nos seus calices esguios, quando os discursos d'opposição parlamentar suam em bica dos labios do sr. Antonio Maria de Carvalho, e quando a canalisação pensa em cheirar mal. D'um momento para o outro, o ceu enfarrusca-se de nuvens sujas, a terra escurece, as arvores tomam-se d'um fremitosinho agoirento; e as *toilettes* d'inverno reap-

parecem com os seus estofos fortes, os senhores deputados voltam á sua pontualidade, o nariz do Valentim toma um ar desolado, a canalisação pensa em não cheirar a nada: — só o sr. Antonio Maria de Carvalho, impetuoso e insensivel á melancolia das chuvas, continua no seu posto de combate, falando pelos cotovellos, interpellando a torto e a direito, facundo de coleras, inexgotavel d'objurgatorias.

O sr. Antonio Maria de Carvalho é um temperamento. Não se dá o trabalho de vencer-se, nem de modificar-se. A cada instante, elle estoira por todas as suas costuras, indifferente da opinião dos que o cercam. Ha dois mezes que nos applicamos a analysar este representante do paiz, e a coordenar documentos para a sua diagnose. Elle deveria ser um caso pathologico, e representar-se syntheticamente por uma enfermidade. Hoje, tanto quanto nos podemos fiar na multiplicidade de symptomas estudados, a nossa opinião está feita: — o sr. Antonio Maria de Carvalho padece d'uma dyspepsia chronica.

Com effeito, sua excellencia tem o rosto magro e d'uma pallidez ligeiramente esverdeada, os olhos amarellentos, as mucosas dos labios resequidas sob os cabellos pendentes do bigode, a que parece faltar toda a energia Os seus gestos são angulosos, a sua larynge expede sons asperos e seccos, como um oboé que não serve de ha muito. Todo o seu corpo se mirra dentro do seu fato. O seu riso, — quando elle se ri, — é uma simples funcção mecanica em que não entra a alegria intima, e que a ninguem se communica. O sr. Antonio Maria de Carvalho deve sentir tonturas, vomitos ao levantar da cama, fastio, uns appetites depravados de comer coisas que nunca ninguem comeu e de beber coisas que nunca ninguem bebeu, como as mulheres gravidas. Ha casos d'enfermos que appetecem, n'aquelle estado, ratos mortos com môlho de manteiga. Outros,

mais vorazes, chegam a comer com delicias a gomma que está para as camisas. O sr. Antonio Maria de Carvalho pensa talvez em cravar os seus dentes na carne d'algum dos senhores ministros, ou em roer os ossos da maioria, entre as suas mãos sofregas. Emtanto, porém, que este ponto se não decide, nós insistimos em acreditar que o illustre deputado, longe de ser um mau homem, é simplesmente um doente.

Era ver a maneira como elle hontem passeava no hemicylo da camara, embainhado no seu eterno sobretudo, de mãos enfiadas nas algibeiras, meditativo e nostalgico. A luz fusca que entrava pela claraboia fazia-lhe ver a vida ainda mais parda que de costume, irritava lhe o seu continuo azedume. Passeando assim sósinho, entrincheirado atraz da sua carranca, o sr. Antonio Maria de Carvalho, — como todos o dyspepticos, — pensava acaso em se suicidar por desgosto da existencia, ou em se entregar a terriveis maleficios. Sem o verniz da educação e da instrucção, sua excellencia, victima d'uma enfermidade que tem feito o desespero da pathologia e da therapeutica, teria sido um malfeitor abominavel. .Assim, bacharel formado como toda a gente, — segundo Guerra Junqueiro, — limita-se a ser um opposicionista de todos os governos, a sonhar perseguições para ter o gosto de gritar contra os perseguidores, e a inventar escandalos para ter o prazer de os condemnar. Excesso de bilis,—tudo aquillo! Sua excellencia tornar-se-ia completamente outro homem se, no grau avançado em que vae a sua dyspepsia, se decidisse emfim aos grandes remedios: — alimentação exclusivamente lactea, durante um mez, e agua de cal para matar a sêde.

O sr. Antonio Maria de Carvalho chegou ao ponto em que um homem se torna *um excentrico*. Faz a alegria dos adultos e o terror das creanças. Certos dos seus collegas, abusando da sua credulidade em tudo que sejam maldades do poder, já

preparam no corredor da camara os seus furores opposicionistas, insinuando-lhe hypocritamente que o sr. ministro do reino fez, que o sr. ministro da justiça aconteceu, que o sr. ministro das obras publicas projecta isto, que o sr. ministro da marinha está para fazer aquillo, — o demonio! Então, elle vae para o seu logar, pede a palavra, requer explicações, indigna-se, dá murros na carteira, gesticula como um moinho de vento; e as galerias tomam-se d'um ligeiro terror ao verem aquelle homem que infallivelmente vae fazer alguma desgraça, emtanto que os iniciados riem a um canto, e que os senhores deputados se debruçam commodamente sobre as suas carteiras, para não perderem o minimo detalhe d'aquelle curioso espectaculo.

Hontem discutiu-se na camara a reforma da instrucção secundaria, e o sr. Antonio Mariad e Carvalho não falou. Isto dá a medida de quanto foi tranquilla a sessão, serena, erma d'incidentes. Decorreu o tempo na tristura do dia fosco, desalentadamente. *Hélas!* já não ha sessão pittoresca sem o sr. Antonio Maria de Carvalho ou sem o sr. Manuel d'Arriaga, — ao menos!...

XXIV

Fóra dos bastidores da politica, ignora-se que todos os incidentes parlamentares são previstos, e que todos os casos imprevistos teem sido calculados com longa antecipação. Cá de longe, não se vêem os cordeis que movem os acontecimentos e os homens, fica-se muito surprehendido ao ter noticia dos factos. Entretanto, como nos calendarios, tudo se acha computado. Cada improviso é previamente estudado e decorado, segundo as prudentes tradições do rei Florisberto na *Gata Borralheira*, quando está para chegar a comitiva das princezas. E é por isto que os *habitués* do parlamento, — os iniciados, — acodem de roldão ás tribunas em certos dias, e que justamente n'esses dias se dá a coincidencia de succederem coisas fóra do commum.

A tribuna da imprensa, hontem, contra o costume n'esta epoca de marasmo parlamentar em que as sessões são devastadas de todo o pittoresco pela aridez das cifras, estava cheia. A todo o comprimento da sua balaustrada, cortada ao meio pela perpendicular de uma columna, debruçavam-se, physionomias curiosas e vagamente soffregas, — a cara vermelhaça do sr. Silva Lisboa, a careca melancolica do sr. Consiglieri Pedroso, a luneta do sr.

Sousa Viterbo, a barba *taillée en pointe* do sr. Alberto Braga, — mascaras concentradas e repuchadas de gente que está á cóca. Na porção de balaustrada a que se encostam as escrivaninhas, havia um espalhaphato extraordinario de papeis, de pennas, de tinteiros, — a *mise-en-scène* d'um bando de plumitivos que vae decidir os destinos da Europa; tinham ahi logar os zelosos, aquelles que vivem na convicção de que são — *«os orgãos da opinião publica.»* — De vez em quando, á entrada d'um retardatario, duas ou tres vozes de condescendentes offereciam-lhe logar á escrivaninha: — *«Venha você para aqui, ó collega!... Tem aqui papel... Collega! um logarsinho commodo...»* — E tres jornalistas dos já abancados, sollicitamente, offereciam as suas cadeiras ao recemvindo, rasgavam-lhe tiras de papel para elle escrever, estendiam lhe a penna molhada em tinta: — *Vá, escreva...»* —

Nós, pela nossa parte, nunca logramos comprehender que se podesse escrever n'aquelle recinto, em que a sollicitude official dispoz tinteiros de zinco, pennas, grandes folhas de papel almasso, e, — cumulo da prevenção! — obreias encarnadas. Tudo aquillo accusa um caso pensado e rixa velha d'artigos de fundo, incompativel com os processos litterarios que presumimos mais appropriados á arte moderna, e que excluem a inspiração como attentatoria dos bons costumes. Com effeito, todos nós podemos ver a inspiração, — especie de phenomeno do sobrenaturalismo, — produzir no drama a *Nova Castro,* na poesia os *Harpejos d'Alma*, na politica os discursos do sr. Manuel d'Arriaga, na musica o *sol e-dó.* E' o sentimentalismo estabelecido em principio philosophico, — um sentimentalismo enervante que dá serenatas ás meninas da rua dos Fanqueiros, que tracta o suor do povo como um perfume oriental, que arvora a pouca-vergonha do amor livre em aspiração ideal de poeta, e que põe na mechanica do verso a impetuosidade bravia das mais

fundas paixões humanas. Os jornalistas que escrevem na sua tribuna fazem-nos o effeito de pessoas que tomassem *pose* para as outras tribunas, e que estivessem calculando o que se diria cá fóra, nos grupos do Chiado, quando elles passassem indifferentes: — «*Olha! aquelle escreve nos jornaes!...*» —

Não, queridos burguezes! quando vós virdes alguem debruçado sobre as escrivaninhas da tribuna da imprensa, dizei aos vossos botões que esse alguem está escrevendo para a familia, ou tomando *croquis*, ou fazendo uma escripturação por partidas dobradas. Logo que alguma coisa d'interessante se passa cá em baixo, ninguem escreve, nem sequer se conserva debruçado sobre o terrivel almasso da casa. Desde o primeiro até ao ultimo habitante da tribuna, todos tomam a attitude pendida d'uma attenção profunda, com os cotovellos fincados na balaustrada. Foi o que hontem succedeu quando o sr. Manuel d'Arriaga, levantando se um pouco na sua cadeira, observou ao sr. presidente: — «*Eu já tinha pedido hontem a palavra, e...*» — *Etc., etc.* Fez-se na sala e nas tribunas uma ligeira balburdia de gente que corria a agrupar-se em torno do deputado republicano, ou que apurava o ouvido nas galerias. O sr. Arriaga continuava expondo mansamente as suas rasões, com um gestosinho meudo e insistente da sua mão direita, calçada de luva côr de café com leite da bilha. Por fim, o sr. presidente pareceu dar-se por convencido, e indicar que o illustre deputado seria satisfeito. Ficou tudo na espectativa.

E eis-ahi porque estavam as tribunas cheias: — porque o sr. Arriaga falaria. Sabia-se já ante hontem, pouco mais ou menos. Hontem, em conciliabulo d'amigos e irmãos, a coisa acabára de se decidir. Effectivamente, a menor das desventuras a que está sujeito o sr. Arriaga, como deputado republicano, é o inclinar-se n'uma subserviencia quasi passiva ás ordens mal disfarçadas que lhe veem do primeiro grupo de correligionarios doidivanas, onde

se tem como certo que as instituições cairão irremissivelmente, logo que o credo republicano se ponha a trovejar na camara, a torto e a direito. Andam por esses grupos jornalistas de pequeninas folhas socialistas, membros d'associações jacobinas em que todas as noites se lê com delicias o *Seculo*, intimos do sr. Magalhães Lima que professam esta opinião mirobolante: — «*tudo isto é uma jolda!...*» — Depois, na unidade democratica do partido, só o demonio poderia entender-se entre a infinidade de credos parciaes que assomam de todos os lados. Para o club Henriques Nogueira, só o seu republicanismo é sincero, e todos os outros são hypocritas, para o club Gomes Leal, são traidores o club Fernandes Thomaz, o club Anselmo Xavier, e os mais. O club Restauração parte d'este principio atroz: — «*Cuidado com os amigos!..*» — E assim por deante; de maneira que o sr. Manoel d'Arriaga, vascolejado entre todas estas crenças e todas estas antipathias, cria noventa e nove inimigos emquanto mal consegue criar um amigo.

Quando chegou ao sr. Arriaga a vez de falar, sua excellencia, que descera do seu logar na Montanha, ao lado do sr. Elias Garcia, para defronte da presidencia, referiu-se a uns acontecimentos de Porto de Moz, em que certos jornaes quizeram ver medonhos abusos da auctoridade, contando-se entre elles a transferencia do delegado do procurador regio, n'aquella comarca, por ter recorrido do despacho do juiz que mandára despronunciar um influente regenerador. Mal acabava de falar o deputado republicano, o sr. ministro da justiça levantou-se, e declarou nunca ter feito transferencia alguma de delegados, durante a sua gerencia da pasta da justiça. O extracto official da sessão, que temos á vista, diz n'este ponto, laconicamente:

—«O sr. Manuel d'Arriaga deu-se por completamente satisfeito com as explicações dadas pelo sr. ministro da justiça.» —

E foi para isto que o sr. Manuel d'Arriaga, com a sua mão direita calçada em pellica côr de café com leite de bilha, gesticulou durante um quarto d'hora defronte das tribunas attentas, e modulou o seu estylo *patelin* d'avogado que faz empenho em enternecer os senhores jurados!

XXV

Vão lá explicar d'um modo rasoavel por que motivo entrámos hontem desanimado nas côrtes, incapaz de ver o que se passava, d'ouvir o que se dizia, de surprehender n'um relance o pittoresco official da sessão. No caminho, ao virar d'uma rua, chegara-nos o grito desafinado d'um papagaio que esvoaçava sobre o seu poleiro, a uma janella aberta d'um segundo andar em que o sol batia de chapa. Amodorrava-se toda a visinhança n'um silencio de bairro perdido, inteiramente deserto. Apenas vinha das eminencias da Patriarchal um rodar surdo, muito longinquo, de trens que desfilavam sobre o *macadam*. Por ali eram tudo velhos predios de sacadas anteriores ao terremoto, frontarias acanhadinhas e alagartadas de musgo, edificações irregulares, cunhaes esboroados nas quinas. Só a voz aspera do papagaio quebrava em tom irado a soturnidade do sitio, gritando desconchavadamente e batendo as azas, com sacudidellas violentas na sua cadeia de arame.

Então, uma figura escorrida de mulher assomou na moldura da janella, e debruçou-se. Trazia na cabeça uma touca branca de folhos, ao pescoço uma gravatinha encarnada; adivinhava-se n'ella a *ménagère* cuidadosa, com o busto assim castamente en-

luvado n'um corpete liso. Tinha as faces muito córadas d'uma dona de casa hollandeza, olhos azues, e o labio superior coberto por um bigode de furriel. Era sem duvida *une dame noble et sage*, — como se diz nos *Huguenotes*. A dama curvou-se para o poleiro do papagaio, viu-lhe rapidamente o comedouro, e poz-se n'uma voz animadoura de mamã a consolar o passaro, dando-lhe nomes d'um carinho infantil: — «*Coitadinho do pequenino! coitadinho! elle tem muita fominha*...» — Extraordinaria voz para tão insolito bigode! nunca a mais ideal *miss*, loura e pallida como uma creação vaporosa de *keepsake*, sonhára cantar as tradicionaes balladas da Escocia em tão delicada voz, cujas notas pareciam vir d'um orgão maravilhoso de crystal. E o papagaio abrandou na sua inquietação, fascinado pela magia d'aquelles diminuitivos em que palpitava uma ternura infinita: — «*Coitadinho do pequenino! coitadinho! elle tem muita fominha*...» — Mas aquelle bigode..., aquelle bigode...

E foi essa preoccupação que nos trotou no cerebro desde aquelle momento, impedindo-nos de ver correctamente a sala, d'ouvir os senhores deputados, de seguir o caminhar tranquillo da sessão. Por baixo da tribuna da imprensa, um deputado erguia-se e mandava para a meza requerimentos, — aproveitando a occasião para lembrar á sollicitude da camara que os requerentes se baseavam em notaveis serviços ao paiz. Logo, da tribuna das senhoras, um busto gentil affigurava-se-nos passar á metamorphose da dama do papagaio, e exclamar atravez d'um bigode varonil: — «*Coitadinho do pequenino! coitadinho! elle tem muita fominha*...» — Dissipava-se a visão, um continuo pegava nos requerimentos e levava-os para a meza. Mas em seguida, o sr. Mariano de Carvalho levantava-se para ler outro requerimento, e a dama do papagaio acudia com os seus carinhos de mimo: — «*Coitadinho do pequenino! coitadinho! elle tem muita fominha*...«

— O sr. Marianno de Carvalho batia as azas de contentamento, dava o pé á dama, e logo aquella estranha allucinação se dissipava como um fumo. Assim o expediente decorreu até á chegada do sr. ministro do reino, e a ordem do dia começou pela continuação do discurso do sr. Luciano de Castro.

N'este ponto, porém, o Gonçalves abriu a tribuna da imprensa, e um vulto de mulher veiu sentar-se á escrivaninha. Passava se tudo aquillo vagamente, como n'um sonho d'indigestão. O vulto desembuçou-se d'um immenso capuz fluctuante que lhe tapava a cabeça quasi toda, e vimos apparecer primeiro uma touca branca de folhos, depois uns olhos azues, em seguida um bigode espesso de furriel, e finalmente uma gravatinha encarnada; era outra vez a dama do papagaio que acudia como na janella d'aquella segundo andar, e que deitava um olhar investigador ao comedouro do sr. José Luciano, — á carteira aberta em que se avistavam papeladas confusas.

O sr. Luciano de Castro estava a esse tempo gritando desconchavadamente, e batendo umas azas verdes que de subito lhe haviam nascido nas cavas da sobrecasaca. Demonstrava elle que só a sua reforma d'instrucção secundaria era boa. Então, dos labios da dama saíu uma vózinha de mimo, e ouviu-se tranquillamente isto, — como se fosse a coisa mais natural do mundo: — «*Coitadinho do pequenino! coitadinho! elle tem muita fominha...*» — E muitas vozes de deputados appoiavam, das suas cadeiras: — «*Tem muita fominha, tem...*» — Mas desappareceu toda aquella extravagancia, n'um momento. Em baixo, o sr. José Luciano perorava: — «*Senhor presidente, a administração publica é um cahos...*» — E quando lançamos os olhos para a escrivaninha, foi o sr. Consiglieri Pedroso que vimos abancado a ella, meditativo sob a sua calva pallida.

XXVI

Continua em discussão a lei de instrucção secundaria. Entretanto, n'este meio tempo em que a representação nacional se alarga complacentemente n'uma orgia de considerações sobre methodos de ensino e organisação d'estudos, seria talvez bom que nos detivessemos um pouco a vêr como n'este singular paiz se entendem as questões politicas, e como todas as materias d'alçada parlamentar são transformadas á viva força em disputas facciosas de partidos. Sempre que um projecto de lei de iniciativa governamental é enviado á camara, a opposição arranja o acondicionamento dos seus principios philosophicos por fórma que lhe fique demonstrada a illegalidade e a inconveniencia d'esse projecto, e applica todas as suas aptidões a combatel-o por todas as maneiras, — no parlamento, na imprensa, nos *meetings*, nas conversas da Casa Havaneza. E' assim, por exemplo, que o sr. Manuel d'Arriaga, partidario da instrucção *quand même*, pertende ver luxo de mais na nova lei, e exerce contra ella a erudição facil da comparação com as leis estrangeiras.

Para sua excellencia, o ideal em materia d'organisação d'estudos é o conjuncto das leis Ferry

sobre o assumpto. O actual presidente do gabinete francez jubilaria, se acaso ao seu conhecimento chegasse a noticia d'esta admiração em que o deputado republicano se prostra. Elle, que viu repellido pelo Senado esse famoso artigo 7 que ficou lendario, — e que teve de o fazer passar á execução por meio d'um sophisma quasi dictatorial, — o sophisma das *leis existentes*, — ficaria assim consolado do cheque que lhe infligiu a camara alta, e porventura se sentiria efficazmente appoiado perante a posteridade. O nome do sr. Manuel d'Arriaga pode bem auctorisar as medidas do sr. Julio Ferry.

Mas uma approximação d'ideias se realisa agora no nosso espirito, e vamos explical-a. Julio Ferry fez a sua fortuna politica, n'esse bello paiz de França em que um bom dicto será sempre uma arma inestimavel, publicando um folheto contra a administração municipal do barão Haussman. Era no tempo em que um novo Paris, deslumbrante e cheio de magnificencias, surgia da velha capital dos Valois, e em que por todos os lados uma especulação desenfreada caia vorazmente sobre a esplendida *curée* do segundo Imperio. O sr. Ferry era então um advogado mediocre, — muito mediocre, — e occupava-se em escrever artiguinhos no *Siècle*. O titulo do seu folheto nasceu n'uma conversa nocturna de redacção, e ha mesmo quem diga, — más linguas! — que foi inventado, não pelo proprio sr. Ferry, mas pelo director do *Siècle*. Seja como fôr: — o enthusiasmo da França inteira elevou-se n'um clamor admirativo em volta do afortunado pamphleto, cuja capa dizia em grandes lettras: — «LES COMPTES FANTASTIQUES DU BARON HAUSSMAN.» — Isto era apenas um bom dicto, sem duvida; mas não é preciso mais, sobretudo em certas circumstancias, para fazer a fortuna d'um livro. O sr. Julio Ferry triumphou.

Pois bem: — o sr. Arriaga tambem porventura faria a sua fortuna politica n'este canto de terra

lusitana, publicando um livro de titulo *à sensation*, em que expozesse longamente a organisação do seu partido. Esse livro intitular-se-hia: — «VIRTUDES DOMESTICADAS» —; e seria o *pendant* da infinidade de compendios em que nas escólas se estudam as virtudes domesticas. Hoje, — creia-o sua excellencia, — são em muito menor numero as virtudes domesticas que as virtudes domesticadas. O partido em que sua excellencia milita apresenta, entre nós, esta face curiosissima: — é que os seus membros são pessoas d'uma virtude austera, — como convém a aprendizes de republicanos, — e nenhum se aguenta na disciplina partidaria sem resvalar de concessões até á subserviencia mais passiva. Todos se deixam domesticar; e quando reagem contra as ordens dos clubs, dão-nos o exemplo do sr. Rodrigues de Freitas sacudindo as suas sandalias á porta da vida publica, ou do sr. Elias Garcia combatendo no meio da animadversão dos seus proprios correligionarios.

O sr. Manuel d'Arriaga sustenta cada dia uma lucta ingloria de dedicações partidarias, para se manter no seu posto. Apenas eleito deputado, choveram em torno de si os pedidos, os conselhos, as indicações, as ordens de todos os clubs, de todas as associações democraticas, de todas as redacções republicanas. O club Gomes Leal desejava que sua excellencia propozesse a creação de mezas redondas á volta do orçamento, para todos os *amigos e irmãos*. A associação Henriques Nogueira, menos exigente, opinou que o seu correligionario deveria intimar a familia real a sahir da Ajuda, e a alugar casa na Baixa. *O Seculo*, esse limitou-se a pedir ao sr. Arriaga que lhes trouxesse da camara, na primeira occasião, as cabeças do sr. Fontes e do sr. Luiz Bivar. Na impossibilidade de prestar estes serviços aos seus amigos politicos, o representante do Funchal esmoreceu até ao ponto d'acreditar que não tinha realmente nenhum valor pesoal, e decidiu-se emfim a descer da sua individua

lidade para apenas ser o executor das baixas obras do seu partido. Foi pouco mais ou menos assim que o sr. Manuel d'Arriaga, obedecendo passivamente, commetteu a fraqueza de se deixar domesticar pelo immenso formigueiro de mediocres que o cercam. Mais uma virtude domesticada.

O partido republicano acha-se carcomido por um vicio d'origem: — a ausencia de fito politico. Com effeito, sabia-se o que a França queria em 89 e mesmo o que ella queria em 1870; ignora-se porém o que a rua dos Fanqueiros e a rua dos Mouros queiram, n'este anno da graça em que as necessidades publicas não são menos bem satisfeitas do que o eram quando da Republica, entre nós, se tinha esta noção mirobolante: — «*A desordem e a rapina organisadas como instituição.*» — No partido republicano portuguez, o fito politico acha-se substituido pelo fito pessoal, mais ou menos aggremiado em associações. Cada associação tem um ideal, e cada partidario lá tem a sua ideia; não é raro ouvir a um democrata absolutamente illetrado que se encarregaria de pôr a direito os negocios publicos, apenas com uma condição: — deixarem n'o fazer o que elle quizesse. E' no meio d'esta barafunda d'opiniões e de criterios que o sr. Arriaga, fraco de mais para reagir, dia a dia se vae despenhando. No parlamento, elle hoje não é um campeão intelligente das suas doutrinas; é apenas um opposicionista faccioso e um instrumento dobradiço dos seus correligionarios, — quaesquer que elle sejam.

XXVII

Os corredores da camara e a escada, unicos logares onde se pode esperar até que estejam abertas ao publico as galerias, tinham ante-hontem uma animação desacostumada. Não era comtudo porque a belleza do dia tivesse convidado o indigena a passear, caso em que seria natural, segundo os habitos tomados pela população, ter-se escolhido o palacio de S. Bento para testa de linha do passeio. Não era tambem porque houvesse no parlamento a primeira apparição d'algumas d'essas questões politicas que teem o dom de excitar as curiosidades, como succedeu com o tratado de Lourenço Marques e com o syndicado de Salamanca. Era apenas porque n'aquella tarde tinha appetecido ao sr. Jacyntho Nunes ir um bocado até á camara, — assim como quem confia ao movimento d'um longo passeio a digestão d'um bom almoço. O sr. Jacyntho Nunes, que floresce ordinariamente em Grandola, florescia hontem nos corredores da camara electiva, entre dois correligionarios incumbidos, pelo club Henriques Nogueira, d'appoiarem com um sorriso e uma curvatura do tronco, a expressão das suas opiniões ácerca da administração publica, da rispi-

dez do frio, do futuro da nossa democracia, e da carestia dos generos.

Meia hora antes de começar a sessão, os senhores republicanos tinham tomado conta do corredor, e percorriam-no em todas as direcções com audacia, com uma temeridade que tocava as raias do heroismo. Ao passo que se affastavam da porta azul e branca, onde fazia sentinella o porteiro com os seus bigodes grisalhos, animavam-se, falavam alto, desfaziam-se em sorrisos zombeteiros perante o desenvolvimento d'aquella solemnidade monarchica. No fundo do corredor, longe dos porteiros e dos continuos, trocavam tumultuosamente as suas impressões democraticas n'um tom aberto de galhofa, mostrando uns aos outros os deputados que entravam,— *«servidores assalariados da monarchia»*—... Com uma grande dignidade, o sr. Jacyntho Nunes abstinha-se d'entrar n'esse deboche de má-lingua, e sorria apenas, sem uma palavra, sem um olhar que sobrescriptasse o sorriso; tanto podia ser para os correligionarios, como para a recordação do seu almoço. Mas era necessario voltar atraz pelo mesmo caminho, apenas percorrido o extenso e esguio corredor. Então, á medida que se approximavam da porta, as attitudes dos senhores republicanos eram menos altivas, as suas vozes tornavam-se menos ruidosas. Pouco a pouco, aquella audacia dava logar a uma timidez estranha; os mais intrepidos tornavam-se de maneiras compostas, de falas mansas, d'olhares quasi submissos: — dominava-os a simples presença do porteiro e dos continuos, tão seguramente como se, em vez de serem jacobinos fogosos, fossem provincianos atarantados pelas — *«seducções da capital»* —.

Isto não é um phenomeno raro. Na grande maioria dos nossos democratas, ha um fundo latente de domesticidade; e é esse fundo que os leva a encolherem-se perante a farda d'um porteiro, como a esgotarem todos os recursos da imaginação na ta-

refa de denegrir os adversarios. Tortura-os a necessidade de se convencerem de que estão deslocados na sua inferioridade; ao mesmo tempo que passam d'espinha dobrada pelos salões do poder, curvando-se perante o proprio creado de calção e meia que affasta o reposteiro, vão ruminando que os donos da casa estariam áquella hora na indigencia, se não fossem as intrigas, as traficancias, as venalidades... Todo aquelle que triumpha, para elles, é um vendido; mas lançam a accusação sem firmeza, sem dignidade, como n'um conciliabulo de cosinha, — promptos para acudirem sollicitamente ao primeiro toque de campainha pedindo um copo d'agua.

Entrava n'este meio tempo o sr. Manuel d'Arriaga, ainda convalescente da sua ultima bronchite, com uma pallidez e uma tibieza pautada de passos, que o tornavam muito interessante. Parecia arrastar-se até ali com custo, pela simples consciencia dos deveres a cumprir. O seu andar, o aconchego do seu *cache-nez* em volta do pescoço, a brandura vagamente melancolica do seu olhar, — exhalavam um encanto mysterioso de mulher loira, bonita, elegante, que n'aquelle mesmo instante se levantasse do leito da dôr para o primeiro passeio da convalescença no tapete da alcova ainda fechada, n'esse periodo de restabelecimento em que começa a saber bem o estar doente, e em que se sonha com uma boa perspectiva ideal de pequeninas torradas embebidas em vinho da Madeira, com azas doiradas de frango *à la maréchale*, com as geleias translucidas e opalinas que tremem sobre a immaculada alvura dos pires de velho Sèvres. O sr. Manuel d'Arriaga, muito agasalhado e muito loiro, fazia com effeito lembrar essas gentis enfermas a quem o medico permitte o primeiro calice de Bordeus, e que recebem por *coquetterie* no seu proprio quarto, com os cabellos presos n'uma rede de laços de setim, o busto e os braços envoltos em *batiste* franjada de

rendas brancas, as mãos pallidas como antigo marfim pousadas sobre a alvura das roupas do leito.

Houve um tumulto de *irmãos e amigos* em torno d'elle. Abraçavam-no quatro ao mesmo tempo, pelos quatro pontos cardeaes da sua estatura. Falavam-lhe oito de cada vez, com palavras d'um mimo infantil: — «*Doutor! querido doutor! meu rico doutorsinho!...*» — No ar esvoaçava como que um rumor de beijos. O sr. Arriaga, circumvagando olhares mortiços de quem esteve a dois passos do tumulo, agradecia com um esforço visivel para mostrar a sua commoção, exagerando naturalmente a debilidade da sua convalescença. E de facto, sua excellencia não estivera gravemente enfermo, nem antehontem era a primeira vez que se mostrava em publico. Mas então? convinha não deixar escapar aquellas boas disposições dos correligionarios, attrahi-l'os, interessa-l'os pela piedade...

Quando o alvoroço despertado pela sua entrada se acalmou um pouco, o sr. Manuel d'Arriaga cumprimentou com um sorriso encantador, e retirou-se para o interior da camara. Ficaram cá fóra os *amigos e irmãos*, á volta do sr. Jacyntho Nunes, que ainda mastigava entre dentes o palito do almoço; e um d'elles, timidamente, rosnou então:

— «Este não deu tanto como se esperava...» —

Entreolharam-se todos, aterrados com a franqueza relativa d'aquella opinião, e miraram de soslaio o sr. Jacyntho Nunes. O sr. Jacyntho Nunes, porém, conservava-se como que muito distante do grupo, com o seu sorriso imperturbavel na sua cara rubicunda. Então, tranquillisados, outros *amigos e irmãos* appoiaram o primeiro, — «*que não, que o Arriaga não tinha dado tanto como se esperava...*» — E um d'elles, mais audacioso, terminou:

— «Um casaca!...» —

O sr. Jacyntho Nunes virára costas, e retirava-se, tranquillamente.

XXVIII

Oh! uma sessão cheia! uma sessão cheia!... Propostas novas, dialogos parlamentares, incidentes, gente nova nas galerias, o sr. Antonio Maria de Carvalho a barafustar, uma bella e pittoresca accidentação das solemnidades officiaes... O dia amanhecera brusco, ainda mal enchuto das chuvas da noite; e continuára de má cara pela manhã adeante, com um sol anemico pestanejando dolentemente no alto, lá de tempos a tempos, — um sol que punha tristuras profundas no ceu embaciado. Tinham physionomia, — physionomia mortiça e humida de tysico que vae no periodo dos suores nocturnos, — as fachadas irregulares das casas. No ar lavado e vivo, ligeiramente fresco, soava claro o rumor dos americanos escorregando sobre as calhas.

Subimos a dois e dois os degraus da camara, n'uma série de saltos gymnasticos que bamboleavam a immensa escadaria assente sobre travejamentos soltos de ferro. Passamos rapidamente por deante da primeira sentinella, que se estupifica á porta do primeiro andar, de queixo fincado nas costas das duas mãos enclavinhadas sobre a bocca da sua es-

pingarda. Mais quatro saltos e achamo-nos no patamar do segundo andar, defronte d'outra sentinella. Ahi, porem, detem-nos um incidente. Alguem que não vemos senão pelas costas parlamenta com a sentinella, que parece fazer gestos de recusa com a mão direita, brandindo ao mesmo tempo na mão esquerda a espingarda, como se fosse um bengalão de canna da India. O interlocutor da sentinella tem-se curvado até ao nivel do soldadito, para o ouvir, e parece escutar com uma attenção cheia de gravidade. Evidentemente, o soldado oppunha se á entrada do recemvindo, por qualquer motivo ponderoso que forcejava por explicar com toda a clareza de que podia dispor. N'isto, elevou-se entre os dois uma nuvemzinha de fumo azulado, e comprehendemos; ao mesmo tempo, tendo emfim conseguido inteirar-se da situação, o personagem curvado voltou-se sorrindo para o patamar, deitou fóra o seu bello charuto que ardia cada vez mais animadamente, e entrou de cabeça erguida, assentando com solidez os seus fortes sapatos inglezes sobre o tapete desbotado. Era o sr. Ramalho Ortigão, o sr. Ramalho Ortigão que vinha á camara, e que entrava de busto muito direito na tribuna dos jornalistas, com o seu peito alto, as suas suissas inglezas emmoldurando-lhe a cara saudavel, a sua lunetas d'arcos de tartaruga, o seu pescoço curto e sanguineo, a sua magnifica figura britannica de sugeito que está prompto para triumphar com a sua energia, com os seus olhos, com a sua intelligencia, ou com a sua bengala.

Assim foi que hontem tivemos na tribuna da imprensa as *Farpas*, o espirito, o *gros bon sens*, um homem. A enorme sala inunda-se de luz diffusa, atravez da sua clara-boia em que os vidros de côres pareciam fundir-se com os outros n'uma tonalidade branda e vagamente lactea, por cima das bancadas quasi desertas. O sr. Ramalho Ortigão sentou-se á carteira, accomodou por cima d'ella os

ante-braços sobre a balaustrada, e debruçou a cabeça um pouco a percorrer com os olhos a camara. N'esse momento, o sr. Antonio Maria de Carvalho voltava-se para a tribuna da imprensa, a brandir um exemplar do *Diario Illustrado*, e retorquia ao sr. Fontes que se não podia contestar a authenticidade do discurso de *lord* Granville, pois que elle fôra publicado pelo *Times*, e visto que a fidelidade da traducção estava garantida pelo simples adjectivo que entrava no titulo do nosso jornal. Que pena, — ter-se o *Diario Illustrado* limitado a transcrever da *Correspondencia de Portugal* o extracto dado pelo *Times!* E os olhos do sr. Ramalho Ortigão, atravez da sua luneta, exprimiam porventura um curioso espanto perante a indignação epileptica do sr. Antonio Maria de Carvalho, que invectivava o governo com palavras asperas, e cuja magra physionomia esverdinhada de dyspeptico fazia lembrar vagamente uma talhada de velho doce de cidrão esquecido na *montre* d'alguma confeitaria de provincia ao soberano desdem dos ratos.

Entrara na tribuna o sr. Sousa Viterbo, e tivera a palavra o sr. deputado Camões, para enviar á meza uma proposta. Logo em seguida, na ausencia do sr. ministro do reino, a presidencia poz em discussão os projectos de lei numeros 18 e 19, fixando os contingentes de mar e de terra para o proximo anno. Podia julgar-se a camara, por aquelle dia, ao abrigo do sr. Antonio Maria de Carvalho; aquelles projectos, quasi de simples expediente, não davam com effeito margem a uma discussão. Mas ouviu-se de repente uma voz agra que protestava: — «*Senhor presidente! eu não sei que projecto é esse com o numero 18! Eu não tenho aqui senão o projecto numero 19, que tem tres artigos, emquanto que o outro, senhor presidente, emquanto que o outro, — e tomo para testemunha a camara! — emquanto que o outro tem dois, apenas dois!... Isto...*» — A voz conteve-se para não declarar que aquillo era uma insi-

dia, uma traição; mas era uma voz indignada. Ainda o sr. Antonio Maria de Carvalho!

Houve uma confusão de continuos, d'amigos do illustre deputado que se applicavam a querer descobrir o projecto perdido debaixo das cadeiras, sobre os assentos, dentro das escrivaninhas. O projecto, porém, não apparecia; perdera-se definitivamente; e então o sr. Antonio Maria de Carvalho, com uma grande magnanimidade, declarou que se não oppunha á votação do projecto, por aquella vez. Sentou-se. A lei foi votada rapidamente, e passou-se á leitura do projecto numero 19. A camara julgou poder emfim repousar dos continuados alarmes em que o sr. Antonio Maria de Carvalho a põe, e ouviu tranquillamente a leitura que o sr. secretario fazia, em pé na presidencia, sob a luz a prumo da claraboia. Mas ao cahir da presidencia a ultima palavra do projecto, uma voz agra exclamou, causando um sobresalto galvanico em toda a camara:

— «Senhor presidente, peço a palavra! peço a palavra, senhor presidente!...»

Fujamos!

CHRONICAS

I

AS MÃES QUE MATAM

(CONSTANÇA DAS DORES)

Eis-me em face d'alguem que não tem biographia, — n'este paiz onde toda a gente tem uma, pelo menos. Graças a Deus! esta mulher nem sequer é bonita, coisa que poderia dar-lhe andaduras romanticas de heroina á Dumas filho, nem rica, o que lhe daria prestigio mesmo no seu crime. Engeitada e feia; pobre e creada de servir; miseravel na sua origem, na sua vida e até nos seus amores. Como vêem, desamparada de todos os lados, renegada primeiro pela mãe e depois pelo amante, escorraçada do berço e até do catre onde se passára o idyllio reles do seu amor, esta mulher está na situação mais commoda do mundo para que a sociedade, sempre generosa e grande, fulmine contra ella a condemnação dos seus apupos e das suas indignações.

*

* *

Ha evidentemente uma depravação de sentimentos, — ou de sensações, — n'esta mulher que mata o filho, como muitas outras, mas que o mata estupidamente, como raras vezes tem registrado a chronica do crime.

Quasi é inutil citar as circumstancias do facto, de tanto que elle tem sido historiado, por entre o horror facil do noticiario e os pontos d'exclamação das typographias. Constança das Dores tinha pensado em apagar os vestigios da maternidade, eliminando o filho; e para isso, assim que elle nasceu, cortou-o em seis boccados com a faca da cosinha, foi escondel-o no fundo do barril do lixo que a carroça levaria na manhã seguinte, e recolheu-se em seguida ao seu quarto, muito tranquillamente, — com essa tranquilidade cretina dos ornythorincos, que se imaginam invisiveis para os caçadores quando fecham os olhos.

O empregado da carroça, ao encontrar-se em face d'aquellas carnes ensanguentadas que jaziam no barril do lixo, desmaiou. Veiu lhe depois um enternecimento de terror, ao voltar a si, defronte da cabecita exangue da creança, cujos olhos vidrados o fitavam para onde quer que elle se movesse, —e desatou a chorar, n'uma lassidão covarde de todo o seu ser. Mas foram-se approximando curiosos, a penetração mysteriosa das multidões descobriu logo a culpada; e quando a policia interveio, corriam já de bocca em bocca todos os pormenores do crime, exagerados, dramatisados, e dizia-se n'um calafrio de horror que a mãe *serrara* o filho, — como se podesse haver maior somma d'atrocidade n'esta imitação do suplicio favorito do Baixo Imperio.

*

* *

Entretanto, depara-se aqui um assumpto de graves cogitações a quem gostar d'estudar a *petite monnaie* dos problemas sociaes. Trata-se de saber se a mãe seria menos criminosa cortando o filho só em tres boccados, e se seria mais desnaturada servindo-se de um serrote em vez d'uma faca de cosinha. Ao mesmo tempo, cumpriria investigar se o

instrumento do crime estava convenientemente afiado, e se a culpada tomara a precaução, — aliás bem consignada no *Cosinheiro dos Cosinheiros*, — de trinchar seu filho pelas articulações. Dados estes factores, com as suas respectivas soluções, é que a justiça e a opinião publica poderiam pronunciar-se com perfeito conhecimento de causa. Antes d'isso, fica incomprehensivel e absurdo que se prodigalise contra um caso d'infanticidio a indignação d'essa mesma sociedade que tem deixado passar mil outros casos identicos á beira da sua indifferença.

*

* *

Uma rapariga tem ouvido, ao fundo da sua provincia, falar n'essa magica palavra de *Capital* que tantas cabeças tem transtornado, impondo-lhe a suggestão de esplendores que nem a phantasia do sonho poderia realisar no escuro fertil das noites somnolentas d'opio. Apeia-se um dia em Santa Apollonia, e o seu sangue affogueado pela trepidação do *wagon*, pela fadiga da jornada, traz uma palpitação insalubre que se faz cumplice dos seus preconceitos, fazendo-lhe ver marmores e granitos aonde justamente se alastra essa nodoa ignobil das casarias excentricas, — marmores e granitos que são a vaga promessa d'uma Terra de Promissão em que o amor e a fortuna cantam por todos os lados a sua canção estonteadora. Mas as realidades asperas da vida, em seguida, travam a eterna lucta com a irresponsabilidade do sonho, e a provinciana, pilhada nas engrenagens dos grandes centros, começa pela logica animal do amor physiologico para acabar pela loucura juridica do amor livre. E é n'esse momento que ella, precipitada nas incoherencias e contradicções do desespero ao sentir-se sósinha n'um êrmo onde primeiro se julgara amparada por todos os elementos mesologicos, vacilla,

escabuja, debate-se, estorce o pensamento como poderia estorcer os braços n'uma supplica d'angustias ao Deus immovel da crença christã, e emfim recorre ao crime para apagar a falta, na allucinação ultima da ultima crise.

De quem é a culpa?

*
* *

Ah! mas fica ainda assim superior a tudo, a todas as considerações dos criminalistas modernos e a todos os devaneios de romanticos, — superior á irresponsabilidade legal porque paira ainda acima do perdão catholico, — a simples malvadez do acto, bradando aos ceus e ás consciencias, fazendo enroscar-se a indignacão, como uma vibora, nas almas ainda as mais fleugmaticas. Não ha misericordia que não deixasse de se deshonrar baixando os olhos sobre esta mulher. A piedade seria aqui uma covardia.

A creança é uma coisa sagrada; sentem-n'o todas as almas e todos os espiritos. Os senhores, se teem filhos, sabem o que é o amor da paternidade, tão largo e tão fundo que se diria haver n'elle um não sei quê de tigre, pela ferocidade e pela exhuberancia felina; e medem, perante o olhar claro dos innocentes, o horror d'esta mulher matando tranquillamente o filho na cumplicidade escura da noite, cozendo a bebedeira do sangue no extenuamento do parto, e dormindo o seu primeiro somno de mãe á hora em que a cabeça decepada do filho fitava a madrugada com o seu olhar baço de cadaver.

Ainda uma vez este nome sinistro de mulher que mata um filho, e a quem as curiosidades insalubres do publico formaram uma lenda de horror!

O caso de outro dia tornou-se dependencia da *chronica mundana* desde que uma senhora evidentemente illustrada, pertencendo segundo todas as

probabilidades a uma classe alta, veiu em publico exprimir opiniões de mulher e de mãe — que visam a tirar toda a responsabilidade á infanticida, transferindo-a para o pae da creança. E antes de mais nada: — quem é esse pae? quem o sabe? Mas isto é talvez, — n'esta nossa estranha sociedade-*prudhomme* em que se não póde escrever senão uma decima parte do que se pensa e uma quinta parte do que se fala, — a interrogação mais escandalosa que poderia fazer-se. Ponhamos que nem sequer a primeira palavra d'ella escorreu da penna que traça esta chronica. Todavia, á falta das moralidades, — ou das immoralidades, — que acaso se colheriam d'uma resposta absolutamente negativa áquella interrogação, e que acabariam de vez com as sensibilidades publicas, — vejamos um pouco: — se a sociedade abre enternecidamente os braços áquella mãe que mata um filho, com que formidavel punição tencionará fulminar as mães abominaveis que não assassinam os seus?

*

* *

Estamos em cheio n'um periodo historico onde as sciencias todas, lançadas soffregamente á conquista da verdade, se precipitam a erigir em theses todas as hypotheses que se lhe deparam. Ao mesmo tempo, as meias-sciencias correm-lhes no encalço, arvorando em dogmas todos os absurdos que encontram dispersos pelo caminho. E é assim que hoje vemos o maior dos absurdos possiveis, — a responsabilidade criminal tirada quasi inteiramente aos culpados, — desenvolver-se, lançar raizes, crear proselytos, — estabelecer o seu dominio nos cerebros predispostos para o maravilhoso scientifico, — açular o immenso clamor com que esta sociedade comida de vicios pretende arrancar á lei os senhores assassinos, os senhores ladrões, toda essa sym-

pathica canalha para quem chegou emfim a era d'oiro.

*
* *

A nova defensora de Constança das Dores principia por declarar que é mulher e que tem filhos. Encantadora e respeitavel coisa que é ser mãe! Ah, minha senhora! faça-me v. ex.ª a justiça de acreditar que a pessoa cujo pseudonymo firma estas linhas nunca talvez desenrugou o seu sobrolho de selvagem senão quando encontrou na passagem mamãs e bébés, e nunca cedeu senão a ellas o seu lado de *trottoir*, systematicamente, por um ponto de honra mundano que faz lembrar o conde d'Orsay, esse *dandy* lendario, batendo-se com um elegante que ao findar d'uma ceia dissera impiedades de Nossa Senhora. Pois bem: — v. ex.ª declarando que é mulher e que tem filhos, deixa crer apenas n'uma inverosimilhança. Não o parece, pelo ménos n'um ponto: — dir-se hia que v. os teve, — mas que os matou tambem.

*
* *

Não ha aqui espaço para meias palavras nem para meias opiniões. Não ha subtilezas d'argumentação, nem sensibilidades doentias, nem velleidades scientificas, nem transferencias de responsabilidades — que lavem aquella mulher do sangue em que se encharcou. Será necessario pôr inteiramente de parte os euphemismos? será necessario ir até ás brutalidades de linguagem citando os factos que ainda nenhum noticiario citou, e que acabam de de estabelecer a culpabilidade da infanticida quando as indignações derivam para cima do seductor?

A nova defeza produzida em beneficio de Constança das Dores pertence á classe enunciada das

sensibilidades doentias. Defeza de mulher: — enternecida, caindo a cada phrase na preoccupação feminina da maldade dos homens, — esses scelerados... E vê-se a senhora de caracter brando, conservando do seu tempo de solteira umas reminiscencias vagas do romanticismo Feuillet ou Dumas filho, lançando-se no mysticismo do perdão catholico, soffrendo dos seus nervos, abraçando-se com effusão ás theorias que lhe põem d'accordo os seus sentimentos severos de mãe com os seus enternecimentos misericordiosos de mulher.

Ah, minha senhora! como v. ex.ª é bondosa, e caritativa, — e doente! Mas ao lado d'essa defeza ahi anda outra correndo as ruas, com o pregão da especulação do cordel:

— «Quem quer ver! o arrependimento! da mulher que matou seu filho! e que chora! de arrependida!» — *E logo em seguida, n'um tom seccamente commercial:* — «São dez réis para acabar.»

II

NIHILISMO A VALER

Ah! Deus e a Moda castigam sem pau nem pedra. Ainda a semana passada eu entrei no teu gabinete, leitor, sorrindo zombeteiramente do inverno lisboeta, — «inverno de convenção, por luxo, por moda, postiço nos habitos de Lisboa como póde ser postiço um cabeção de lontra n'um simples *pardessus* de casaca...» — E hoje, meu amigo; hoje, entro no teu lar a fugir da chuva, ensopado das bategas que hontem me apanharam na Baixa, acossado pelo vento e pelo frio, — na figura lamentavel de um viandante que acaba de atravessar todas as inclemencias do inverno em pleno descampado.

Ainda a esta hora o sol não brilhou; desde hontem que o céu é encarvoado e lôbrego, com as suas nuvens de fuligem a troche-moche, tumultuosas e ameaçadoras, como um cão que rosna depois de ter mordido. As ruas estão cheias de lama, e as casarias, turvas da humidade, teem um ar melancholico. Sinto ao longe o susurro confuso da cidade, que se espraia sob a minha janella, e a espaços atravessa o ar um galope de fumaceiras negras, golphadas pela alta chaminé de tijolos de uma fabrica. O espirito peninsular esmorece n'esta paisagem turva...

E lembrarmo-nos que muitos paizes invejariam este nosso inverno, e o aproveitariam gostosamente... para primavera!... Com effeito, o bom Deus não repartiu com equidade os seus beneficios. Assim, a nós deu-nos um sol de primeira qualidade, e aos londrinos um sol de refugo, — obra barata que lhe tinha ficado no saldo de creações infelizes onde se contavam aranhas e centopeias. Fabricou para nós, com uma sollicitude e amor de artista, essa ourivesaria preciosa que se chama o Sol Peninsular, lampadario electrico com reflector de oiro brunido, aljofrado de um orvalho de diamantes; para Londres mandou uma simples lanterna de cêbo, que lhe tinha servido para visitar as cavernas escuras do Cahos, e poz-lhe em ar de vidros umas folhas de papel azeitado. Não ha em Lisboa nenhuma carroça que não tenha um d'esses objectos para de noite. E' assim que o sol londrino invejaria o nosso céu de hoje, sob cujo aspecto se conturbara nossa alma cheia de mimos e mal acostumada por Deus.

A' parte esta velleidade invernosa do tempo, não sei, meu amigo, qual foi o acontecimento semanal de Lisboa. Em Lisboa não costumam haver acontecimentos para a Chronica, senão quando a Chronica os inventa. Falta-nos a sobre-excitação de vida propria das grandes capitaes, como Paris, onde cada semana o sr. Alberto Wolf lucta com a immensa difficuldade... de escolher assumpto, entre os mil assumptos que o *boulevard* lhe fornece. Entre nós, o acontecimento de sensação é no fundo a simples materia de uma local extrahida da parte da policia. Por exemplo, n'este momento andam cheios os jornaes com a narração pomposa de um attentado dynamitista na Outra Banda: — um rapaz apresentou-se ao administrador com um dedo esfollado, por ter posto fogo a uma bomba que outros rapazes lhe tinham dado. Os jornaes esforçam-se por mostrar, em certas circumstancias obscuras d'esse caso, a influencia secreta de um vasto plano anar-

chista, e um d'elles chegou a affirmar — «que era perfeitamente um acto de nihilismo!» —

De nihilismo! Nunca nenhum exagero foi mais absurdo. Nem sequer se conhece entre nós, meridionaes, o apparecimento d'essa terrivel seita politica, tão do seu paiz, tão slava, que antes parece uma lenda de horrores do que uma historia do nosso tempo. A invenção humana na Arte nunca descobriu coisa mais atroz, nem mais grandiosa, — nem que menos se harmonisasse com o nosso modo de ser e com a nossa tranquillidade de cidadãos em pleno constitucionalismo desleixado. Não se é nihilista senão quando se é russo, — e russo na Russia, — sob a autocracia fulminante do Tzar, sob o açoite do *knut*, sob o ceu implacavel e sob a neve mortifera. O nihilismo, a religião social de Bakunine, — de Bakunine, *o Santo*, como lhe chamam na Russia, é a loucura do aniquilamento, a monomania da destruição, a frio, no mais absoluto desprezo da gloria e da vida humana. Eu tenho sobre elle, pessoalmente, uma das mais estranhas e sinistras impressões da minha vida, e essa impressão ainda hoje me faz ver nitidamente, todo o horror da guerra subterranea que se chama o nihilismo...

Foi tres mezes antes do ultimo attentado contra Alexandre II. O irmão do Czar, o grão-duque Constantino, acabava de fugir precipitadamente de Londres, deixando a esquadra de que era almirante e onde estivera por instantes a ser victima de uma explosão, e recolheu a S. Petersburgo por terra, em comboios expressos. Pelos jornaes constavam-me precauções extraordinarias tomadas para garantir a segurança do grão duque ao longo da Europa; eram precauções unicas, uma verdadeira rede policial estabelecida em toda a zona attravessada pelas linhas, cordões de sentinellas vigiando, as estações defezas ao publico... Consegui achar-me n'uma estação do percurso, quando o comboio imperial chegou. Todas as immediações estavam occupadas

por tropas e por agentes de policia, a officialidade estava na *gare;* eu era a unica pessoa estranha ao serviço, na minha qualidade de jornalista, — e ainda assim por concessão especialissima e rodeada de mil precauções. O comboio chegou : — todas as portinholas, todas as vidraças hermeticamente fechadas ! Não era um comboio, era um cofre de segurança para transporte de autocratas ameaçados... Ao cabo de meio minuto, um ajudante de campo do grão-duque veio espreitar a uma fisga de uma vidraça, depois abriu cautelosamente a portinhola, e, com o gesto, fez parar os officiaes, que se preparavam para subir. Então, o grão-duque assomou, com um olhar receoso para todos os lados, e desceu. Era um gigante alto e forte como uma torre, de grandes barbas pretas, olhos agudos e pequenos, um gorro de pelles na cabeça, as mãos enfiadas nos bolsos do seu casacão apertado com alamares. Não disse uma palavra, nem fez um gesto, nem esboçou um sorriso : — ouviu em pé, immovel, a felicitação que um velho general lhe dirigia respeitosamente, ficou-se depois meio minuto, — sempre sem um gesto nem uma palavra, sem um sorriso nem um aceno, — e recolheu emfim ao seu *wagon*, escoltado pelos seus ajudantes de campo.

Mas passou-se então uma coisa estranha, e que eu vi pela vidraça que tinha ficado aberta : — o grão-duque, elle proprio, com toda a sua pompa hieratica de principe, foi examinar todos os recantos do *wagon*, remecheu todas as almofadas, rebuscou todos os desvãos, como se algum mysterioso personagem de lenda tivesse podido ir ali collocar alguma bomba, nos curtos instantes da sua ausencia, — e só depois d'isso fez signal para mandarem partir o comboio. O comboio abalou então, exactamente como tinha chegado, com todas as vidraças e todas as portinholas hermeticamente fechadas outra vez transformado no vasto cofre em que se transportava um dos mais formidaveis potentados da terra,

alli acuado como uma fera por uma ameaça subterranea de exterminio. Este espectaculo deixou-me para sempre uma nodoa sinistra na memoria, como se tivesse assistido a algum espantoso morticinio em alguma horrivel paizagem de região maldita...

III

A COLICA DO SR. FONTES

A coisa passou-se assim:

O sr. Fontes acordou muito cedo, — apenas se ouvia em surdina, coado pelas janellas hermeticamente cerradas, o tilintar da campainha d'uma carroça do lixo, — esfregou os olhos com as costas do punho fechado, estendeu uma perna pelos lençoes abaixo, depois outra, acabou por ficar estendido de barriga para o ar, — immovel, — e mirou d'olhar embaciado a claridade do corredor que mal penetrava por cima da porta, atravez d'um vidro poeirento. Como que andava nos atomos do ambiente essa paz domestica dos interiores britannicos, roçando-se como uma somnolencia pelos moveis estofados, pelo fato espalhado, pelos tapetes felpudos. O silencio narcotisava tudo, desde o *tic-tac* do relogio do fogão, — que embalava com a sua monotonia isochroma, — até ao roupão do sr. Fontes, — que tinha sobre uma *chaise-longue*, de mangas abertas, a attitude espalmada d'um corpo morto por qualquer desastre. A carroça do lixo approximava-se, com solavancos que mal se distinguiam. *Tlin! tlin! tlin!...*

Sua excellencia atirou-se de repente para o lado da banquinha de cabeceira, ergueu-se sobre o co-

tovello, deitou de fóra uma perna magra, depois outra, aprumou enfim o busto enluvado pela camisola de dormir, — que lhe denunciava em saliencias as articulações dos cotovellos, e lhe deixava a descoberto umas pelles engelhadas do pescoço, e tocou a campainha. Um creado appareceu logo á porta, face cuidadosamente escanhoada, olhos inexpressivos perante as pernas magras e o busto anguloso do amo. A'quella hora, nú e vindo dos estragos d'uma noite, o sr. Fontes era um personagem bem triste, espapaçado sobre si mesmo, de queixo pendente e bigode empastado, cabelleira ruça dos attrictos da almofada. A sua physionomia gasta de *viveur*, entrecortada de feições repuchadas, escoriava-se como uma cara envernisada de velho *Senhor dos Passos*. Os seus olhos raiavam-se, aos cantos, de uma especie de gelatina sanguinolenta. As suas mãos tinham uma tremura.

O creado, silenciosamente, quasi solemne, applicou-se então á sua tarefa diaria de fazer d'aquella coisa velha e chupada — um homem d'Estado. Ajoelhou sobre o tapete, calçou-lhe umas piúgas; por cima, enfiou uns chinellos moiros. Vestiu-lhe o roupão. Depois, sentou-o n'uma cadeira, cobriu-lhe d'espuma de sabonete a cara, e fez-lhe a barba. Arrastou-o em seguida para o gabinete proximo, debruçou-o na tina, deu-lhe um banho. Então, já meio elastico, o sr. Fontes endireitou-se sobre os joelhos, poude com uma certa viveza atravessar os longos processos de pintura a que o seu creado o submetteu; e vestiu-se emfim, quasi sem auxilio nenhum, ao vêr-se no espelho com o seu aprumo official, prompto para a sua missão de presidente do conselho.

Justamente n'esse dia, sua excellencia tinha immenso que fazer, — uma infinidade de despachos importantes, esse arranjo previdente de disposições

que se fazem em vespera de viagem. Seria necessario trabalhar até tarde, assignar portarias, referendar cartas de lei, indicar officios, consultar chefes de secretaria. Só elle era capaz de fazer assim politica por atacado. E ahi estava o motivo porque o sr. Fontes ia tão cedo para o Terreiro do Paço, seguido do seu correio a cavallo, ao mesmo tempo que as carroças municipaes... —*tlin! tlin! tlin!*— ... apanhavam os barris do lixo ás soleiras das portas.

Mas a fragilidade humana, que zomba das energias mais vigorosas, quiz n'aquelle dia, — logo pelo demonio, — torturar a boa vontade do illustre politico. Sua excellencia absorveu-se tão completamente na dedicação do seu cargo, que esqueceu as mais rudimentares precauções da hygiene. Ao meio dia, o seu chefe de gabinete ousou observar-lhe:

— «... que deveria tomar alguma coisa... Não, sua excellencia realmente devia poupar-se para o seu paiz..., para os cuidados da publica administração!...» —

E o sr. Fontes, cheio de civismo, esquecendo a solemnidade do seu papel, n'um plebeismo grandioso, respondeu lavrando a nomeação d'um recebedor:

—«Não tenho fome!» —

Não tenho fome! Isto dito por um ministro d'estado! Se ha coisa mais bonita! E foi correndo o tempo, correndo, correndo, sem que sua excellencia deixasse os espinhos da nomeação d'um escripturario de fazenda, — ao menos, — pelo conforto d'uma canja de gallinha, — sequer. Ao entardecer, extenuado mas satisfeito de ter cumprido o seu de-

ver, o sr. Fontes adivinhou que jantar, n'aquellas circumstancias, seria uma catastrophe, e pediu chá com torradas. Nada mais innocente, pois não é verdade? — ; e comtudo ao fim de meia hora, sua excellencia poude reconhecer que esse mesmo alimento fôra cahir no seu estomago, pouco mais ou menos como um tufão na papelada tranquilla de um cartorio.

O sr. Fontes principiou por sentir como que uma contusão no baixo ventre. Alargou a presilha das calças, levantou-se para dar um passeiosinho hygienico, e notou então, com terror, que esse movimento exacerbara o seu mal-estar, como se os musculos do seu abdomen tivessem encolhido de repente, e o levantar-se houvesse produzido uma tracção dolorosa de todos os seus intestinos. Ao mesmo tempo, o seu rosto distillava um suorsinho frio, a dôr da contusão deslocava-se, e o sr. Fontes sentia um invencivel desejo de se acocorar por terra, com os joelhos collados ao tronco e as mãos enclavinhadas por baixo das pernas, para comprimir aquelle soffrimento atroz. Tomou as attitudes mais singulares d'este mundo, — deitando-se de borco sobre a borda do leito, encolhendo-se a um canto do quarto, espreguiçando-se em tregeitos grotescos. O creado, assustado com aquelle desmancho de uma gravidade que nunca se desmentia, mandou chamar o medico e foi este que diagnosticou o caso, recitando logo:

— «Uma colica... Chá de casca de pepino!» —

Esta noticia espalhou-se rapidamente, como é facil de suppor. Dizia-se por toda a parte, apenas, — «que o sr. Fontes estava muito mal, que o sr. Fontes estava na ultima extremidade» — Partidarios reuniam-se em grupos, muito pallidos, e tinham gestos de desespero, contorsões de mãos que im-

ploravam o ceu. Em voz baixa, atarantados, falavam todos ao mesmo tempo, davam passadas bruscas sem objecto determinado, voltavam logo atraz, interrogavam aquelles que poderiam estar mais bem informados, queriam por força saber, sobretudo, — «... se era alguma dôr de dentes.» — Tinham-se mesmo propalado já supposições, na melhor boa fé: — «... que fôra um correio a cavallo chamar o doutor de Vitry..., que o doutor de Vitry tivera d'empregar uma força herculea para arrancar um queixal perfeitamente são, mas que o illustre presidente do conselho lhe indicara com estas palavras profundas:

— «Arranque-o, succeda o que succeder! Esse queixal é um queixal d'Estado.» —

E todo o centro regenerador, á bocca da rua do Norte, aguardava de momento para momento a noticia da extracção do gabinete, arrancado por um dentista habil, — ainda que com dôr. A's primeiras horas da noute, porém, soube-se que o incommodo do sr. Fontes era apenas uma colica, e que, para a combaterem, os medicos não se poupavam a cascas de pepino. De momento para momento, chegavam communicações que davam conta de progressivas melhoras. Agora, sabia-se que fôra ministrada ao enfermo, para completar a cura tão bem encaminhada, uma porção d'oleo de ricino. Ancioso mas d'uma anciedade alegre, o partido já não esperava senão a noticia d'um restabelecimento total.

Emfim, assomou á porta do centro, com a physionomia radiante, um dos senhores ministros que até alli se haviam conservado junto do seu chefe. Um clamor partiu de todas as boccas, soffregamente:

—«E então?»—

O sr. ministro poz a mão sobre o coração, que pulsava com violencia, e disse:

—«Tenho o maior prazer,—prazer que o paiz certamente partilhará, em lhes communicar meus senhores, que o remedio fez o effeito desejado.

IV

GUERRA JUNQUEIRO

Guerra Junqueiro mandou-me o seu poema. Depositado pelo carteiro na barafunda do correio de uma redacção, esse poema ainda até hoje me não poude chegar ás mãos; está em qualquer parte, longe da minha avidez; mas ouço-o sempre, — sempre que penso n'elle, — cantar os seus versos no meu craneo, pela voz do poeta que m'os recitou todos, coisa de dois mezes antes de publicados.

E ha n'essa evocação do meu espirito, vaga, mal definida, uma doçura penetrante, como n'uma vibração musical que a aragem traz, como n'um echo esbatido de aria longinqua, como n'um resto de aroma em velha carta de amores. Não póde acudir-me assim a tentação de criticar esse livro, friamente; idealisado pela recordação e pela saudade, elle voeja placidamente acima das especulações de gabinete, incorporeo como um som ou como um sabor, e deixa-me a plena liberdade de o amar a olhos fechados, na *rêverie* do artista perante a obra de arte.

*

Ha dois mezes, de visita no Porto, procurei Guerra Junqueiro no *Hôtel de Paris*. Era uma tarde canicular, em que as proprias pedras da calçada despediam fogo.

— «O sr. doutor sahiu, — disse-me o guarda-portão.» —

Diacho! e eu, que tencionava partir n'esse dia para Lisboa, teria de ficar ainda no Porto... Estendi o meu cartão, vincado, ao guarda-portão, e saltei para o *trottoir*, emquanto que o guarda-portão, subitamente immobilisado fóra da porta, com a mão em pala na testa, olhava para a emboccadura da rua atravez da soalheira.

— «Ahi vem o sr. doutor, — disse-me elle ao cabo de um momento.» —

O sr. doutor, era Guerra Junqueiro, magro, agil, veloz, que um minuto depois entrava a porta do hotel. O guarda-portão adeantara-se a dar-lhe o meu cartão, em que elle rapidamente leu o nome. Senti-o contrafeito, e tive vontade de me ir embora; mas em additamento ao cartão, approximei-me e disse:

— «Sou eu...» —

Guerra Junqueiro teve uma exclamação alegre:

— «Ah! é que vinha justamente de o procurar no seu hotel. Já pensava que não chegariamos a encontrar-nos.» —

Apertámo-nos as mãos, com uma effusão de amigos que passaram largos annos sem se verem. Ali estava emfim o meu querido e grande poeta: — com o mesmo ar de outr'ora, o mesmo olhar agudo na sua face em cutello, o mesmo nariz audaciosamente aquilino, o mesmo bigode pequeno sobre os labios finos e zombeteiros; e sobre tudo isso, gingando um pouco o andar, mas reflectindo uma alegria saudavel que não era a mesma de outros

tempos, um pouco azeda e dyspeptica. Subimos ao seu quarto, sentámo-nos defronte um do outro, e falámos, — quero dizer, — elle falou. Acudiu-me aquelle verso da *Morte de D. João*:

Tracta-me da saude, que é o que mais convém.
Cria-me pança e coiros oleosos.
Toma ferruginosos,
Que hão-de fazer-te bem!

E foi da saude que tratámos. Durante uma hora, Guerra Junqueiro contou-me a sua dyspepsia; e, com a devoção de um crente na agua de Lourdes, disse-me maravilhas das aguas de Brabães, que o tinham salvo:

— «Oh, as aguas de Brabães! hei-de mandar-lh'as, e verá que se cura tambem.» —

Esbocei um gesto simultaneamente sceptico e recusador.

— «Hei-de mandar-lh'as, — insistiu elle. E' para mim um caso de consciencia; faço empenho em o salvar da sua dyspepsia, como eu me salvei da minha...» —

Recommendou-me fraternalmente um serio regimen alimentar; entrou em considerações profundas sobre alimentos azotados e álimentos respiratorios, sobre as suas funcções no tubo digestivo; foi prodigo em luxo de detalhes quanto a manipulações de cosinha, especialmente a respeito de aves, que nunca deviam deixar de ser *faisandées*. Eu ouvia-o, interrompendo-o apenas de tempos a tempos com uma palavra desanimada, — de quem já se não fia n'um futuro risonho para o seu estomago; e quando o vi triumphante das suas doutrinas em materia de dyspepsia, tendo feito a apotheose das aguas de Brabães, perguntei-lhe:

— «O seu poema?» —

Levantou-se:

— «Vou lêr-lhe o prologo.» —

Leu, emquanto eu escutava, cerrando um pou-

co os olhos. Quando acabou de lêr, faltou-me completamente a palavra para a banalidade de um cumprimento. Nem de resto a procurei. Creio que disse, como uma creança a quem acabam de servir alguma coisa doce:

— «Mais!...» —

Elle continuou; ora lendo, ora recitando, trecho a trecho, durante não sei quanto tempo, desdobrou aos meus ouvidos encantados todo o seu poema, bronzeo a espaços como uma estatua ou como uma epopeia, umas vezes sarcastico como a propria alma de Juvenal no proprio espirito de Voltaire, outras vezes melodico como um canto de harpa, outras, emfim, terno e commovido, penetrado da maxima delicadeza que pode sentir coração humano. Chegou ao fim; era esse soneto magistral, em *post scriptum*, que eu ouço sempre na voz do poeta pedir para lhe arrancarem o coração e lançarem-no á valla commum...

> Como um tambor que entre a metralha
> Estoira ao fim d'uma batalha,
> Rouco, furioso, ancioso, ardente!

Nunca a minha alma de artista sentira assim um impeto de enthusiasmo. Mas em mim, o enthusiasmo é extraordinariamente frio, intuspectivo, como a crise amorosa da carne n'uma bella mulher loira. A sensação que me restava d'aquella leitura e d'aquella recitação, era sobretudo um atordoamento que me não deixara fixar bellezas de fórma, sem distinguir defeitos de critica. O poema todo, fundido n'um raio só de luz, — como n'um disco girante se fundem as sete côres do espectro em branco, — cantava no meu cerebro a sua canção de oiro, deliciosamente vaga e abstracta, e ainda hoje a sua fina resonancia é viva na minha saudade d'essa tarde unica, em que o sol declinava sobre o horisonte ensanguentado como uma fornalha.

*

Sahimos juntos, pela fresca, conversando, e regalei-me de perder o comboio. Em Guerra Junqueiro, outra vez o poeta deixara o logar ao homem, que do seu espirito voltaireano se fizera uma segunda natureza. E' d'elle este cumulo:

— «O outro dia, na Mealhada, vi-me grego para demonstrar a tres bispos a existencia de Deus!» —

Mas se valesse a pena emendar o rancor dos estupidos ou desenganar as almas timidas perante o escrupulo religioso, eu explicaria longamente como é que esse impio, todo vibrante em sarcasmos peçonhentos, é simplesmente o artista na gestação sagrada da sua obra, o critico encarniçado contra symbolismos grosseiros de principios barbaros, e o crente, emfim, o crente enternecido que ajoelha em face do eternamente bello e do eternamente justo.

Preciso, de resto, proclamar ao universo que Guerra Junqueiro nunca me mandou as taes aguas de Brabães. Não me corrompeu, portanto.

*

Ha uns paucos de annos que elle vive em Vianna do Castello, remoendo a sua aversão a Lisboa, — uma cidade requentada, como elle lhe chama. Apenas frequentes vezes vae ao Porto, por um dia ou dois, e foge logo para junto das suas duas filhas, que lhe dão a saude suprema da alma. Guerra Junqueiro educa-as com toda a delicadeza de um poeta e toda a ternura de um pae.

Ramalho Ortigão contou-me que as viu o anno passado, visitando o poeta em Vianna do Castello.

— «*Dois amores*, — disse-me elle, encantado.» —

Uma vez, que Junqueiro sahira, Ramalho ficou brincando com ellas. Jogaram as escondidas e a cabra-cega. Ao cabo de meia-hora, tinham esgotado tudo quanto ha de bom em creancices, — que é

ainda assim o que ha de melhor e mais sensato na vida, e o illustre critico envergonhava-se de não descobrir qualquer outra coisa, que o conservasse no elevado conceito das duas pequerruchinhas. Mas de repente, divisou sobre uma meza uma *boîte à surprise*; seria a salvação, esse brinquedo tão vulgar e sempre tão novo. Correu a lançar mão d'elle. Ao voltar-se, com a *boîte à surprise* sobraçada, as suas duas amiguinhas estavam pallidas, contrafeitas, e soltaram um grito de terror quando o diabo vermelho e perudo saltou de dentro da caixa.

Então, Ramalho dispendeu thesouros de engenho em explicar ás creanças a geringonça d'aquella divindade malfazeja. Foi o livre pensador d'aquelle dogma de molas. Mostrou-lhes esse diabo como um simples paspalhão que era, armado em arames enroscados á maneira dos *fauteils*. As creanças, que pouco a pouco se tinham tranquillisado, soltaram no fim as suas mais sonoras gargalhadas; estava completamente morto n'ellas o principio do medo a que os nossos paes chamavam salutar.

N'isto, entrou Junqueiro, e as filhas correram a saltar-lhe ao pescoço, com uma alegria doida, agitando pela cabeça o diabo vermelho da *boîte à surprise*. Junqueiro cahia litteralmente das nuvens:

— «Oh! que significa isto?» —

Ramalho, orgulhoso como quem tem cumprido um dever, explicou-lhe tudo; e no fim, Junqueiro só teve uma palavra para exprimir a sua decepção:

— «Fel a bonita! estragou me o meu Padre Eterno!» —

Era com aquillo que Junqueiro, nas occasiões graves, as mantinha em respeito, e as forçava a embeberem-se na cogitação severa do *a b c*; aquella *boîte à surprise*, mysteriosa e pantafaçuda, era o seu fetiche ameaçador, uma especie de Jehovah carrancudo na religião mosaica. Mettia medo com ella ás filhas, como o propheta mettia medo aos hebreus com a apparição truculenta do Sinai.

V

O CASO DE ABRANTES

Não ha nada mais inverosimil que a verdade. Lido n'uns certos livros da decadencia romantica em que floresceram Ponson e Mequet e em que Montépin e Boisgobey arrastam miseravelmente a sua vidinha, o caso tragico de Abrantes,—esse caso sanguinolento que n'este momento faz o giro commovido da imprensa indigena, — faria desabrochar nas nossas boccas um sorriso de piedade ; e na nossa aversão a processos pantafaçudos de fabula, diriamos, cheios de nojo que o autor tivera a audacia de se julgar um pouco menos cretino que o leitor, tentando passar-lhe a moeda falsa dos crimes que armam ao effeito.

Não é precisamente em sangue que estes idyllios campestres costumam desaguar. Nos campos, nos logarejos como o das Mouriscas, — inteiramente anonymo nas chorographias nacionaes, — a noção da honra e da honestidade são de uma simplicidade primitiva. Hoje, que é passado o preconceito da admiração encantada perante a austeridade e a virtude dos campos, pode-se dizer sem rebuço que o camponez é em toda a creação uma creatura á parte participando do homem e do bicho, e que nenhuma

outra, é mais estupida, nem mais feroz, nem mais indelicada, nem mais sordida. O alcance das suas faculdades vae apenas até á satisfação do instincto, que é a forma rudimentar do raciocinio.

Mas n'aquelle obscuro logarejo, —hoje registrado nas nossas memorias com caracteres de sangue,— as coisas passam se de outro modo. Dois rapazes a quem seduziram a irmã procuram o seductor, esforçam-se a poder de sacrificios e de rogos por o convencer a *reparar* o seu acto, e afinal, desesperados perante a recusa de D. Juan, matam-no, ferozmente e conscienciosamente, como se mata um cão damnado. E' o que fazem os primogenitos das grandes casas em taes circumstancias...

E tudo isto está fóra do habito, fóra da moral campesina, fóra da rasão e do bom senso. O proprio moleiro de Sans-Souci dizia ameaçadoramente ao rei da Prussia:

— «Em Berlim ha juizes!...» —

Havia, decerto, n'este caso, tribunaes em Portugal. E acima de tudo havia a indifferença, o — «*não querer saber de desgraças*...» — Ahi por esses campos, o seductor perde a attitude amavel, a attitude theatral dos romances, e affirma-se um simples pobre-diabo que faz o amor como caça a lebre nas coutadas particulares, — a laço, com um medo azul ao guarda por miseria, porque não póde mutilar-se nas fatalidades do seu sexo, nem poderia tomar o encargo de uma familia. E' natural e inevitavel; ninguem se importa com isso; apenas o senhor cura ás vezes consegue fazer áquellas almas primitivas o beneficio atroz de lhes acordar uma sombra de escrupulo. Mas logo a vida campezina volta ao seu eixo, á sua obcecada rotina inconsciente, como um carro de bois se arrasta, chiando, por um caminho fóra ruidoso e soporifero.

Ha a honra de provincia e a honra de cidade; e as duas differem essencialmente, differem sobretudo na fórma. A honestidade dos campos, simples,

vem das aggremiações prehistoricas das primitivas sociedades agricolas, de civilisações cuja historia hoje faz o nosso espanto e a nossa indignação. Ao contrario, nos grandes centros, a honestidade é extremamente complexa, accidenta-se de *nuances* e de fórmas variadissimas. A civilisação moderna, a arte e a litteratura, as necessidades e os habitos que para nós mesmos creámos, a lição da historia e os ensinamentos da critica, — tudo isso sobreexcitou na nossa sociedade a noção da dignidade humana, e a refinou de uma maneira extraordinaria, quasi dolorosa.

Entre nós, o sentimento tomou o mesmo caminho que a sensação, — tornou-se complicado. O trabalhador do campo não comprehenderia o nosso *foie gras* nem o nosso café de sobremeza, regado a gólesinhos de *fine champagne*. Nós, nem por todo o oiro do mundo revelariamos á nossa bem-amada o nosso amor, beliscando a até ao sangue e cantando-lhe trovas. Temos o sentimento demasiadamente complicado para taes processos. Alcançámos, por graça de uma litteratura e de uma arte que profundaram todos os problemas psychologicos, uma agudeza estranha de percepção que é o microscopio applicado á alma, os nossos prazeres multiplicaram-se como as nossas dores, adquirimos como que um sexto sentido mais nobre do que todos os outros. E é mesmo essa a nossa acquisição culminante, é mesmo esse o nosso esforço victorioso de Prometheu. Arrabatámos emfim, — ó deuses! — o fogo sagrado ao ceu.

Mas aquelles dois rapazes que vão de fio, soberanamente, exigir uma reparação ao seductor da sua irmã, e que o matam de consciencia tranquilla, — deixam me em verdade estupefacto. Porque estranho phenomeno de atavismo nasceria n'elles similhante requinte de dignidade, e que mysteriosas influencias os fariam dar se taes ares de heroes de romance?

Da romance, em rigor, é a palavra; e tambem decerto n'essa palavra está a explicação do facto. Aquelles dois rapazes já não eram dois camponezes, e ainda não tinham chegado a ser dois cidadãos; viviam em Lisboa como caixeiros quando souberam do que lhes ia lá por casa, e foi de Lisboa que se partiram a zelar a honra da familia, ou a vingal-a. E' sabido o resto; — foram de encontro a um D. Juan cabeçudo, verdadeiro typo do camponio, e como não poderam convencel-o, mataram-no. Esta solução tem a brutalidade feroz de Antony, exclamando como suprema razão do seu crime:

— «Ella resistia-me..., matei-a!» —

Mas, achará o acto dos dois rapazes, perante os tribunaes, a indulgencia que o acto de Antony achou perante a sentimentalidade publica, no momento preciso em que a crise romantica se affirmava nos espiritos e se reflectia nas consciencias?

Lisboa conseguira já inocular-lhes o sentimento, o melindre, a excitabilidade nervosa dos grandes centros. Dera-lhes a ler romances nas horas vagas do balcão das suas mercearias, e não lhes facultara o menor alimento solido ao espirito. Proporcionara-lhes noticiarios de jornaes, — feitos a trôche môche, com o sentimentalismo piegas ou com o cynismo inconsciente, com reminiscencias emphaticas de velhos melodramas ou com chalaças torpes de botequim, — e não lhes ministrara o verdadeiro respeito de si proprios n'uma orientação sadia da dignidade, nem o respeito dos outros n'uma consciencia segura dos seus deveres. Foi assim que elles mataram aquelle homem por um sentimento elevado, — como heroes, — e que o mataram pelas costas, a dois contra um, — como pulhas.

Esses dois rapazes são, na sua ferocidade tragica, — dois lorpas de coração: — as tristes, as tristissimas victimas de uma civilisação deficiente, sem uma escola para a dignidade humana, sem energias para a alma, sem moderadores contra a fera que

dormita no fundo de cada homem, — e com folhetins de Montépin mal traduzidos!

*

* *

E comtudo, — pois não é verdade, leitor? — nós fariamos o mesmo, apenas com menos alguma estupidez e com mais alguma ferocidade...

Como sabem, anda no ar, uma das ultimas enfermidades d'este final de seculo, o empenho de introduzir a moralidade no theatro. Nunca mais commovente propaganda se fez de uma ideia nobre; moralisar os tablados, fazer da scena uma escola sã de virtudes, catechisar essa coisa impia que os velhos canones fulminavam com uma especie de maldição, — e a que poderia chamar-se entre nós o *cabotinismo*, — é em boa verdade uma tarefa de benemeritos. Prospéra entre certos jornaes indigenas a intenção de restaurar a antiga sentença latina e classica: — «*Castigat ridendo mores.*» — Esses jornaes querem apurar os costumes policiando os archivos theatraes; querem polir a sociedade cohonestando o theatro. Somente, n'esse candido empenho de almas tão bem formadas, elles, obcecados pela sua virtude que nem sequer lhes deixa vêr o mal, soffreriam uma dolorosa surpresa se lhes mostrassem que estão apenas tomando a causa pelo effeito, o que transtorna completamente os termos da questão. Meu Deus! não é o theatro que faz a sociedade; é a sociedade que faz o theatro, assim como faz o livro, assim como faz o jornal, assim como faz esta propria chronica... — tantas e tantissimas vezes sensual, semi hysterica, abrindo de par em par os finos e macios veus das suas columnas erigidas em ar de tabernaculo pagão ao Amor, como a uma mulher amorosa e bonita se abrem as macias e finas roupagens de um leito calido, á hora negra e lubrica em que uma essencia finissima de

voluptuosidade ensopa os cerebros e estonteia as castidades mais austeras!

A littteratura não produz; é produzida,—produzida por um temperamento, por um clima, por uma fatalidade de raça, por um *meio* geographico e ethnico, emfim. Em todas as sociedades que estão de nós a distancia bastante para as separarmos em corpos bem distinctos, encontramos a prova d'isso. A Roma da decadencia tem Tertulliano e Ovidio; a Grecia agonisante tem Sapho e Anacreonte; a Italia papalina tem Boccacio; ha Margarida de Navarra e Brantôme na França theocratica; em toda a parte, sempre, como uma lei historica, as epocas e os cyclos fecham-se com uma litteratura que não é dissolvente, pelo motivo bem simples de que é dissoluta. Não confundamos os termos. Aonde foi que jámais se viu fazerem obra de propaganda social o theatro e o livro, proficuamente, senão quando a these da propaganda estava já embryonaria na sociedade? Aonde foi que jámais se viu não voltar o publico as costas ao escriptor que, no livro ou no drama, no artigo ou na comedia, não vivia a sua propria vida, os seus proprios gostos, as suas proprias inclinações, os seus proprios amores, os seus proprios odios, as suas proprias qualidades e os seus proprios vicios?

De resto, se o theatro é o inimigo, inimigo é tambem o papel impresso, sob qualquer das suas fórmas. Seria necessario pôr um *gendarme* aos prelos, como se tinha posto outro aos bastidores; e teriamos ao longo de toda a litteratura, contra os mais rudimentares principios d'essa plena liberdade que é justamente o cavallo de batalha d'aquelles moralistas, a censura montada em larga escala, de lapis encarnado em punho, a riscar as menores passagens que não fossem francamente honestas, francamente sadias, francamente parlapatonas e *bêtes*. Que rica litteratura sahiria d'ali, saturada de camphora e de brometo, propria para os quartos de sen-

tinella dos harems de Stambul e para o antigo cantochão da capella Sixtina! Que rica litteratura, e que ricas vozes de homem, — para cantarem de mulher!

A moralidade do theatro não é coisa que se faça porque a critica o quer. E a sociedade, omnipotente porque é a mãe de todas as artes, não a quer. Apenas poderia haver um interesse philosophico em lhe fazer opposição aliás destinada a morrer abafada; mas isso daria um resultado contraproducente, não serviria senão para irritar o presupposto mal, e teria uns ares infelizes de sacerdocio fossil. O que ha de melhor a fazer a uma sociedade pôdre, não é cural-a: — é acabar de apodrecer, convidando-a com bons modos a deixar-se ir no enxurro. Fazer a corrupção n'um corpo já meio corrupto, eis a formula. E entretanto, seria necessario estatuir, antes de moralisar a sociedade, que a sociedade precisa ser moralisada...

VI

DEVANEANDO...

Devo-te, leitor, uma confissão franca: — eu não sou precisamente o teu homem, o chronista dos teus sonhos. Não cuido de colher novidades, nem sequer de receber e transmittir-te aquellas que naturalmente me chegam aos ouvidos. Sou um indifferente da opinião publica, um visionario incorrijivel. Não me dou a massadas de *reportage*, para lisonjear os teus *tics* de pessoa amiga de andar em dia com o que vae pelo mundo. Passo ao lado dos acontecimentos importantes, estonteado, de nariz no ar, a farejar o cheiro do sol e a perder-me na contemplação artistica da phrase. E tenho o defeito gravissimo, perante o jornalismo indigena, de ligar uma consideração mediocre aos mil casos quotidianos, que cada manhã e cada noite as gazetas assoalham aos olhos deslumbrados dos seus leitores.

Já vês que o melhor que tens a fazer é saltar em claro estas columnas, a olhos juntos, e deixarme a uns certos rapazes estonteados como eu, que por ahi haverá porventura á minha espera, cada semana. Elles talvez me leiam, com a mira na frivolidade; tu, se fores um leitor de juizo, como me

julgo obrigado a imaginar-te, segundo as tradições dos auctores que falam para a Historia, é possivel que me leias tambem, uma vez por outra, — para conciliar o somno, á hora momentosa em que usas soprar a luz para te virares para a parede.

Um raio de luar, que se insinua pela janella entreaberta, banha-a de uma tonalidade lactea, velludosa. As suas banaes flores pintadas no papel animam-se e dansam deante dos teus olhos, *brouillés* pelo somno. A tua almofada, roçada pelo teu cabello, como que exhala ao teu ouvido, finamente apurado no escuro, um murmurio indistincto de beijos longinquos, voando de labios coralinos de odaliscas para faces tisnadas de pensativos sultões, á beira do Bosphoro luminoso, n'essa magnificente Stambul dos contos orientaes, seductores como collares phantasticos de perolas e nevoentos como um vapor de aromas queimados em caçoletas de oiro. Ah! seria bello, bello, se... Mas é um sonho, uma loucura: — a tua alcova arrefece de isolamento, n'estas noites frias de janeiro que lançam um desanimo infinito na alma, quando um olhar de mulher, bem casto e bem tepido, não enche o ambiente de uma vibração saudavel d'alegrias domesticas. Tu és só, completamente só, sósinho como um reptil; e enroscas-te no teu leito, sob a roupa humida de frio, com a palma da mão aberta sobre a redondeza inerte do travesseiro, scismando n'uns olhos muito reluzentes, que viste o outro dia no Chiado, e que deviam acalentar tanto, tanto...

*

Meu pobre leitor!... tu, apaixonado, filado nos dentes da insomnia... Faze-te grande e irresistivel como todos esses heroes de romances que tens lido, cavalleiros enamorados que tomam por divisa o nome da sua bella e por norte o seu amor, doidos sublimes que fazem conquistas e poemas. E' verdade: —

porque não fazes tu um poema?... Mas não fazes nada, deixas-te ficar encolhido, no teu desespero; e é por isso que ahi estás d'olhos abertos para a tua parede, extraviando-te a espaços n'um retalho de somno afflicto, em que esvoaçam allucinações extravagantes. Sonhas, por exemplo, que Moysés obtem uma concessão do governo, e anda a construir um caminho de ferro para Cintra. Então não é isto feio? não dá uma triste ideia do teu espirito vascolejado pela preoccupação do amor? Vamos, sê forte: — faze um poema, ou, ao menos, uma conquista. E *ella*, essa extraordinaria mulher de olhos muito pretos, muito reluzentes, será tua, por toda a vida.

*

Entretanto, inutilisa-te para o combate a inercia do teu organismo depauperado pelo funcionamento secular das gerações, que desgasta o forte nervo da actividade psychologica. Enroscas-te mais sob a frialdade das cobertas, fitas com maior insistencia a parede, em que o luar bate; e pões-te a pensar na choupana dos amores idyllicos, n'uma nave de arvores frondosas, ogivaes. E' então que o teu espirito, baldeado na vida contemplativa, sobrexcitado, entrevê deslumbrantes visões, a amplidão de um oceano tão vasto como o teu amor, bosques murmurosos, brisas perfumadas no infinito anil; e sonhas com uma immensa praia deserta, em que os rochedos de fórmas extravagantes simelham ondas fixadas por uma congelação eterna, com horisontes afogueados pelo sol, com rumores de vagas quebrando-se ao longe, lá muito ao longe. A floresta, de uma exhuberancia indiana, sagrada como um templo, debruça sobre o abysmo arvores colossaes, de estranhas florescencias coloridas que espalham no ar suavissimos perfumes. A espuma das ondas, espraiada a golpes seccos de uma mão invisivel, branqueia as rochas negras, inabalaveis. N'isto,

um luar de jaspe substitue o sol, e as estrellas espreitam o espaço, com os seus olhitos de diamante engastado no firmamento concavo. Olhas, transido d'aquella grandeza immensa. phantastica; e, sobre um rochedo enorme, com as patas deanteiras estendidas, o focinho erguido ao ceu, surprehendes um molosso formidavel de bronze, musculoso, uivando tristemente na noite, na luminosa noite. E' então que tu, leitor, desesperado, decidido aos grandes remedios, te pões a lêr esta chronica fazendo uma careta, — como quem toma um remedio de mau sabor, — e a devoras até ao fim, — ainda como quem não vê outro meio de escapar a uma insomnia cruel; — e adormeces emfim, extenuado das visões do teu meio-somno, com um suspiro d'allivio, sobre a almofada já quente da tua cabeça, sonhando docemente que outra cabeça aquece defronte da tua almofada outra almofada, — cabeça fina de mulher, carregada de longos cabellos pretos, cortada pelo traço coralino dos labios e pelas riscas negras das espessas pestanas.

VII

UM ENTERRO CIVIL

Acaba de ter logar, no Porto, o enterro civil de um operario. Paro deante do convite para esse enterro, que encontro n'um jornal d'alli; e fico me absorto perante a intuição profunda com que se póde ser livre-pensador sem uma forte e bem orientada educação scientifica, n'um meio que, por todas as suas manifestações, leva o espirito para as crenças sympathicas e consoladoras do christianismo.

Eu deploraria este pobre homem, — ainda que não fosse a piedade pelos mortos, — só por me lembrar de quantas obsessões elle teria de soffrer em vida para chegar ao seu atheismo irracicionado, e do estado lamentavel do seu espirito que o entregou sem energia ás suggestões alheias. Foi sem duvida um desgraçado, d'esse grupo de proletarios que um dia se pôem a sonhar recomposições sociaes, com a sua pobre cabeça cheias de palavras sonoras, e que d'ahi em deante, precipitados n'um cahos de philosophias confusas, visionarios, scismando em reivindicações abstractas, tomam a serio o papel de apostolos de um futuro magico. Assistiu a *meetings*

talvez; falou em conciliabulos de operarios, n'um tom doutrinal, dizendo inconscientemente phrases inteiras que tinha lido nos artigos de fundo republicanos, e revirando os olhos como os martyres que confiam n'uma força superior; comprou decerto o retrato do sr. Magalhães Lima, e pendurou o á cabeceira do seu catre como um registro de bemaventurado; acreditou a esmo em todas as calumnias da propaganda demagogica; e muitas vezes havia de chegar tarde á sua fabrica, estonteado peles noites de botequim, com uma irritação de opprimido pela — «*tyrannia do capital*» —, vagamente nostalgico d'esse paiz de chymeras que é a patria de todos os tantalisados.

Fez-se livre pensador, votou se gratuitamente ao desanimo de não esperar nada além de uma vida dolorosa, amputou-se a si proprio o coração, o sentimento que doira as realidades, as crenças que salvam de morrer como um condemnado, com um grito de desespero contra a impotencia humana, e com a raiva de uma blasphemia contra o infinito; — e tudo isso porque se deu o brio artificial de acreditar sob palavra o sr. Theophilo Braga, que demonstra — «*por A mais B*» — que Deus não existe, que só a materia vive, e que a vida futura é uma *blague* dos parochos das freguezias. Entretanto, homens de sciencia gastam-se a estudar, revolvem as civilisações extinctas, interrogam o desconhecido, — duvidam, duvidam sempre; — e morrem emfim, continuando a duvidar, balouçados entre a affirmação e a negativa, mas ainda impregnados de uma esperança a que se soccorrem para transpor socegadamente a eternidade.

VIII

PRAZERES DO INVERNO

Nunca na minha vida me encontrei tão estupido como hoje, em face do papel branco que seria preciso ennegrecer. Os vidros da minha janella, toldados pela chuva que uma aspera ventania toca da barra, mal deixam lobrigar a *silhouette* tortuosa da egreja da Graça, e, mesmo fronteiro, o esboço denticulado e negro do castello de S. Jorge, em que os bastiões e as ameias, ennegrecidas pelo tempo, simelham a dentadura podre de algum phantastico animalejo do Apocalypse, alli agachado desde seculos. O murmurio do vento anima-se de plangencias tristes, vaga o frio no ambiente baixo d'este dia de inverno. Vi ha pouco, embrulhada no seu capote, com as mãos enfiadas nas mangas e a espingarda ao hombro, a sentinella do terrapleno da Graça, guardando melancolicamente a construcçãosinha atarracada do paiol, que alveja mesmo debaixo da minha janella; e a enfiada das janellas do quartel, devastadas ainda do incendio, olharam para mim com um ar simultaneamente mau e afflictivo, como olhos sem palpebras, atravez dos quaes se via o fundo

baixo do ceu acinzentado. Todo este scenario me poz em hostilidade com o mundo, a vêl-o em negro, doente como eu, pezado e constipado como eu, soffrendo do mesmo *coryza* que me enche de chumbo o craneo. E mal tenho energia para me indignar contra estes nossos invernos de Lisboa, tão estupidos, tão indignos de um inverno que se preza...

Em Pariz, ao menos, a estação por excellencia, — a *season*, como lhe chamam além da Mancha, — é o inverno. Mas não se vá por isto imaginar que, n'esta epocha, Pariz seja a Terra de Promissão, docemente tepida, aonde tordos assados chovem do ceu com bategas de *champagne frappé*, marca Jules Mumm, e aonde frescas brisas primaveraes murmuram á flor das campinas verdejantes, mesmo em pleno janeiro, como nos classicos jardins da Arcadia, povoados de pastorinhas meigas e de cordeirinhos alvos. Pelo contrario, a *season* pariziense costuma ser aspera, cortada de nevões que chegam a impedir o transito, congelada como um sorvete de leite; e é justamente esse rigor siberiano, desconhecido em Lisboa, mas que eu bem conheço, o que dá um prodigioso encanto ao inverno de Pariz, justificando as maravilhas do conforto moderno e o desabrochar phantastico do luxo, no frio do ambiente e na concentração sombria da paizagem.

Assim, eu desafio quem quer que seja a que me cite mais linda coisa do que um espectaculo de Opera, por este tempo calamitoso. A frontaria imponente do edificio empallidece na noite, com as linhas magestosas da sua cantaria, encimadas pelos Genios collossaes de bronze doirado, que parecem bater para o infinito as suas azas de oiro, a que a scintillação das estrellas arranca faúlas esverdeadas. Entretanto, a base do monumento afoga-se em ondas de luz; e só a parte superior, gradualmente escurentada, immerge na sombra a sua architectura vaga, — vaga áquella hora nocturna, — como um sonho de cyclopes monstruosos. Ao mesmo tempo,

debaixo do perystillo, vão estacando enormes *landaus* cobertos, cujos cristaes coalham á superficie o habito do interior, em finissimas cristallisações; e apeiam-se mulheres completamente envolvidas em brancuras macias de *sorties de bal*, que mal deixam ver a negrura de um olhar alargado a *kohl* e uma ponta recurva de sapatinho de baile, deliciosamente elastico. A escadaria, monumental, sobe com uma amplidão de templo, adornada de plantas ornamentaes, cujas largas folhas pardas e pelludas se abrem como corações recortados, com estrias vinolentas e orlas de um carmim lubrico, á maneira de reproducções botanicas de um sexo. De espaço a espaço, pendendo na extremidade de cordões immensos que se somem na nave, ha lustres phantasticos em florescencias de cristal e cobre, espicaçado de lumes. Os *huissiers* encasacados, solemnes, com os seus longos collares de prata pendendo-lhes até ao ventre, perfilam se gravemente nos seus postos, em attitudes sabias, como accessorios integrantes do edificio. E é por entre todos estes esplendores que as maravilhosas *toilettes* de theatro passam, subindo a larga escadaria com solemnidade aristocratica, como no exercicio de uma religião.

Quando tem nevado muito, e o chão, inteiramente branco, dilata em alvuras uniformes, que fatigam como uma paysagem russa, — vê se ás vezes desfilar no *boulevard*, a toda a brida de seis cavallos do Don, um *traineau* que parece evaporar-se de momento a momento na distancia anilada, junctamente com a guizalhada argentina das parelhas, com os agazalhos de pelles preciosas, com o perfil encolhido do *mujick*, que enrosca a pita do seu chicote por cima da cabeça dos trotadores, em sinuosidades de serpente que se estorce. Quazi sempre é algum principe russo que vae passear para o *Bois*, n'aquella soberba equipagem que lhe recorda as longas viagens do seu paiz, atravez das *steppes* desertas em que apenas emerje da neve, lá de longe em longe,

algum pinheiro de ramaria symetricamente desdobrada em leque de agulhas verde-negras; e é originalissimo o effeito d'esses vehiculos exoticos, sem rodas, com os seus chapins de aço polido abrindo esteira na neve, emquanto que as patas dos cavallos alevantam em torno uma poeira branca de geada.

Mais um atractivo de estação: — os bailes, as recepções em grande pompa, os grandes jantares. Pois sim! venham cá os senhores moralistas, de mãos pudicamente sobre os olhos, — mas com os dedos abertos, — falar mal dos hombros nús, do sybaritismo da meza, das sensualidades corrompidas que se escondem nas pregas das *toilettes* caras! Eu gosto muito menos da moral, — como prato de meio, — que das truffas do Périgord; acho uma perna de faisão com dois dedos de *borgonha*, mais saborosa que o caldo negro de Esparta; e, lá porque se está em territorio de republica, não julgo que se devia ir até ao ponto de aborrecer o cosinheiro do sr. Julio Ferry, esse cosinheiro-artista que ganha ordenados de ministro de Estado a temperar molhos para os jantares diplomaticos. De resto todo o mundo faz justiça a esse personagem, que já a estas horas podia muito muito bem ter deitado as instituições a perder, estragando o estomago ao principe de Hohenlohe, a lord Lyons, ao sr. Andrade Corvo, a todos os embaixadores creditados junto á Republica franceza. Não o duvidem: — uma dyspepsia d'estes personagens seria inevitavelmente uma colligação europeia contra a França.

O inverno! o inverno! Como é agradavel, n'um grande salão bem conchegado, branco e oiro, de pesados reposteiros e cortinados ornados de rendas, illuminação em luas de crystal fosco com pequeninas estrellas lapidadas, passar meia hora n'um bom *fauteuil* raso, de setim vermelho acolchoado, defronte do fogão, que abre um retabulo de chammas ao nivel do pavimento, — dizendo banalidades! Formam-se grupos. Ao pé de uma janella, trez su-

jeitos de physionomias e olhares vazios, largas frontes, concordam em designar uma pequena duração ao gabinete Ferry. Chegadinhos uns aos outros, quatro rapazes da melhor sociedade, cheios de vida, mas já batidos na escola da experiencia, com um começo de septicismo a transpirar-lhe na face correcta, falam a meia voz da Mauri e de Sangalli, do novo bailado que a Opera vae pôr em scena, dos milhares de francos que custou o ultimo *pur-sang* do senhor Ephrussi. O elemento feminino, esse concentra-se á volta do fogão, em adoraveis attitudes ennoveladas de gatinhos friorentos, n'um isolamento que o utilitarismo da epocha tende a tornar cada vez mais pronunciado, n'um esquecimento progressivo das velhas praticas de sala, em que as casacas pretas se misturavam o mais possivel com os setins e com as rendas. Porque o palacianismo perde-se, não ha que duvidar: e só o exercem ainda hoje alguns d'esses velhos gentishomens refractarios a esta éra de angustia, para seguirem na tradição do seu tempo e dos seus habitos.

O inverno! acaso será o inverno, isto que para ahi temos hoje, arrastando-se melancolicamente ao longo da atmosphera turva? Acaba de parar a chuva, restam lagrimas d'ella nos vidros da minha janella, entorpece me o aspecto atonico da paizagem, creio que o meu espirito andou a vagabundear por longe, um pouco sem tom nem som; e o que me domina sobretudo, é um grande tedio e um grande somno, a paralysia lenta e como que ebria de toda a acção e de toda a vontade...

IX

FIM DO ANNO — O ANNO QUE NOS VISITA — AS MUDANÇAS EM LISBOA

Anno de mil oitocentos e oitenta e quatro! anno de desgraças, de miserias, de lutos e de vergonhas! Vae-te, envelhecido e envilecido, para as escuras profundesas dos tempos idos, como um inutil que foste, apezar de teres tido um dia a mais que os outros, para fazeres o bem. Nasceste a uma terça-feira: — dir-se-ia que o acaso quizera marcar-te na fronte com um estygma de mau agoiro. Abdicaste a uma quarta-feira: — ainda ahi o acaso pareceu querer justificar-se, fazendo-te morrer no dia feliz dos velhos Romanos do Lacio. Miseravel, lutuoso, abandalhado, — que as maldições do mundo inteiro te acompanhem com o seu côro, o côro clamoroso das victimas. Tomando um contrapeso de vinte e quatro horas ao infinito dos tempos, poude julgar-se que raiavas como uma aurora doce de esperança n'este final angustioso de seculo, cheio da boa vontade soffrega de fazeres a felicidade no teu caminho, que então seria um carreiro idyllico de flôres e de sol; e foi pelo contrario um excesso de horas com que te muniste para satisfazeres os teus

appetites de sangue, — ó facinora immundo, besta-féra insaciavel, — scelerado da peor especie que jámais a Providencia abortou!...

*

O chronista espera que lhe será perdoada esta imprecação contra um morto, que se não pode defender. E' um rancor pessoal, tolhido até hoje pelo terror do desconhecido, por esse terror sagrado das coisas invisiveis, que nos podem ferir pelas costas, sem uma esperança de desforra. A esta hora, é emfim chegado o momento do repto consagrado nos velhos melodramas: — «*Agora nós!*» — Mil oitocentos e oitenta e quatro, exangue como as suas victimas, livido da sua morte, e quem sabe se tambem do horror dos seus maleficios, jaz inanimado e frio no seu esquife, não mais poderá erguer-se para ferir como feriu. Oh! nos mortos é que é bater! Elle viveu os seus trezentos e sessenta e seis dias no Mal, com os pés em lama, o olhar encarniçado e torvo dos assassinos, regalando-se no sabor insipido e quente do sangue, impassivel como Moloch, — essa divindade fatidica dos Carthaginezes, — grandioso de malvadez epica, como alguma d'essas formidaveis creações das lendas funebres da Edade Media. Viveu para fazer em torno de si a desolação. E até o estertor da sua agonia, os ultimos estremecimentos dos seus ultimos dias, nas longas noites cuja escuridade é um desespero a maior no desespero infinito de morrer, foram ainda a morte, a morte em larga escala, as hecatombes á traição pela calada da noite, a ruina cahotica dos povoados, o clamor de populações inteiras, esmagadas sob os escombros dos seus proprios tectos, a peste e a guerra, o ranger feroz dos seus dentes communicando ás proprias entranhas do globo o fremito dos seus derradeiros paroxismos, abalando raivosamente as montanhas e as campinas, — os

membros nodosos e o ventre uberrimo da Terra, da Terra-Mãe, carinhosa e boa, luminosa de sol, humida e fresca com as suas grandes aguas e com as suas verduras sorridentes.

Assim é que mil oitocentos e oitenta e cinco, ao assomar na sua primeira madrugada por detraz das serranias, elevou no horisonte a hostia d'oiro do seu primeiro sol, como uma promessa de redempção cunhada no proprio ceu com o proprio sello do bom Deus. Ah! não, já não era sem tempo que elle alvorecesse! O anno morto não deixára saudades a ninguem: — fôra impio e mau, immoral e traiçoeiro, peçonhento e vil, venenoso como o tortulho dos Tempos. A partir da ultima badalada da meia-noite, como que se fizera uma immensa paz no mundo todo; e assim como as primeiras claridades da manhã dissipam os phantasmas, aquella badalada ultima quebrára emfim o pezadello d'aquelle longo anno, — mais longo que os outros, — arrastadiço e suffocante, como um reptil e como um miasma. N'esse momento preciso da transição para o anno novo, foi como se uma canção d'allivio cantasse no fundo de todos os peitos oppressos: — «*Anno bom! anno bom! anno bom!...*» — Sim, Anno Bom! Anno Bom, o que vinha lá das profundesas doiradas do Oriente, apenas a seis horas de distancia, rutilante e quente como um sol, principiando a alastrar no horisonte sobranceiro a nodoasinha vaga de leite das suas primeiras claridades! Sim, Anno Bom! E nunca estas duas palavras consagradas foram tão justas, ao cabo do ultimo dia de um anno que tinha sido até aos seus ultimos alentos o Anno da desgraça, o anno da fome e da peste, o anno da miseria e do luto, — o Anno Mau, emfim!

*

Anno de mil oitocentos e oitenta e cinco! anno de esperança, nascido á luz e ao sol, bemvindo se-

jas tu! Bom dia, anno de mil oitocentos e oitenta e cinco! Tu acabas de ver como o teu antecessor morre, amaldiçoado, vilipendiado, posto fóra dos tempos ao cabo de um reinado de charlatão sinistro. Elle entra na Historia, — com honras de tyranno e famas de bandido; — mas entra lá pela porta falsa, arrastado atravez da lama que fez e do sangue que derramou, com uma corda ao pescoço. Tu entras na vida, com a fronte em sol, abençoado desde o berço e desde o proprio ventre da eternidade. Deus seja comtigo, anno de mil oitocentos e oitenta e cinco! Sejam comtigo todas as potestades boas, Deus ou Jehovah, Buddha ou Zeus, Wishnú ou Brahma! Que a tua velhice precoce, ao cabo dos teus trezentos e sessenta e cinco dias. possa ser honrada pelas populações. festejada com flores, e abençoada como hoje o é a tua infancia. Bom dia, meu amigo, bom dia!...

*

Não houve acontecimentos esta semana. Terá pois de não ser feita a Chronica, á falta de assumpto? Mas os assumptos, como toda a gente sabe, quando os não ha, fazem-se; fazem se por um processo analogo áquelle que transforma em enormes globos vermelhos umas tristes pelliculas de borracha, — assoprando as. Comtudo, seria necessario ter bons pulmões para arvorar em assumptos os pequeninos casos da vida lisboeta durante a semana que vae a findar. E' verdade que houve as mudanças. São as mudanças, no fim de cada semestre, as coisas mais curiosas e mais pittorescas de Lisboa, onde duas vezes por anno muita gente se occupa exclusivamente em visitar todas as casas que teem escriptos, tentando surprehender em flagrante os interiores que o pudor domestico vela com um recato nunca desmentido: — assiste-se assim a scenas extraordinariamente patuscas, que ninguem po-

deria suspeitar cá fóra, nas apparencias enganadoras da rua, e passa-se uma revista agradabilissima de coisas attrahentes como o peccado. Depois, em fins de junho e fins de dezembro, um exercito de moços de fretes bate as calçadas com o seu passo retumbante em voltas e reviravoltas emmaranhadas, transportando enormes caranguejolas de moveis coxos, pondo a descoberto ignorados detalhes. E' então que a critica lisbonense se põe á cóca n'uma esquina, vendo então interminavelmente passar macas cheias de colxões, carroças atulhadas de catres de ferro, desarmados, em que a pintura estralejada denuncía toda uma devastação exercida pelo uso. E a moderna curiosidade doentia das coisas intimas sente se afoguear de um goso occulto, concentrado como um ambiente d'alcova suspeita, em ver vascolejarem-se botinas estreitas de mulher no fundo de uma tina de lata, e uma armação de leito escancarar impudicamente os seus flancos ao olhar devasso das turbas.

Lembrar-me-ha sempre o *déménagement* gigantesco a que um dia assisti, quando o senhor marquez de Vallada sahiu do seu palacio a S. Roque para dar logar á nova installação do DIARIO ILLUSTRADO. E' uma casa enorme, d'essas que as grandes familias d'outr'ora construiam sobre alicerces de fortaleza, como para abrigar os seus membros até ao fim das gerações. Pavimentos de carvalho do Norte, paredes grossas como muralhas, abobadas, salões em cujo recinto poderia muito bem construir-se uma casa moderna com dois andares, escadarias de marmore, corredores por todos os lados, portadas de madeira do Brazil. O portão da entrada, encimado por um brazão heraldico, dá para um vestibulo calcetado, uma verdadeira praça em que as carruagens podem manobrar á vontade. Eram as cocheiras á direita, — onde estão hoje as machinas. A' esquerda tinha o senhor marquez a sua livraria, riquissima, e um piano de manivella. Um piano de

manivella! Toda a gente conhece o sr. Marquez de Vallada, e comprehende o extraordinario desenvolvimento da sua bibliotheca; mas isso mesmo torna difficil de explicar a existencia d'aquelle piano de manivella, burguez e ridiculo, alli ao rez do chão, na visinhança grave dos velhos alfarrabios sobre economia politica, que pejam as estantes do illustre par, e mesmo na passagem dos malandrins tresnoitados do Bairro Alto.

Aquelle piano seria, como a lyra de Orpheu attrahindo a amorosa Eurydice, o instrumento com que o senhor marquez chamava a tranquilidade ao seu espirito fatigado pelo estudo?...

*

Na cocheira, estive seguramente um quarto de hora, a examinar as carruagens. Uma d'ellas, vermelho e oiro, cheia de velludo e franjas, é o coche de gala que tanto contribuiu para crear uma lenda em volta do nome do senhor marquez. Essa berlinda, envidraçada como uma enorme caixa d'amendoas, montada sobre as suas quatro rodas, fulgurante, luxuosa, tem feito o espanto de quantos provincianos visitam Lisboa em occasiões de grandes solemnidades officiaes; e tanto o aspecto d'uma ostentação archeologica impressionou o indigena, que hoje não ha separar a ideia do senhor marquez da ideia do seu coche de gala. Ao lado d'essa berlinda lendaria, outro coche, mais severo, com ornamentações de prata macissa, que pertenceu ao conde de Farrobo, e que ainda tinha as suas armas. Fôra construido em Inglaterra. Apenas o actual possuidor lhe mandára pintar um — «*M. V.*» — com a coroa de marquez por cima. O seu luxo era quasi grave, britannico; — mas parece que o senhor marquez não gostava de sahir n'elle.

Guiava-me na minha excursão um creado do illustre fidalgo, bem falante, serio e digno, de cara

cuidadosamente rapada e voz de barytono, lembrando vagamente esses ephebos de que fala Tacito, aformoseados e perfumados para o banho devasso dos Cezares. Quando falava de seu amo, dizia sempre: — «*O senhor marquez isto... o senhor marquez aquillo... Sua excellencia fez... sua excellencia aconteceu...*» — E detalhava as syllabas, bochechudo: — «*O se-nhor... su-a ex-cel-len-ci-a...* — Bom creado! magnifico creado!

Elle tinha umas certas intuições de grande vida palaciana, umas certas noções de subtilezas luxuosas, artisticas. Explicava os lustres: — isto era cristal de Bohemia, limpido e achromatico como grandes gottas d'agua subitamente congelada, — aquillo era velho *Sèvres,* delgadinho como casca de cebola e pinturilado com uma delicadeza oriental, — aquillo era velho *Saxe*, pasta tenra. E lamentou que já tivessem levado na vespera um serviço esplendido de porcelana da India, magestoso, para quinhentas pessoas, — uma verdadeira maravilha. No tom do *cicerone* passava um fremito de respeito, á citação d'aquelles pormenores gloriosos d'uma opulencia principesca.

*

Mas isto era já depois do praso ordinario das mudanças, as carroças tinham transportado quasi tudo para a nova residencia do senhor marquez. Subi ao andar nobre; e no ultimo salão, no salão mais recatado do palacio por entre a installação do Diario Illustrado que principiava, fui topar com o ultimo vestigio da estada do digno par: — duas caixas cubicas approximadamente de um metro de face, com o lado da frente formado por um vidro inteiriço. O crepusculo do salão, cujas janellas estavam um pouco cerradas, não deixava distinguir dentro das caixas senão umas coisas informes, em que reluziam lentejoulas. Affirmei-me, assestei o monoculo sobre aquillo, — nada! Que seria?

Atravessei o largo aposento, abri uma janella, voltei para traz, olhei Oh! nunca os meus olhos, habituados ás miserias da vida e á repulsão da morte, bateram em tão enjoativo espectaculo: — encontrava-me em face de dois pequeninos cadaveres, duas mumias contorcidas, deformadas, com os joelhos encolhidos e os braços pendentes, vestidas de seda, constelladas de galões de prata com attributos catholicos. Uma d'ellas voltava para mim a sua face terrea, ennevoada de gaze, e como que me estendia a mão, de que já não existiam senão as phalanges descarnadas, sustidas por um saquinho de renda. *Shocking!*... Recuei apoz um torpor gelido de dois minutos, com o estomago ás ancias, revolto até ás profundidades do ventre. Fui de corrida beber um copo d'agua; e pareceu-me que ella se me pegava ás goellas, como uma gordura gelatinosa e fria de defunto.

Mas as duas mumias pompeavam cada uma seu distico, em latim, a um canto da caixa envidraçada; e, antes de fugir, os seus dizeres tinham-se podido cravar na minha memoria, vivos como um horror. Em uma das caixas lia-se: — «*Puer Theodorus*» —; na outra: — «*Puer Gaudentius.*» — Eram o menino Theodoro e o menino Gaudencio: — dois eleitos, dois canonisados, dois santos!...

X

O CONDE DE PORTO COVO DA BANDEIRA

Estamos na era d'angústia em que os — «*factos consummados*» — commandam, e subjugam a velha comprehensão semi-poetica do direito, — d'esse direito que sob diversas fórmas, — a fórma do Bello, a fórma do Bem, a fórma da Justiça, a fórma do patriotismo e da abnegação, a fórma da verdade e do amor, — erguia a cada canto uma infinidade de poemas reaes, em que eram protagonistas Miguel Angelo, S. Martinho de Tours, Catão, Codro, Carlos Quinto, Alcibiades, Heloisa, — santos, martyres e heroes.

O utilitarismo da epocha, esse temoroso *struggle for life* em que é effectivamente reprobo o vencido, e não menos effectivamente eleito o vencedor, levantou ao oiro um templo, mais inabalavel do que esse que os Moabitas biblicos levantaram a Baal. Todos se prostram ante essa potencia do seculo. O oiro é Deus.

*

O conde de Porto Covo da Bandeira, quarenta vezes millionario, era o Capital, omnipotente como

o Jehovah da mythologia mosaica; era o dinheiro, tão forte como um deus e mais forte que um principio; era a realeza moderna, — a sciencia, a virtude, a glória, a consideração pública. Possuidor d'uma fortuna cujo rendimento lhe assegurava quinhentas libras para o custeio de cada um dos seus dias, elle era tudo, — e muito mais. Entretanto, a sua vida passou-se dentro d'uma lamentavel enfermidade, — o receio de vir a ter fome. Dava-lhe terriveis cuidados o futuro, o pão da velhice. Com effeito, um homem que para cada uma das suas refeições podia dar-se o capricho de mandar vir directamente da China, a todo o vapor de paquetes diarios, um prato de ninhos d'andorinha preparado pelo proprio cosinheiro do Filho do Sol, devia ter n'um alto grau a inquietação absorvente da sua subsistencia. E assim atormentado, entregue á cogitação turva das economias, o conde de Porto Covo foi simplesmente um inutil a quem a vida correu pardacenta, tão desageitado que nem sequer soube dispor a sua morte para que ella fosse um abalo na vida dos outros, como quando um colosso desaba na noite silenciosa d'uma cidade immersa em somno.

*

O conde de Porto Covo não era um avarento; pelo menos, não era o avarento classico que se refocilla n'uma miseria sordida, e que empallidece as suas noites sobre o oiro, fechado a sete chaves, estremecendo de terror ao minimo d'esses rumores nocturnos que correm nos madeiramentos carunchosos. Não tinha a economia adunca, — de resto incompativel com o movimento financeiro da epocha, em que as instituições de crédito acabaram pelo papel com o sabor estranho do oiro e com a retenção da moeda para goso intimo do argentario. Ha dois ou trez seculos, elle teria sido Harpagão.

Hoje, era simplesmente um enfermo d'espirito, cujas aberrações estavam classificadas n'um escaninho da medicina alienista, e cujas apprehensões acaso deveriam ser tractadas pelo *douche*.

*

Apouquentava-o sinceramente e realmente a ideia d'empobrecer, e tanto bastou para lhe tolher todos os intentos que seriam faceis á sua enorme riqueza. Com dezeseis mil contos, n'este paiz, um homem tem obrigação de ser, pelo menos, — monarcha. O conde de Porto Covo tinha direitos a um throno ou dois. Podia viver n'um fausto de nababo, ter exercitos de creados de calção e meia, viajar com comitivas régias, possuir no seu palacio uma escadaria de prata massiça, como o marquez de Westminster, — ou formar uma galeria de quadros que lhe custasse milhões, — como Vanderbilt. Com oitocentos contos de renda, quando mais não seja, um simples mortal deve tomar as suas medidas por modo que passe a immortal, e deve empapelar-se em *bank-notes* de fórma que a poeira dos seculos o não incruste. Quarenta milhões são o bastante para dar todas as satisfações e todos os contentamentos: — no appetite do podêr, elles representam quarenta mil consciencias, umas por outras; no desejo do amor, significam a virtude de quatrocentas mulheres formosas; na ambição da glória, constituem o direito indiscutivel a uma completa cocheira de carros triumphaes. E entretanto, o fallecido millionario partiu chatamente d'esta vida em que apenas tinha sido bacharel, como um terço dos seus compatriotas, e conde, como toda a gente. Acaso na hora suprema elle cogitou, gravemente, o desperdicio do unico baile que dera na sua vida, dois mezes antes de morrer; e se surprehendeu a pensar em quanta falta lhe fariam para o futuro aquellas sommas, quando a necessidade viesse bater á porta da sua velhice

apenas protegida por um triste peculio de dezeseis mil contos.

Mal se concebe que possa morrer, sem que a sua morte communique um longo estremecimento á sua sociedade, um homem cujos haveres se cifravam em tamanho capital. E todavia, o conde de Porto Covo finou-se no meio da indifferença pública, insignificante como um simples proletario. Os negocios não se commoveram, o proprio interesse curioso do mundo não deu accordo de similhante desapparecimento. Ficou tudo como d'antes: e assim aquelle homem rico passou á morte como todos os bachareis que não teem sido millionarios, e como todos os millionarios que teem sido inuteis.

XI

JACOB BRIGHT E O MAJOR QUILLINAM

Em Londres, na camara dos Communs, *sir* Jacob Bright declarou ultimamente que Portugal era um paiz em bancarrota de finanças e de moralidade. Poude avaliar-se, pelos extractos parlamentares do *Daily-News*, que o illustre deputado por Manchester proferira aquella sentença do intimo d'alma, com um bello rancor todo britannico. Soube-se ao mesmo tempo, muito positivamente, que d'aquelles labios inglezes tinham caido solemnes essas palavras duras, no meio d'um silencio d'approvação geral. O presidente ficára-se immovel e mudo; os ministros tinham-se conservado impassiveis nas suas cadeiras; os duzentos ou trezentos deputados da Inglaterra, com os seus chapeus orgulhosamente enfiados até ao cachaço, haviam continuado tranquillamente a fazer a digestão do almoço e do *Times;* os proprios continuos, de cadeias de prata ao pescoço, tinham parecido jubilar com as palavras do orador; e n'esse concurso de consciencias unanimes em prestar homenagem á justiça n'uma sentença severa, poderia suppor-se que até as abobadas do velho Westminster, sonoras e negras,

estavam ali para cobrir o juiz com a consciencia inanimada das suas pedras, com a pompa das suas torres gothicas, com a grandiosidade dos seus olhos d'ogiva que tinham visto o desfilar d'uns poucos de seculos.

Sir Jacob Bright fôra apenas no parlamento inglez, o interprete dos sentimentos inglezes. Todo o bom subdito de Sua Graciosa Magestade, com effeito, detesta o resto do mundo, em geral, e os seus alliados da Peninsula, em especial. A soberba nacional, porém, — esse sentimento complexo que se exprime na palavra *cant*, — não costuma deixar transparecer o seu exclusivismo odiento por fórma tão clara e sobretudo tão official. D'ordinario, o inglez é reservado, tem uma aversão toda prudente ás palavras inuteis, prefere esperar o ensejo d'alcançar seguramente os seus fins. Não tem o prazer meridional do desabafo; a sua impassibilidade de raça chega mesmo a ficar-se sem a menor perturbação perante um interesse proprio ou uma offensa alheia, á espreita do instante em que poderá satisfazer-se ou vingar-se. E assim, dado que um excesso de linguagem é sempre uma questão de temperamento, somos forçados a presumir que *sir* Jacob Bright, na occasião em que se esqueceu da gravidade britannica e do formalismo parlamentar, estava simplesmente — bebedo.

*

Faltam-nos elementos para definir quem seja, ao certo, *sir* Jacob Bright. Este illustre representante de Manchester que se chama Jacob, como o patriarcha biblico, e Bright, como a terça parte pelo menos dos subditos inglezes, faz parte da camara dos Communs, como todo o inglez que pode appoiar a sua candidatura n'uma certa somma de guinéos. E' um Commum — inteiramente commum. A sua intelligencia, tanto quanto podêmos medil-a,

está longe de ser um assombro; *sir* Jacob Bright não é precisamente uma aguia. Falta-lhe mesmo uma certa elasticidade d'espirito, porque emfim, elle podia muito bem ter exprimido a sua opinião com energia ainda mais sangrenta, sem transpor os limites d'uma cortezia irreprehensivel. O seu nome era até aqui perfeitamente ignorado. Mr. Bright teria continuado a ser o que fôra sempre,— um simples Commum, — se acaso lhe não tivesse um dia assoprado a reputação um pequenino escandalo parlamentar.

Quanto ao resto da sua personalidade, temos de classificar Mr. Bright na immensa maioria dos seus concidadãos, tanto melhor que o genio da raça admitte bem poucas variantes. O deputado por Manchester usará suissas ruivas, será doido por *sandwichs* com chá preto e *Times* ao almoço, e por bifes em sangue com *pale ale* e *Times* ao jantar, terá o *spleen* e o *Times*, será membro d'uma sociedade de temperança e assignante do *Times*, morrerá conscienciosamente de tedio ao domingo, e emfim, como todo o bom inglez, terá globulos de carvão de pedra no sangue, possuirá em vez de craneo uma fôrma de pudim, e a sua massa encephalica será puramente massa de batata em môlho de manteiga de Cork.

N'estas condições organicas que são peculiares ao paiz de John Bull, e em que a cabeça d'um homem tanto pode ser a séde do systema nervoso como um prato de meio, concebe-se que o *porter*, o *brandy*, o *wisky*, — certas bebidas capitosas, finalmente, — devam causar perturbações graves no exercicio do intellecto, e arrastar a linguagem a excessos de que mais tarde virá o arrependimento. Porventura *sir* Jacob Bright, membro d'alguma sociedade de temperança, tinha bebido além do rasoavel na manhã do dia em que proferiu o seu discurso. N'esse caso, não podêmos censurar que o presidente da Camara o não tivesse chamado á or-

dem: — apenas temos o direito d'estranhar que elle o não fizesse conduzir por dois continuos para fóra da sala, pudicamente, — ou que não mandasse lançar algumas gottas d'ammoniaco no classico copo d'agua do orador.

*

Entretanto, Portugal soffre n'este momento uma bella indignação patriotica a que chamaremos o seu *mal de Bright*, como a pathologia denomina a albuminúria. O mal de Bright, aqui, é o magnifico rancor que dedicâmos a *sir* Jacob, o desejo que teriamos de o reduzir, — pelo menos — a marmellada. Parece-nos, comtudo, que aquelle *honorable* occupa demasiadamente as nossas attenções. Elle é um Commum como personagem official, e um commum como homem d'espirito. Limitou-se a exprimir o seu sentimento de nacional perante as pretenções d'um estrangeiro e d'um alliado, — tão francamente como se tivesse já soado a hora do triumpho; — e n'este ponto, *sir* Jacob Bright faltou á prudencia proverbial com que o seu paiz costuma aguardar pacientemente o momento propicio ao assalto, sem denunciar as suas intenções. Mr. Bright conseguiu assim ser ao mesmo tempo impolido e impolitico; e collocou talvez em serios embaraços a precisão mathematica, — velhaca, infallivel, britannica, — de todo um longo plano nacional, — dando o alarme aos seus figadaes amigos da Peninsula.

*

O major Luiz Quillinan, addido á nossa legação em Londres, foi bastante irreverente da responsabilidade da sua situação official para devolver a *sir* Jacob Bright os insultos proferidos por este *gentleman*. N'uma carta que todos os jornaes portuguezes teem transcripto, Luiz Quillinan observou a Mr. Bright, cheio da mais fria polidez que pode

ter um diplomata e um homem de fino espirito, que o insultador é que deve ser considerado em bancarrota de todos os principios de cortezia; e levou a sua delicadeza generosa até ao ponto d'estender a Mr. Bright uma tabua para se salvar da sua falsa posição, prevenindo o de que se colloca ás suas ordens, mau grado a irresponsabilidade do aggressor.

Isto é bello, sem duvida; mas não poderá por modo algum dar-nos a unica desaffronta rasoavel a que teriamos direito. O sr. Quillinan, evidentemente, cedeu a um generoso impulso cavalheiresco da sua origem irlandeza, e deixou-se inconscientemente levar do odio tradicional da sua raça ao conquistador inglez. Elle tem uma alma de cavalleiro e de feniano, vagos e apagados reflexos de paizagens da *verde Erin* no fundo das suas pupillas, a veneração hereditaria da flor symbolica do lotus,—que cresce por toda a parte á beira dos lagos da Irlanda, como o emblema sagrado e saudoso d'uma nacionalidade morta, — e todas as fatalidades psychologicas d'um homem cujos antepassados combateram sob o pendão d'um chefe de *clan*, couraçados de ferro até aos dentes, heroicos até ao martyrio e cheios de fé como apostolos. O desafio lançado pelo sr. Quillinan é ao mesmo tempo um desforço de portuguez e um regalo de feniano. Sem elle proprio o suspeitar, sua excellencia encontraria n'um duello com o seu adversario esse infinito prazer que as lendas da Polonia exprimem, quando contam os recontros nocturnos em que subditos do tzar cáem sob o ferro dos patriotas fanaticos. E' de crer, porém, que *sir* Jacob Bright se ache pouco disposto para martyr. Os cerebros de batata cosida não são dos mais proprios para este genero de cabeçadas.

*

Resta entretanto, no fundo do acto do nosso compatriota, um bello rasgo de cavalheirismo e de dignidade. Nós, infelizmente, não estamos dispostos á excitação d'um enthusiasmo que desmancharia a nossa impassibilidade chineza; limitâmo-nos a encarar aquelle homem,—que não é um decadente,—como poderiamos encarar um caso curioso de teratologia. O nosso sentimento é apenas um assombro de que ainda haja alguem com ingenuidades bastantes para ter pela ideia de—patria—a veneração franca d'um crente e a galhardia generosa d'um paladino.

XII

A QUESTÃO DA GOMMA

Ainda a esta hora o Chiado sente as ultimas vibrações d'uma questão que profundamente o agitou nos ultimos dias:—saber se um dos seus mais notaveis frequentadores, o sr. Abreu d'Oliveira, era com effeito o elegante que pareciam indicar os seus chapeus extravagantes, os seus sapatos gondolados, o córte audacioso dos seus pares de calças, o seu *cab*, o accento pariziense da sua pronuncia, as suas gravatas, o scepticismo *blasé* dos seus pontos de vista á porta do Baltresqui, o seu tranquillo aprumo em faltar com uma irreverencia de grande tom ás regras mais elementares da grammatica.

Sabia-se que sua excellencia abusava do pronome pessoal, como um indigena do *boulevard* dos Italianos; que se dava em marcha, atravez do desenho indiscreto das suas calças, uns effeitos de perna que só os gallos do doutor Van-der-Laan hoje em dia arriscam; e que estivera em Paris, que o seu nome figurára por elevadas sommas na carteira dos *bookmakers* de Longchamps, que ceára a horas estroinas no Bignon, que vivêra o *boulevard*,

emfim. Uma admiração fanatica rodeava sempre no Chiado, como é facil conceber, a pessoa entroncada e ruiva do sr. Abreu d'Oliveira, cujas falas traziam ainda uma ultima nota viva dos rumores de Paris, e cujas pupillas porventura ainda guardavam um reflexo,—apagado e vago,—d'essas magicas noites parisienses em que as lanternas dos *coupés* parecem pautar de luz a treva, e em que a fachada dos monumentos empallidece á beira das praças cheias d'animação, emtanto que todo um povo corre aos seus prazeres sob o gaz dos candelabros accesos. N'isto, porém, uma voz destacada exprimiu pouco mais ou menos n'estes termos o equivoco do Chiado:

— «O sr. Abreu d'Oliveira não é de fórma alguma um *gommoso!... Gommoso*, — é o sr. Jeronymo Collaço, apenas!» —

Fez-se um longo movimento d'assombro. Como! pois a gomma é a ultima palavra da elegancia, e o sr. Abreu d'Oliveira não era um *gommoso!...* Mas então, tinha o sr. Abreu d'Oliveira andado a enganar o Chiado!... E correu os espiritos uma duvida, — essa duvida angustiosa que caracterisa o seculo. Urgia tirar a limpo aquella questão: — Lisboa não podia estar á mercê d'uma triste elegancia cujas origens não fossem bem parisienses,—d'uma elegancia sem gomma. Era necessario que o sr. Oliveira desapparecesse como um intruso, ou irradiasse como um triumphador. O Chiado contemplaria.

*

Então sua excellencia deu-se um mal diabolico para consolidar a sua fama abalada. Sua excellencia ignorára até ahi, — exactamente como todo o Chiado e todo o homem de bom senso, — que o ser *gommoso* fosse ter na mais fina subtileza d'elegancia as qualidades complicadissimas de chefe de moda e de perfeito *gentleman*. De Pariz, comtudo, che-

gava a ultima fórmula do *dandysmo* n'aquella voz perturbadora que evangelisava a *gomma* como a quinta-essencia do luxo moderno, — n'aquella inesperada voz que proclamava á Casa Havaneza os merecimentos da fecula de batata na roupa branca dos leões de sala. E por esse motivo uma questão grave se ventilou, entre a voz que negava a gloria do sr. Abreu d'Oliveira, e o sr. Abreu d'Oliveira que por força queria ser um *gommoso.* Como que se poude assistir a este profundo dialogo, travado entre a Casa Havaneza e o *boulevard.*

— «Observo ao sr. Mariano Pina, — diria solemnemente o sr. Abreu d'Oliveira, — que me insulta pondo em dúvida que eu seja um *gommoso*, — o que ha de mais *gommoso* no mundo.» —

— «Sinto muito, — responderia de Pariz o sr. Pina, com a sua polidez fria de critico, — mas a minha consciencia impõe-me o dever de declarar que v. ex.ª está enganado. Em Portugal não ha senão um *gommoso:* o sr. Jeronymo Collaço.» —

— «Oh! o sr. Jeronymo Collaço não é capaz de ter mais gomma do que eu. Queira fazer-me a justiça de concordar em que eu tenho direitos áquelle neologismo, áquelle titulo de *gommoso*; vae n'isso toda a minha honra.» —

— «Não, jámais!» —

— «Então..., — e o tom de sua excellencia principiava a commover-se do terror d'aquella exauctoração; — então uma vez que se trata d'um neologismo cujo radical é perfeitamente classico, eu não ponho duvida em acceitar uma variante de desinencias. V. ex.ª permitte decerto que eu seja senão um *gommoso*, ao menos um *gommifero*...» —

— «Nem isso!» —

— «V. ex.ª é cruel... E, — um *gómmico?*...»

— «Jámais!» —

— «Meu Deus! esta provação é superior ás minhas forças! Sr. Marianno Pina! considere que deshonra os meus cabellos ruivos!...» —

— «Não, não reconheço nada!...»—

— «Pois bem! — diria emfim o sr. Abreu d'Oliveira, — apello para a sua generosidade: eu já me contento com ser simplesmente um *gommúdo*!— Mas sempre a voz do sr. Marianno Pina, atravez dos espaços, clamava implacavelmente o seu terrivel monosyllabo: — «*Não, não e não*!»

*

Apenas uma cousa esqueceu ao sr. Abreu d'Oliveira: — protestar que era, muito mais simplesmente e muito mais portuguezmente, — um engommado.

*

De resto que o sr. Abreu d'Oliveira se console. Sua excellencia não é um *gommeux*, e tanto melhar. O *Gommeux* é a ultima expressão da pelintrice na moda. O *gommeux* não tem por si a elegancia, nem o espirito, nem o menor dos predicados que fazem d'um homem um personagem.Elle vive ás mezas do *Café Américain* falando calão, contando aventuras reles de cortezãs inferiores, esbugalhando boçalmente os olhos á flor do seu perfil de gallinaceo, ostentando collarinhos e punhosphenomenaes, roendo castões de bengalas com o busto decadente tombado sobre o peito que diz toda uma vida de orgia animal e todo um receituario do doutor Ricord; — e a sua personalidade é o ridiculo vivo em que Grévin descalca as suas caricaturas da decadencia, em que Piérre Véron copia as suas satyras d'uma sociedade que aprodece, em que a arte sob todas as suas fórmas vae buscar, pallida de nojo, o typo d'uma mocidade que se desfaz em suores de mercurio e de cretinismo.

Limite o sr. Abreu d'Oliveira as suas ambições a ser o que até hoje tem sido, — *malgré tout*: — um rapaz valido, um rapaz intelligente, e um rapaz de coração.

XIII

O SOLDADO ANTONIO COELHO

Quem hontem pela manhã passava na rua dos Retrozeiros, poude presenciar o espectaculo pungentissimo de um condemnado que vinha do Li moeiro, escoltado por uma força de caçadores, e que teve novamente de ser recolhido á cadeia n'um trem, moribundo, mal conservando no talhe estropiado e na physionomia imbecilisada uma apparencia de gente. Esse condemnado teve a sua epocha de fama, — fama tragica que ainda hoje acorda um fremito de horror, se alguem acerta em pensar no nome de Antonio Coelho. E' verdade, era elle. Quantos annos ha que o tribunal o condemnou a ser fuzilado, e que uma absurda clemencia o tem feito apodrecer de corpo e de espirito nas casamatas de uma fortaleza?

A lei sentenciou-o a morrer; o rei, com um egoismo inconsciente e de boa-fé que só póde encontrar desculpa n'um sentimentalismo de educação catholica, sentenciou-o a viver. Não é clemencia isto; é apenas uma timidez de espirito penetrado por declamações romanticas, e um calculo inconsciente de fiel christão que trata de crear direitos a uma bene-

volencia posthuma, no ajuste de contas que a Biblia promette. Luiz Philippe, um dia, foi mais humano, — facilitando veneno a um condemnado na sua cellula.

Antonio Coelho já teria reclamado o cumprimento da lei, se o horror de uns poucos de annos de clausura, em condições da mais repugnante selvageria, o não tivesse reduzido a ser — uma coisa inerte, sem o menor lampejo de vida intellectual. Uma vez que ha codigo, — matem esse homem, ou antes, aniquilem essa coisa.

*

Este pequenino acontecimento de hontem, relatado em quasi todos os jornaes, passaria despercebido no decorrer da vida lisboeta, — em que os casos de policia abundam, em que os incidentes de capturas esfervilham, em que é vulgarissima a passagem de levas de presos, quasi sempre em grande numero, farroupilhas, esbandalhados, escoltados por agentes de segurança na proporção tranquillisadora de quatro para um; mas tinha, mau grado a sua vulgaridade, elementos para despertar a attenção: — acordava no espirito a lembrança dolorosa de um drama de sangue, que apaixonou a opinião publica no seu tempo, e de que ainda hoje, a espaços, faiscam commentarios no jornalismo, quando um echo da longinqua tragedia se exhala das casamatas da torre de S. Julião, — como esse grito de desespêro que as lendas sombrias da Edade Media põem na noite caliginosa, á volta das barbacans em que scintillam partasanas de sentinellas, entretanto que o vento geme nas florestas, e que a lua traça perspetivas phantasticas de bastiões na esplanada.

Da recusa de assignar a sentença que condemnou Antonio Coelho á morte, fez-se um titulo de sympathia para o monarcha. N'esse ponto, a minha maneira de vêr está definida ha muito. Certamente, ninguem pensaria em accusar o sr. D. Luiz de sen-

timentos sanguinarios; a sua perfeita candura em materia de amor do proximo, aliás, é natural n'estes tempos de costumes brandos, em que o aniquilamento de uma vida é questão muito seria, incompativel com as pusillanimidades moraes que teem invadido a sociedade atraz das desorganisações physicas da especie. Por outro lado, a influencia enervante da escola romantica e do sentimentalismo catholico, em todos os ramos da actividade intellectual, creou nas legislações o principio da pieguice, que tem o merito de se prestar á declamação abundante; inventou-se a grande palavra de — *«rehabilitação»* —, e combinou-se o systema penitenciario, que não é mais do que o monstruoso producto da ferocidade inconsciente e raciocinada, tal como o espirito humano pode exercel-a quando se tracta de dar uma lição aos tigres; e assentou-se, emfim, na creação de um principio a que se chamou — *«a inviolabilidade da vida»* —, principio que não é senão uma simulação philosophica atraz da qual palpita o terror religioso da vida futura.

Eis ahi porque o sr. D. Luiz não assigna a sentença de um condemnado á morte. Perante a sua consciencia de lymphatico, votada pelas fatalidades organicas ao *medo do desconhecido,* estabeleceu-se este absurdo: — que é preferivel ao desenlace terminante pelo pelotão de execução — o esphacelar lento e atroz de um espirito e de um corpo nos horrores das casamatas do Estado. Este genero de clemencia não é um sentimento: — é uma conta corrente com o ceu.

XIV

A QUESTÃO DOS SUICIDIOS

Não ha dia em que os jornaes de Lisboa não annunciem um suicidio. E' a doença predominante de Lisboa, n'este momento, como o já tem sido outras occasiões. Os philanthropos commovem-se, passam o seu tempo a meditar sobre o caso e a buscar um remedio para o mal. Nenhum se lhes depara, a não ser o velho remedio do silencio em toda a linha da imprensa; e esse, já experimentado, não deu, infelizmente, o minimo resultado sensivel. Afflije me sinceramente pensar de um modo bem diverso dos philanthropos; e é que tenho boas razões para isso...

Uns poucos de mezes durou a concordata celebrada entre os jornaes para se fazer silencio sobre os casos de suicidio. A' data d'esse convenio, o suicidio havia se tornado um verdadeiro mal epidemico; o funebre enthusiasmo que levava a população de Lisboa aos lodos do Tejo ou ao arsenico, em comitiva que raros dias vagos interrompiam, conduzira o jornalismo a pensar que vinha da publicidade o mal. Com effeito, os suicidios produziam-se ás revoadas; os noticiarios tinham sema-

nas inteiras em que não annunciavam outra coisa. Na melhor boa-fé, podia-se querer vêr n'aquelle phenomeno uma similhança com o lugubre *engouement* que precipitava os Carthaginezes no ventre-fornalha de Moloch,—o formidavel colosso aquecido ao rubro para o sacrificio humano que applacaria as iras dos deuses contra as legiões de Hamilcar, uma especie de contagio do martyrio.

E assim, a resolução collectiva do jornalismo lisboeta revestiu, —afóra o seu sentimentalismo,— todos os caracteres de decisão perfeitamente logica, em harmonia com o bom-senso e com as indicações da estatistica comparada. Só um ligeiro factor esqueceu tomar em consideração n'aquelle calculo:— é que merece realmente matar-se quem se mata por imitação. Estabelecido isto, a publicidade do jornalismo em materia de suicidios nunca poderia dar senão um resultado eminentemente humanitario, — impellindo ao suicidio os tolos. Seria uma obra meritoria tudo que em tal sentido se fizesse, estimulando-os, convencendo-os, ou mesmo espancando os.

*

Entretanto, o jornalismo não tinha talvez um direito bem assente a defraudar os leitores d'aquella ordem de informações. Sem duvida justificava-o ou desculpava-o, — o incentivo moral da sua determinação. Era uma questão de temperamento; a iniciativa devia ter partido de uma gazeta de bom coração, femininamente enternecida perante todas as miserias da condição humana, apta para se appropriar todas as piedades e todas as dores. Comtudo, pelo seu contracto tacito com o publico,— um contracto perfeitamente bilateral em que o leitor paga a sua assignatura e o jornal dá a sua *reportage*,—a imprensa faltava em parte á sua missão noticiosa, —justamente na parte que mais interessante era para o publico, porque lhe lisonjeava

as inclinações romanticas, o gosto inconsciente dos desastres e dos infortunios, esse gosto que leva os directores dos grandes jornaes estrangeiros a fazerem despezas exhorbitantes para organisar um vasto systema de informações em toda a parte onde ha um grande naufragio ou um grande incendio com muitas victimas.

Collocado entre um sentimentalismo e um dever, o jornalismo lisboeta optou decididamente, com magnanimidade,—pelo sentimentalismo. Elle via no seu silencio a salvação do proximo; não lhe passou sequer pela ideia que o seu silencio seria improductivo como remedio moral contra a monomania do suicidio. De resto, poderia sempre communicar este genero de obitos ao publico, attribuindo-os a desastres puramente incidentaes. E foi então que se viu, no noticiario indigena, alargar-se desmesuradamente a secção dos desastres:—eram pessoas que cahiam de quartos andares, por descuido, — pessoas que bebiam petroleo em vez de agua da *Companhia*, por descuido, — pessoas que despejavam *revolvers* no craneo, por descuido,— pessoas que escorregavam para o Tejo ou que se degollavam,—tudo por descuido. A *maladresse* estava na ordem do dia; morria-se a cada canto, com a inadvertencia phantastica de uma população que, subitamente, de um dia para o outro, tivesse perdido o instincto da conservação. E houve mesmo um jornal que adoptou, para dissimular as noticias de suicidio, este *cliché* estranho e conciso:—«*Morreu hontem o sr. F..., em consequencia de uma asneira.*» — Quantas, quantas curiosidades pararam meditativas em face d'aquella noticia, repetindo se todos os dias, em ar de *ritornello*, com a cogitação maliciosa do genero de asneira que seria necessario para assim determinar uma morte, tão indecorosa que até o noticiario lhe recusava as honras posthumas do estylo em funeral!...

*

Esses mezes de experiencia, entretanto, demonstraram que o silencio da imprensa não era efficaz contra o suicidio. Um exame do boletim demographico da população de Lisboa basta para se reconhecer que, durante esse praso de silencio, os suicidios foram em maior numero que d'antes. Por outro lado, o jornalismo, cançado de uma abstinencia tão longa, principiou a emancipar-se da concordata por uma fórma que não era destituida de originalidade:—inventando diariamente maravilhas de absurdo, para explicar com decencia os suicidios. No genero, o que de melhor se tem inventado é o caso de uma senhora que traz um *revolver* no seu *passe-partout*, que pede um copo de agua n'uma pharmacia, e que, ao tirar do *passe-partout* um lenço para enxugar a bocca, recebe tres tiros de *revolver* no peito. Transparece o desejo violento de submetter a concordata a esses *coups de canif* que são o terror dos contractos matrimoniaes e dos maridos. Pois bem: — acaso não haveria remedio melhor que o silencio contra os suicidios? Porventura não seria mais conveniente contal-os em todos os seus pormenores,—o que seria o cumprimento de um dever para com o publico,—mas contal-os em toda a sua verdade realista de miseria, de decadencia de uma raça, de motivos sordidos ou simplesmente grotescos,—o que seria uma obra de justiça, eminentemente digna e de resultados talvez mais harmonicos com a causa que moveu a imprensa á sua conspiração do silencio?

*

Como se vê, o chronista é bom principe:—não pede que se condemne á morte os suicidas, senão quando elles morrem. Mas ha os suicidas que vivem, e que mesmo,—segundo diria Calino, — fiça-

riam muito admirados se morressem. Poderia perdoar-se-lhes a morte; mas é uma perfeita injustiça, n'este meio em que a ironia nem sempre deixa de ser simplesmente troça, perdoar-se-lhes a vida. E era assim, jogando com o noticiario como com batatas cruas ou com corôas civicas de cascas de alhos, que o jornalismo deveria fazer um *charivari* ao infortunio ridiculo, no intuito de fazer recuar as pretensões dos martyres grotescos.

XV

ARTE E COMMERCIO ARTISTICO

Annuncia-se a proxima abertura de uma nova exposição de quadros, nas salas da redacção do *Commercio de Portugal*. Serão quadros antigos e modernos, portuguezes e estrangeiros. D'esta vez, portanto, é evidente que se não tracta sobretudo de uma manifestação artistica, mas principalmente de uma especulação commercial. E' mau, é pessimo, que se desmascarem assim ao publico as baterias, dando-lhe um pretexto ou uma razão para se afastar com indifferença do que deveria ser-lhe apresentado sob um aspecto de desinteresse. Não se justifica esta exposição agora annunciada, como se justificava a do grupo do *Leão*, nascida n'um momento em que ella significava um protesto digno e util contra o desleixo da arte official; d'esta vez o que se vae fazer é um simples negocio de telas, como se poderia fazer um rendoso commercio de pannos. E, para cumulo de desgraça, é justamente a Arte official, — segundo indiscrições bem fundadas,—que vae bater-se perante o publico n'aquella casa, para onde duas exposições consecutivas do grupo do *Leão* crearam uma corrente de curiosidade.

Isto é uma especie de torpeza, nem mais nem menos que a de um jornal desacreditado indo installar-se por surpreza nos escriptorios de um jornal bem acreditado, com a sua clientella de assignantes e de annunciantes bem fornecida; mas antes que ella se realise, pode uma serie de protestos da Critica matal-a no ovo, como se esborracha uma osga. A Arte official não tem nada que fazer ali,—se por acaso tem alguma coisa que fazer algures. Está exauctorada; o grupo do *Leão* é hoje o unico representante da Arte nacional, deitando no meio do convencionalismo historico das nossas academias o mais irreverente borrão que se podia imaginar. Elle começa por se declarar emancipado, no meio da pedagogia artistica que absorve todas as individualidades sob a disciplina de um pensamento normal, e acaba por se affirmar vivo, atrevido, procedendo sob um ponto de vista humano, em todo o percurso da escala de manifestações que o organismo e o meio comportam.

Vivia-se, com effeito, n'um regimen dietetico de telas muito aceadinhas em bellas molduras doiradas. Entre as quatro paredes-mestras d'essas molduras, sanctos com aureolas pompeavam as suas attitudes contemplativas, fitando de soslaio, com os olhos afogados em mysticismo, uma nesga do ceu em que rompia um leque de varetas luminosas,—e serpentes symbolicas rabeavam, com as suas fauces escancaradas suando a raiva de não poderem augmentar a população do Averno. Como que havia uma iniciação de seita para penetrar os humbraes d'esse genero de Arte. Uma vez lá dentro, o neophyto achava-se perdido no meio da disciplina geral; e tinha de se pôr tambem a encher grandes pedaços de tela com figuras radiantes de sanctos, —de sanctos que ora subiam ao ceu em carros de fogo, ora faziam digressões no espaço, de joelhos sobre blocos erraticos de nuvens.

O artista esbracejava em plena convenção, amar-

rado a uns principios senis. Nunca a vida circumdante, no que ella tem de impressivo e accidental, collaborou n'essas paginas gloriosas que os museus conservam, para assombro das edades futuras. Nadava-se no sonho da pintura sacra, na tradição da historia vista atravez de uns preconceitos ingenuos, na leria das paizagens pintadas de cór. Uma vasta campina de trigos maduros, loiros do ultimo sol que escorre á beira do horizonte, e ondulados pela aragem, fazia-se ali adeante, n'um terceiro andar da baixa. E assim, no aconchego regulamentado d'essa *factura* de cartorio, com entrada a horas fixas, sem sobresaltos, sem lucta, os quadros produzidos eram aceadinhos, correctos,—e faziam somno. Nem uma pincelada mais violenta que a outra; de maneira que as tintas distribuiam-se á flor da tela, com a mais louvavel egualdade, poupando-lhe limpamente a accidentação do granido; e os visitantes do domingo regalavam-se com o seu estranho aspecto de cordovão ou de encerado *craquelé*, que lhes lisonjeava os *tics* de aceio com que ao sahir de casa escovavam os cotovellos do casaco, e batiam o pó dos sapatos com o lenço.

*

Em nenhum paiz por tanto tempo se demorou a arte dentro do frio das academias, como n'este. Ella queria deixar-se morrer ao seu canto, no seu aborrecimento tropego, longe dos cuidados do mundo, que cá fóra vivia no oxigenio, na luz, na lucta; e já se preparava, com uma amplidão magistral, para fallecer envolta na sua toga, como esses Romanos austeros nas suas cadeiras curues,—quando alguns criticos revolucionarios se lembraram de lhe irritar o instincto,—atirando-lhe batatas cruas. Foi o rebate. A partir de então, adeus martyres interessantes, adeus *madonas* de cabellos de oiro, adeus bispos sempre com dois dedos estendi-

dos, em acção de abençoar Acabava-se a hora dos bellos Christos mortos, mortos de dois dias e de duas noites, e em cuja carne, todavia rosada, a vida nunca deixava de espalhar um fremito; e assomava o periodo humano do realismo, com todas as suas bellas incertezas, com todos os tacteamentos curiosissimos que acompanham a germinação das seivas novas. Era uma verdadeira renascença de bom-senso e de bom gosto.

*

Mas o peor é que não havia um cabeça de motim, um artista capaz de, pelo prestigio do seu talento, sustentar os arrojos dos timidos, e de, pela importancia adquirida, reunil-os á volta de uma bandeira dissidente. Fracas, muito fracas manifestações de avanço se produziam; e essas mesmas deixavam-se desanimadamente afogar por entre as telas dos *mestres*, depois de se terem dado á luz *por descargo* de consciencia. Assim, a vinda de Silva Porto e a sua admissão nas aulas da Academia determinaram um movimento de conversão decisivo no espirito dos novos, que a partir d'esse momento passavam a julgar se firmes no seu posto, apoiados por *alguem*, ali mesmo nas barbas da arte burocratica. Silva Porto, acompanhado da consagração dos *ateliers* parizienses e das escolas da Italia, trazia serenamente, como coisa que já não admittia contestação, a *maneira* larga dos mestres modernos, em que a *factura* tem um tanto d'essa apparente extravagancia que fez a gloria de Rembrandt. O pincel deixava de ser esse exquisito utensiliosinho que todos nós conhecemos a divagar pacatamente á flor das telas, applicando-se com uma paciencia toda chineza a traduzir exactamente as mesmas linhas dos detalhes; assumia quasi as proporções de uma varinha de condão, poderosa e creadora, fazendo, do fundo do quadro, rebentar arvores que o vento

enchia de uma *papillotage* de folhas, deslisar ribeiros que cantarolavam nos pedregulhos do leito, nascer espherulas de oiro nas laranjeiras e globulos de rubi nas cerejeiras, mover noras que chiavam na frescura primaveral dos campos, emquanto que homens, verdadeiros homens, se moviam á beira dos alqueives fumegantes, e suavam, sob o estylete em braza d'esse adoravel sol do meio dia, que traz á memoria a brutalidade sadia de um bom jantar labrego, com grandes canecas de vinho e pratos acogulados de azeitonas, á sombra de uma olaia protectora.

Foi com a magia d'este genero de arte, absolutamento racional, que Silva Porto conseguiu fazer dos indifferentes proselytos, e dos proselytos fanaticos. A breve trecho, tudo que a cachexia ainda não tinha mumificado nos velhos processos — passava-se com pinceis e cavalletes para a nova escola, seduzido pela justeza do ponto de vista, e pela amplidão extraordinaria de campo que elle deixa ás manifestações do talento individual. Assim, por exemplo, Ramalho, que tacteava a verdade sob a meia-luz do ensino de Annunciação, encontrava-se de subito em plena luz de positivismo artistico, sob a direcção do illustre paizagista, e revelava se. ¡Revelava-se! elle, que até então, na pedagogia academica, dava esperanças de vir a ser um tão bom *fruit sec*, um tão bom encodeador de telas! E ainda hoje, elle é o exemplo do maior escandalo que jámais envergonhou a arte official, essa arte que tanto se promettia educal-o para a mediocridade honesta, em que se apanha a gloria dos museus, a consideração da critica auctorisada por lei, as encommendas das egrejas ricas e a admiração dos basbaques.

*

Porque é o peor defeito da escola antiga, esse de não ser boa nem má, de não dar presa aos en-

thusiasmos nem ás indignações. Ella é uma coisa que para ahi está pacatamente, como um direito adquirido. Se lhe fallarem na Arte, ella póde objectar com o Codigo. Deante de cada quadro que ella produz, o espectador, sem nunca o ter visto, fica dizendo para os seus botões que o reconhece, que elle não lhe é estranho. Como que se suspeita ali uma existencia surda de amanuenses com a palheta enfiada no pollegar, e de artistas com a manga de lustrina enfiada no braço, de decretos com força de lei a regulamentar o Bello, de circulares em grandes folhas de papel Tojal, a esclarecer duvidas suscitadas; e machinalmente se recommenda á Critica que se não approxime, que deixe o campo á syndicancia, porque se tracta de um abuso de perspectivas ou de um alcance de vermelhão.

Bem ao avesso d'este genero bem-creadinho e correcto, os nossos modernos artistas trazem para os seus quadros os seus defeitos, tantos quantos a disposição peculiar do seu organismo lhes suggere. Tractam de copiar a natureza tal qual a vêem, e não tal qual se tinha convencionado vêl a; d'onde resulta que as suas obras vivem da sua propria vida e guardam o calor do seu proprio talento, assim engendradas n'um impeto de impressão pessoal, atravez do estado do espirito do artista. São os defeitos que tornam uma obra humana, sem essas pretensões ridiculas a ideal que nunca poderam dar senão monstruosidades na linha e extravagancias na côr, querendo á fina força corrigir o existente.

*

As trez exposições do grupo do *Leão* valem muito, não pela fecundidade nem pela variedade das obras expostas, mas pela energia do protesto e pela educação artistica que teem dado ao nosso publico. Evidentemente, nem todas as telas expostas teem sido obras-primas; algumas, mesmo, são

detestaveis; ¡mas como certas d'essas telas, — a *Salmeja* de Silva Porto, retratos de Columbano, o *Lanterneiro* de Ramalho, umas capoeiras de Gyrão, e outras,—seriam merecidamente disputadas a *banknotes* no estrangeiro, longe d'este nosso meio, pobre e ainda mal iniciado!

Assim, supponhamos que os auctores vivem longe, muito longe, em Pariz, por exemplo. Cada um d'elles habita um palacetesito na avenida da Imperatriz, dá jantar todas as semanas, vae ás *terças-feiras* da *Comédie-Française*, apparece de fugida n'um salão em voga, e todas as manhãs toma no pavilhão de *Madrid* o tradicional copo de *Madeira*, mesmo sem se apear. E' hygienico; de resto, cada amazona que passa admira as finas nervuras do cavallo, — ¡é claro que o cavalleiro beneficia d'essa admiração! — e depois, o tilintar claro da barbella no freio, emquanto que o resfolegar do bicho derrama um vapor na madrugada fresca, dá o melhor tom a uma personalidade que o talento idealisa. E' necessario fazer trez *toilettes* por dia, frequentar o *enceinte du pesage* em Chantilly, ter uma telha furiosa de quinze dias pela dansarina mais feia da *Opera*, não faltar a uma larga distribuição de cartões de visita em dia de Anno Bom, saber saudar uma duzia de senhoras a um tempo, — ¡não é facil! — e, finalmente, fazer-se attribuir muitas excentricidades, tomando o cuidado de jámais commetter nenhuma. Assim postado na vida, o artista recusa-se terminantemente a fazer o retrato de um deputado republicano que teve a audacia de lhe offerecer quanto elle quizesse, faz contar o caso n'um *entrefilet* do FIGARO, com uma allusão muito subtil ao seu horror pela questão de dinheiro, e está apto para vender qualquer d'essas telas por uma somma que aqui chegaria para pagar a exposição inteira.

¿Que querem? isto da gloria é uma coisa que se não dá bem com a modestia dos compendios de

moral. Cresce no largo sol da publicidade, no rumor das multidões, no rufar victorioso dos tambores que aguçam a curiosidade, o interesse do publico; e é feita de muitas coisas bellas com bastantes coisas feias, de genio, de charlatanismo, de pequeninas intrigas aliás bem inoffensivas. ¿Porventura não será justo chamar a attenção, que tem o fraco de passar indifferente pelas superficies, para o talento verdadeiro, que morreria no desdem universal? Decerto; e nem sequer existe o perigo de que ella se ligue indissoluvelmente ao que é mau, porque não tarda a dar pela fraude e a vingar-se com valentia. E' que o conflicto pela existencia alargou-se hoje a tal ponto, que cada grande espirito precisa ser ao mesmo tempo um grande finorio, para atravessar a concorrencia dos mediocres, dos mediocres que em regra accumularam a energia d'aquellas duas qualidades na peor, como dizem que os cegos de um olho accumulam no outro todas as suas faculdades de percepção optica.

*

E' justamente essa manobra, o *réclame* omnipotente, que entre nós se não sabe fazer, e cuja falta tornará sempre mediocre o mais justo successo. O *réclame* bate a curiosidade publica e levanta-a, como se levanta uma espuma de sabão. E este anno, sobretudo, a exposição do grupo abriu-se quasi sem uma expectativa do publico, decorreu sem o enthusiamo que merecia, fechou-se sem Lisboa dar por isso A culpa, dizem os artistas que é da Critica; da Critica que faltou ao seu posto, e que nem um cartucho queimou na refrega. Entendamo-nos:—a Critica não faz *réclame;* o *réclame* é um expediente de negociante, mais ou menos delicado, mais ou menos brutal, operando directamente sobre as massas, emquanto que a Critica se dirige a uma fracção muito restricta do publico, fracção

que em geral tem as suas opiniões proprias, e que apenas investiga as alheias por uma especie de curiosidade, quasi sempre na esperança de se vêr apoiado.

Ahi está a Arte official, arte desprezada e vilipendiada, indo installar se aonde a Arte moderna e dissidente creou uma corrente de sympathias: — isso é que é *réclame*...

XVI

PERGUNTA TOLA!

Os acontecimentos parece quererem justificar o velho preconceito, — de que uma catastrophe publica coincide sempre com os grandes phenomenos astronomicos. Ao eclypse do outro dia correspondeu a pergunta feita por um jornal de Coimbra aos seus assignantes: — *Quaes são os tres escriptores contemporaneos mais notaveis de Portugal?* A redacção d'esse jornal fazia a pergunta a todos os seus leitores de Portugal e Brazil, e a todos os leitores dos jornaes que a transcrevessem.

Por uma unanimidade commovente, todas as gazetas portuguezas transcreveram a pergunta; e n'um prazo de quatro dias, Portugal inteiro soube que estava aberto o mais extraordinario plebiscito de que ha memoria, para se averiguar ao certo, — — já que não merece conceito a Critica, — quaes os tres escriptores contemporaneos cujos nomes deverão ser inscriptos definitivamente no livro de oiro da litteratura nacional.

Como é que esta pergunta não partiu da *Asso-*

ciação dos Jornalistas? Pela sua extravagancia, pelo seu arrojo, pela sua originalidade, ella merecia ter nascido na rua da Horta Secca, onde jazem os fructos peccos da litteratura indigena, e ter vindo por ali abaixo, como um cão, de lata ao rabo, através de todas as curiosidades amotinadas na sua passagem, ribombante e grotesca, até que o guarda-portão do *Hotel Universal* a apanhasse ao virar para a rua Nova do Carmo, e a entregasse a um policia, que naturalmente iria correndo atraz d'ella com o terçado desembainhado. Ella estaria a estas horas n'um calaboiço do governo civil ou n'uma cella da casa de correcção; e os espiritos não andariam transtornados, a passar noites em claro para chegarem a formular uma resposta digna de pergunta tão inesperadamente feita. Ha uma anciedade entre o publico; fazem-se conciliabulos nos cafés, nos theatros, nas ruas, dentro das casas, em toda a parte onde ha duas vozes para discutirem ou duas opiniões para marrarem uma na outra. Entrou a sizania em familias até aqui muito unidas; cada qual quer impor as suas sympathias litterarias e levar á victoria o seu candidato; a catastrophe, emfim, accentua-se como uma guerra civil prompta para fazer explosão. E no fim de tudo isto, o que é que saira do plebiscito no dia 25 de dezembro, data fixada para a proclamação dos triumphadores? Que nomes serão annunciados ao mundo? Que glorias litterarias serão consagradas solemnemente e solemnemente impostas á historia?

Se por acaso pudesse haver algum interesse em determinar com todo o rigor absoluto os nomes dos tres escriptores contemporaneos mais notaveis de Portugal, a CHRONICA toma a liberdade de objectar que não é aquella a melhor fórma de investigação, nem é aquella a melhor formula da pergunta. Isto não são coisas que se perguntem a um publico inteiro, onde só uma pequenissima minoria

dispõe dos elementos criticos que poderiam dar garantias do bom senso da resposta; e quando uma redacção,—em que se presuppõem capacidades feitas para imprimir uma direcção ao espirito publico,—colloca assim a sua auctoridade em subserviencia perante a massa anonyma dos seus leitores exhautora-se a si propria. Por outro lado, o que vem a ser um escriptor hoje em dia, democratisada como está a sciencia e popularisada como está a litteratura? Na sua mais lata accepção, escriptor é aquelle que escreve: mas d'ahi até ao ponto culminante em que o escrever é uma arte,—a mais complicada e a mais extraordinaria de todas as artes,—ha gradações sem numero, entre as quaes seria necessario estabelecer bem nitidamente qual constitue o objecto do plebiscito aberto. De resto, não ha phrases possiveis quando se trata de culminancias. Victor Hugo é um só, como o Hymalaia é só um. Dar companheiros aos deuses, é diminuil os. O meu collega de Coimbra está reconhecendo a esta hora que a sua pergunta entra na classe das *perguntas innocentes*,—d'essas a que se encolhe os hombros com um sorriso.

De resto,—estabelecido que o escrever póde ser um officio, ou uma sciencia, ou uma arte,—o escriptor tem de se affirmar como artifice, ou como sabio, ou como artista. Em qual d'estas tres divisões será necessario escolher tres nomes? E depois, cada uma d'essas tres divisões comporta um numero indeterminado de sub-divisões; a qual d'ellas será necessario limitar a escolha? Se é a *sciencia* da escripta que está em questão,—a sciencia raciocinada e codificada, reduzida a fórmulas academicas e a disciplinas classicas,—o grande nome a proclamar é o do sr. Camillo; mas se, entre a *sciencia* e a *arte*, se trata de collocar nomes adiante de cada genero litterario, teremos de proclamar como historiador o sr. Oliveira Martins, como poeta o sr. Guerra Junqueiro, como dramaturgo, o sr. Antonio

Ennes, como critico de costumes, o sr. Ramalho Ortigão, como critico de arte o sr. Silva Pinto, como polemista o sr. Rodrigues de Freitas, e como chronista, emfim, o sr. Jayme de Séguier. Qualquer d'estes nomes é um e só; comtudo, estejamos preparados para vêr o plebiscito de Coimbra, — falseado por deficiencia de critica, — ir buscar os seus tres nomes ao *officio*, onde cada subdivisão da *sciencia* tem o seu *pendant* correspondente, estabelecido como uma especie de concorrencia commercial feita pela arte industrial á arte pura.

Entretanto, interroguem-se duzentos mil cidadãos que estavam tranquillos em suas casas, e peça-se ás suas duzentas mil consciencias que, em boa justiça, pronunciem um *veredictum* sobre a questão de se averiguar quaes são os tres escriptores contemporaneos mais notaveis de Portugal. Faça-se o escrutinio; ao cabo d'elle, apenas haverá sobre a meza da votação, em listas de todas as côres e de todos os formatos, o papel velho de duzentas mil opiniões, d'onde será talvez facil extrair a maioria de tres sympathias, mas d'onde não será jámais possivel tirar a limpo a sombra d'uma critica. E' uma rematada loucura querer apurar semelhantes questões da massa d'uma população anonyma, e arvorar em juizes alguns milhares de cidadãos que podem ser muito bons paes de familia, muito bons amigos, muito bons funccionarios publicos, muito bons inquilinos, mesmo, — mas que se encontram no meio d'esta responsabilidade pouco mais ou menos como um furacão no meio d'um armazem de porcelanas. Antes de serem juizes, — elles deveriam ser julgados.

De resto, a *arte* fica sempre como a mais alta e mais fina expressão do Bello na escripta, pairando em eminencias, aonde só vão comprehendel a os espiritos afinados por uma educação que chega a affirmar-se hysterismo. Ahi, a preoccupação scientifica da palavra desapparece, e fica apenas a so-

brexcitação artistica com a sua commoção vibrante de Creador em pleno trabalho genesico, com a sua nevrose, com o seu extase vagamente sensual e vagamente dolorido. N'esse zenith de oiro da palavra, — todo moderno, — o trabalho do escriptor participa de todas as artes e faz tábua raza de todas as convenções. Foi assim, — por entre phrenesis, que só podem ser comprehendidos do esculptor, desfazendo cincoenta vezes a sua *maquette* para alcançar o ideal concebido — que se fez a *Salammbô*, e o *Rouge et le Noir*, e o *Nabab*, e o *Assommoir*, e o *Charles Demailly*, e o *Mandarim*, — livros que são monumentos, e monumentos que encerram todas as manifestações da arte como cathedraes da Edade Media, em cujas paginas a phrase tem relevo e côr, em cujas phrases a palavra ri ou chora, e em cujas palavras cada lettra faz um traço de buril, ou um golpe de cinzel, ou uma pincelada.

E' n'esse campo que deverão ser eleitos os tres escriptores contemporaneos mais notaveis de Portugal? Então, a CHRONICA apresenta os seus candidatos: — primeiro, o sr. Eça de Queiroz; segundo, o sr. Eça de Queiroz; terceiro, finalmente, o sr. Eça de Queiroz.

XVII

O PLEBISCITO LITTERARIO

Eis-me pela segunda vez em face do plebiscito litterario. O jornal que inventou essa applicação nova dos processos democraticos, n'este tempo que ao principio das maiorias se está dando uma soberania tão larga, força-me pelas suas amabilidades a vir consolidar e desenvolver argumentos já expostos. Que Deus lhe perdôe, — fazer-me escrever a uma terça-feira, dia aziago em que todas as potencias do Inferno, como é geralmente sabido, andam á solta no Mundo, tentando almas para irem povoar a *cidade da eterna dor*. A CHRONICA tencionava hoje ficar em casa, vendo da sua janella o desfilar das nuvens no firmamento indeciso, e o pestanejar do sol inverniço ao de cima das casarias: e terá, pelo contrario, de se armar para combate em campo aberto, — como se não tivesse boas razões para se arrecear dos manejos de Satan. O Céu me é testemunha de que vou para a guerra, — pelos cabellos; e de que offereço este saerificio em desconto dos meus peccados: — que não são poucos.

Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. *Amen.*

*

E' bom recordar que o IMPARCIAL DE COIMBRA, em artigo transcripto por quasi todos os jornaes do paiz, perguntava quaes são os tres escriptores portuguezes actualmente mais notaveis, pedindo ao *publico em geral* o favor de uma resposta, e manifestando o desejo de que o numero de votantes fosse *o maior possivel*. Com o resultado d'essa votação, o IMPARCIAL comprommettia-se a fazer *a mais imponente apotheose* de trez homens, dos quaes faria *o elogio e a biographia* n'uma edição de luxo. Como se vê, limitei-me a transcrever as passagens principaes do artigo, que aliás a redacção tem repetido em todos os seus numeros, e que — como convinha a um documento de tal ordem, — affecta a concisão austera de um capitulo de Tacito.

D'esta base em deante, não ha mais a fazer do que repetir em todos os tons: — Não ha argumento, nem explicação, nem subtileza que possa justificar o recurso á opinião publica para se apurarem o nome dos trez escriptores contemporaneos mais notaveis de Portugal Foi, indubitavelmente, á opinião publica que o jornal de Coimbra recorreu. A opinião publica, entretanto, é uma cousa mal definida, que deveria ser a somma de todas as opiniões individuaes, e que não passa de ser a hybrida mixordia de todos os caprichos, de todos os interesses particulares, de todos os erros de entendimento e de todos os desvios de bom senso que boiam á tona d'agua de uma população inteira, como a escumalha dos seus defeitos e dos seus vicios, organicos ou accidentaes. A opinião publica — faz-se. Todos nós sabemos como ella se faz, para as necessidades de cada dia, e como da sua fabricação secreta, nas *arrières-boutiques* do pensamento a tres tostões mensaes por assignatura, se sae revoltado até á nausea, de mangas arregaçadas e braços cautelosamente nús até ao cotovêllo. A opinião publica!... Mas a

opinião publica é o IMPARCIAL, é cada um dos nossos camaradas que tem uma pena rasoavelmente elastica, é o prior da minha freguezia... E quando todos os homens politicos são unanimes em reclamar para ella, — n'essa coisa tão simples que consiste em escolher procuradores zelosos dos interesses materiaes, — todo o genero de garantias pela instrucção e pela educação, — havemos nós de lhe conferir tranquillamente uma soberania de ordem moral e de ordem intellectual, perguntando-lhe a ella — a ignorante,—quem são elles,—os sabios!...

A redacção do IMPARCIAL, ao prometter solemnemente uma edição de luxo com o elogio e a biographia dos homens que a opinião publica lhe indicasse, não collocou a sua auctoridade em subserviencia perante a massa anonyma dos seus leitores. Não, não foi a sua auctoridade: — foi a sua propria consciencia, foi a sua propria critica, foi a propria essencia das suas sympathias litterarias e das suas preferencias artisticas. E' que os tempos correm doentios: — anda no ar, por esta era de angustias, como que a demencia da senectude dos seculos, a morbida vibração d'um estonteamento que se manifesta em perversões de toda a sorte, e que nos precipita exhaustos aos pés do extravagante, do excentrico, do desnorteado, esbaforidos de hysteria, a fazer gala da nossa propria pusilanimidade perante o enxurro. Aquella interpellação ao publico é um symptoma da doença do tempo. E como explicar de outra maneira, delicadamente, que se faça gala de estar prompto para lavrar o elogio e a biographia dos primeiros tres homens eleitos por aquelle novo suffragio universal?

De resto, se é incontestavelmente verdade que na massa anonyma ha opiniões reflectidas e conscientes, formadas á custa do criterio, da leitura e do estudo, não é menos verdade que essas, não acudirão a communicar a sua resposta á redacção em carta fechada, que a redacção não teria elementos

para se proceder a uma discriminação entre essas opiniões e as outras, que as opiniões irreflectidas e inconscientes estão para as contrarias como 1 está para 1000, e que o escrutinio, finalmente, não teria o direito der eduzir a proporções infinitissimaes uma votação pedida ao *publico em geral*, pedida *ao maior numero possivel* de vontades. Dadas estas premissas que eu não declaro luminosas como a propria Verdade — por modestia, já se vê, — apenas á redacção do IMPARCIAL restará a consolação de declarar — «*que se curva deante da opinião publica*» — segundo a phrase consagrada pelos partidos da opposição. Mas... — saiba a redacção do IMPARCIAL!—... ellas curvam-se para formar melhor o salto da desforra. Qual curvar nem meio curvar! Um homem que tem um principio social nos seus planos, é mais forte, — elle sósinho, — do que a opinião publica em pezo, mesmo quando elle se revolta, como os menores sob tutela. E senão, para que serviria a ficção salutar do papão, e mais as ameaças do quarto escuro?

Não estamos acostumados, bem sei, a ouvir dizer estas coisas. Ha uma selvageria impudica em escrevel-as, quando o costume é apenas pensal as, e quando já de si é audacia o dizel-as em conversação de amigos, á bocca pequena, com um grande terror dos convencionalismos hypocritas. Entretanto, do mesmo passo que reconhece os perigos d'uma votação anonyma, o IMPARCIAL declara preferil-a á Critica com *C* grande, exercida por criticos que apenas merecerão o *c* pequeno. Meu Deus! dir-se-ia que alguem o poz implacavelmente n'essa alternativa de optar! Demais, isso a que o jornal de Coimbra se refere não é a Critica: — isso é o esvurmar d'uma coisa ruim que nasce entre redacção e botequim, em cerebros povoados de teias de aranha e onde é sempre noite cerrada. Mas ha a Critica digna, com uma larga educação; e quando a CHRONICA citou o sr. Silva Pinto, indicou o representante mais auctorisado d'essa potencia, sagrado por uma

vida inteira de lucido e honesto trabalho que o alevantou do nivel da opinião publica, apezar da sua franqueza que vae até á brutalidade, ou antes justamente por causa d'essa brutalidade que tem a sua origem na consciencia onde é sempre dia claro.

Perguntar quaes são os tres escriptores contemporaneos mais notaveis de Portugal, no tempo em que a propria divisão de escolas litterarias está reduzida a uma simples subtileza escolastica, é a maior das *scies* que se podiam inventar para pôr em pleno relevo a loucura da investigação do Absoluto. Concebe-se, em rigor, que cada um dê a resposta áquella pergunta deante da familia, depois de jantar, na doce irresponsabilidade d'uma situação em que o paladar guarda ainda o sabor voluptuoso do ultimo gole de café e do ultimo dedal de *cognac*; mas não se concebe que transmitta essa resposta á publicidade, pausadamente, dentro d'um *enveloppe* franquiado com a respectiva estampilha. Comtudo, o Imparcial affirma que eu responderia sem hesitação a uma pergunta assim formulada: — *qual dos tres escriptores, Camillo, Thomaz Ribeiro e Antonio Ennes, é o mais notavel?* Mas isso é resumir a questão geral a um incidente especial; é simplificar extraordinariamente uma situação complicadissima. Dada a crueldade da alternativa, e comprehendido quanto ha de escabroso em transportar uma discussão para o terreno das individualidades, a resposta seria facil. D'aquelles tres escriptores, — o sr. Camillo, o sr. Thomaz Ribeiro e o sr. Antonio Ennes, — o mais notavel é... o sr. Eça de Queiroz.

*

E emfim, peço a palavra para um incidente pessoal. Agradecendo ao Imparcial de Coimbra as suas amabilidades, que eu sei tomar como lisonjas que são, devo designadamente observar-lhe que está em erro quando escreve e insiste que o meu nome é

culminante na Chronica. Eu escrevi que essa realeza pertencia ao sr. Jayme Seguier: — está escripto. Não procedi por modestia, — que é a peior de todas as vaidades.

Entretanto, muito tempo ha que a minha penna não era commovida como hoje, ao tremer-me nos dedos para agradecer uma cortezia. Que querem? não se é impunemente artista, não... Eu não sou um chronista, meu bom e amavel camarada; sou uma especie de ourives da Palavra, quando muito, — com os pulsos alquebrados do buril que nunca chega a traduzir as filigranas sonhadas, e com o cerebro dolorido d'um ideal que nunca chega a crear corpo. E desanimo, quando ao cabo de tanto escabujar penso que eu sou eu, apenas... BELDEMONIO.

XVIII

AINDA A QUESTÃO DO PLEBISCITO LITTERARIO

Ao cabo d'uma semana, eis-me outra vez defronte do plebiscito litterario. Desta vez, porém, não é um contendor que me apparece; são tres, dedicados facciosamente ao principio da estranha eleição proposta pelo *Imparcial de Coimbra*, filados á sua idéa com uma teimosia de monomaniacos. Todos elles acham o plebiscito uma coisa rasoavel; todos elles depositam grandes esperanças de renascença litteraria no resultado d'essa coisa. E' para desesperar do mais rudimentar bom senso.

Entretanto, é tempo de confessar que as minhas duas chronicas anteriores foram um simples artificio, destinado a reduzir o *Imparcial de Coimbra* a um entrincheiramento ultimo. Conseguido esse resultado, a questão simplifica-se. O *Imparcial de Coimbra*, com effeito, já manifesta bem claramente que o seu plebiscito não póde produzir resultados d'um valor critico, sobre a questão de se averiguar quaes são os tres escriptores portuguezes mais notaveis da actualidade; mas sim que apenas dará

a nota das sympathias publicas por tres nomes. Acha elle que já isto não é pouco, e mostra-se todo soberbo com esse ideal. Concorda em que os votos inconscientes constituirão na massa geral uma grande maioria, sob a qual ficarão esmagadas as opiniões reflectidas, formadas á custa do criterio, da leitura e do estudo; e, como a Chronica disse que estas ultimas não acudiriam a communicar á redacção a sua resposta, adverte-me que eu faria um bom serviço causticando o indifferentismo nacional, — «*que não desperta para coisa alguma util.*» — O *Imparcial de Coimbra*, como vêem, acha util aquelle plebiscito com todos os seus defeitos, com a sua insignificancia como instrumento de critica, e com toda a puerilidade que o colloca na classe dos passatempos de sala. Acha elle util aquillo! e queria que eu incitasse os criticos a pronunciarem-se, para comprometterem a sua responsabilidade no contacto degradante d'essa opinião publica que os venceria sob a brutalidade do numero...

De resto, a Chronica já explicou que nenhum interesse póde haver em determinar com todo o rigor absoluto quaes os tres escriptores portuguezes mais notaveis da actualidade, e já poz em plena evidencia que nenhum meio ha de lograr tal resultado, porque uma questão de preeminencias litterarias, — pela propria essencia da litteratura e pela propria essencia do gôsto, — é absolutamente insoluvel, excepto para cada opinião individual em particular. E como, d'essas opiniões individuaes, a grande maioria é inconsciente, irreflectida e tola, segue-se que o quociente d'um escrutinio plebiscitario seria tolo, irreflectido e inconsciente. Não ha fugir d'aqui.

O *Imparcial de Coimbra* não attinge, — declara-o francamente, — certas subtilezas de raciocinio que encontra na ultima chronica. Assim, não comprehende como o chronista, intimado a declarar qual dos trez escriptores, — Camillo, Thomaz Ribeiro

e Antonio Ennes, — é o mais notavel, declara escolher o sr. Eça de Queiroz. Não comprehende, elle que viu exposta antes d'essa escolha paradoxal uma razão de delicadeza, e de repugnancia pelas derivações para o campo das individualidades. E o chronista renuncia a fazel-o comprehender, porque já uma vez o principe de Talleyrand exclamou: — «*Si vous ne comprenez, comment voulez-vous que je vous fasse comprendre?*» —

E' n'estas condições, — sabendo que o plebiscito será votado por uma enorme maioria de opiniões inconscientes, e que o seu resultado apenas será um *successo de sympathia*, — que o *Imparcial de Coimbra* se compromette a cosinhar n'uma edição de luxo o elogio e a biographia dos trez escriptores escolhidos por aquella opinião publica que nós sabemos. E' n'estas condições que o *Imparcial de Coimbra*, segundo as suas proprias palavras, quer fazer a mais imponente apotheose de trez homens. Extraordinaria apotheose que deve ser essa! Fazer com semelhantes elementos a consagração de trez nomes para a posteridade, n'uma ceremonia solemne em que a musa da Historia celebra de pontifical defronte do Livro de Oiro dos genios, é a coisa mais phantastica de disparate que podia ser inventada por uma imaginação em delirio. Sómente, uma tal consagração descamba em *pochade*, com musica de Offenbach e guarda-roupa do Cohen. Tenhamos a logica do grotesco. E' necessario, n'uma apotheose d'esta ordem, mandar fazer tunicas de panno crú para os glorificados; e ninguem duvidará que as corôas devem ser feitas de velhas gazetas, ou de cascas de batatas.

Mas um dos meus adversarios, terminando o seu artigo, exclama: — «*Fizessem esta pergunta ha vinte annos para traz, e eu quero ver se esta grande maioria, — que Beldemonio accusa, — deixaria de apresentar unanimemente, em todas as listas, os trez nomes seguintes: Herculano, Garrett, Castilho.*»

Fez o meu adversario muito bem, em pôr no meio o nome de Garrett. Herculano e Castilho poderiam entregar-se entre si a violencias condemnaveis, sem essa interposição prudente. Mas quem soffre é Garrett, talvez, porque o velho dictado latino é um erro e um preconceito: — *inter duo litigantes*, o terceiro é que apanha.

Fica comtudo, d'aquella hypothese formada pelo meu adversario, a acta lavrada d'uma escolha de trez homens que seriam as culminancias litterarias de Portugal em 1864; e entretanto, d'esses trez homens, um quiz fazer no estylo a paizagem da natureza que o cercava, — mas era cego. As suas pinturas, falseadas pelo peccado da origem, sairam incongruentes, a ponto de ninguem as reconhecer na natureza real; arrastavam-se deploravelmente n'uma tela de reminiscencias classicas, atravez de todos os logares communs estafados por vinte gerações de plumitivos, que se tinham divertido a pintar o sol, as arvores, as flores, o horisonte franco e largo, — no recesso tranquillo dos seus gabinetes, á luz dos seus candieiros, — e que assim compozeram para uso rhetorico da litteratura uma natureza artificial, com palavras nobres postas a prumo sobre ideias preconcebidas. Não tinha olhos para ver, não tinha instrumentos de analyse para o seu trabalho; mas d'isso mesmo lhe quizeram fazer uma gloria, como se elle, á falta da faculdade da visão, não tivesse outras faculdades para applicar a outras occupações. Quizeram desculpal-o com a objecção de que era cego, — uma objecção que apenas o podia desculpar de não ver; e a Chronica, entretanto, apezar do receio de que a não comprehendam no intuito do seu paradoxo, tem fatalmente de retorquir n'uma formula apparentemente cruel:

— «Se era cego, que o não fosse!» —

XIX

PLEBISCITO... E PONTO!

A questão do plebiscito litterario, ao que parece, não terá fim. Pela sua parte, o chronista vae escrever sobre ella as suas ultimas palavras, e voltar-lhe em seguida as costas com a sua mais bella insolencia, como a um importuno que nos toma demasiado tempo.

E' um adversario, um só, que me resta; e esse talvez fiado no meu silencio perante o tedio d'esta questão absurda, escreve no seu ultimo artigo: — *Apenas o ultimo periodo do meu artigo mereceu a Beldemonio a graça d'uma discussão;...* — *Visto este exclusivismo de argumentação, continuaremos supponde verdadeiras todas as outras considerações por nós ali expendidas. Reconhecendo o distincto escriptor a força das nossas observações escriptas em defeza da grande maioria* INCONSCIENTE, *procura então na sua 14.ª* CHRONICA DA CAPITAL *deprimir-lhe o alcance, com phrases onde a crueldade põe manchas ironicamente condemnaveis, atirando á execração publica com o nome glorioso de Castilho, como*

quem atira para um canto com o resto d'um cadaver onde o escalpello trabalhára já.

Ora o meu adversario póde continuar suppondo o que muito bem quizer, mas eu é que lhe não reconheci coisa nenhuma. Pelo contrario, demonstrei-lhe á saciedade que o plebiscito é uma coisa inepta e impraticavel, a não ser que se esteja disposto a acceitar-lhe os infalliveis resultados grotescos. O meu adversario argumenta de má fé, attribuindo-me opiniões de que nem sequer tive a intenção. Eu expliquei lhe como se fabricava a opinião publica; poderia tambem ter lhe explicado como as glorias litterarias se fabricavam, citando-lhe o jornal onde uma vez saiu o elogio precisamente de Castilho, — assignado pelo proprio Castilho. Mas pareceu-me inutil similhante luxo de demonstrações; aquelle caso de elogio proprio, denunciado por um lapso de revisão ou por uma maldade de typographo, não podia deslustrar o vate sem lustro que passou a sua vida de cego a dar se ares de vidente, nem inculcar o terror aos aterrados eunuchos da Arte que o tinham tomado para *fetiche*, pensando que destingiria sobre elles alguma coisa da consideração que lhe dispensassem De resto, a Chronica está n'um dos seus dias bruscos, e não quer gastar cera com ruins defunctos.

Entretanto, apezar da sua má fé ou talvez justamente por causa da sua má fé, o meu adversario dá mostras d'uma incontestavel esperteza tentando desviar a questão do seu assumpto para o incidente do nome de Castilho. Nada, a Chronica não *atirou á execração publica* com coisa nenhuma, e muito menos *como quem atira para um canto com o resto d'um cadaver onde o escalpello trabalhara já.* Mancebos que daes os primeiros passos na litteratura! sirva vos de exemplo, n'aquellas palavras pantafaçudas, até que terriveis effeitos póde conduzir o abuso da rhetorica. Ha ahi alguem que me visse atirar com alguma coisa, com o resto

d'algum cadaver em que o escalpello trabalhara já? Tanto mais que o chronista teria principiado por lhe não pegar... Por que estranha depravação de todos cs principios do aceio poude o meu adversario depositar similhantes palavras a um canto do seu artigo?! Pois isso é coisa que se escreva?! — «*Piquete!* digo eu simplesmente ao moço do escriptorio. *Deite uma pouca de cinza sobre essas palavras, apanhe-as com uma pá, e atire-as fóra!*» —

Mas o meu adversario, querendo defender o seu bem-amado Castilho, defende n'elle o traductor, apenas; quer dizer, defende a individualidade que não tinha sido atacada, o que é d'um processo extremamente commodo. Com effeito, a Chronica deixou essa face especial do escriptor aos fanaticos de Castilho, — a beneficio de inventario; e limitou-se a verificar que um poeta *cego* não podia jámais ter sido senão absurdo e falso, n'aquillo para que a primeira condição do escriptor é ter bons olhos. E a tineta de Castilho era justamente descrever a paizagem, as arvores, as flores, a sua lendaria primavera, o matiz dos coloridos por esses campos fóra... Uma preoccupação de monomaniaco! E chega-se a perder o respeito pelo homem, — pelo homem velho com as suas barbas brancas de patriarcha e com a sua triste enfermidade, — ao perder-se o respeito pelo escriptor, — pelo escriptor que principia por desprezar na Arte a honestidade, sem a quál não ha arte possivel, dando-nos sobre a natureza depoimentos de cego. Isto é serio? isto é honesto? Por Deus, que me ouve! eu teria a maxima sympathia humana por aquelle homem, assim enfermo e velho, de cabeça insistentemente erguida para o ar, com esse geito caracteristico e desolador dos cegos, que parecem attentos a não sei que eterna visão do ceu; dar-lhe-ia o meu braço para o guiar, caridosamente e respeitosamente, honrando-me d'esse acto como um bom e valido filho do Celeste Imperio, onde o respeito pelos velhos é

uma religião; — mas parece-me... — Deus me perdoe! — ... que não resistiria á tentação de lhe dizer alguma rudeza bem sentida se elle, na sua velhice sem olhos, descambasse em qualquer d'essas pretensões enfatuadas que foram o fundo da sua litteratura,—pretensões de rapaz que se sente valido em toda a sua perspicaz e brilhante juventude, — mas que degradam um velho enfermo, quando elle faz essa lamentavel coisa que se chama dissimular os seus cabellos brancos, a sua cegueira, a sua impotencia perante o que é visivel e juvenil, — de caso pensado e rixa velha para enganar um publico, para lhe incutir noções falsas em Arte, para fazer da Arte uma mercearia onde ha de tudo como na botica.

Comtudo, o meu adversario ameaça-me com o isolamento, por me abster na apotheose de Castilho. Estou arranjadinho! e eu que contava já com uma estatua erigida á minha gloria por subscripção nacional... Seriamente, o chronista começára mesmo a escrever o improviso com que agradeceria á nação tal honra, commovido, quando a nação lhe mandasse a respectiva mensagem de consagração pelas suas trez chronicas plebiscitarias. O meu adversario é cruel; e cruel, sobretudo, ao appoiar a ideia do seu rico plebiscito com uma opinião que lhe parece dever aplanar os ultimos obstaculos. Alguma opinião de Victor Hugo? de Voltaire? de S. Thomaz de Aquino?... Nada; uma opinião do sr. Marianno Pina. Começo a crer que o meu adversario está caçoando commigo!... — Eu vou ali dentro, — meditar.

FIM